

**LÍNGUA PORTUGUESA: UM PRETEXTO PARA O EXERCÍCIO
DO SER EM LIBERDADE ...**

por

Sueli da Costa Ferreira

11397

Dissertação Apresentada à
Faculdade de Educação
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como Requisito Parcial à Obtenção do
Título de Mestre

Dezembro - 1992

A dissertação LÍNGUA PORTUGUESA: UM PRETEXTO PARA O EXERCÍCIO
DO SER EM LIBERDADE ...

elaborada por Sueli da Costa Ferreira

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de
Educação e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como
requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Data 03 de dezembro de 1992

BANCA EXAMINADORA

Nelly Aleotti Costa

Salema Bello Lima

Marcia Mapalhão Gomes

DEDICATÓRIA

A meu pai
(in memorian)
e à minha mãe,

pelo exemplo de
honestidade,
trabalho e
perseverança
com que nos encaminharam.

Para

todos os meus alunos

de ontem e de hoje
por serem fonte constante
de i n s p i r a ç ã o
para o trabalho e
de p r a z e r, a cada
encontro humano-pedagógico.

AGRADECIMENTOS

v

*"O Senhor é meu pastor:
nada me faltará ..."*

(Salmo 22)

Agradeço por haver

tão grande mestra

que não me fez

sentir pequena:

Professora Nelly Aleotti Maia

Agradeço por haver

tão generosas mestras

que me fizeram

sentir responsável e estimulada:

Professora Balina Bello Lima

Professora Márcia Magalhães Gomes

Professora Maria Vitória T.de Carvalho

Professora Lúcia Vilarinho

Agradeço por haver

mestres que nos convidam a

perseverar num ideal

Professor Paes e Barros

Professora Elza Vieira

Professora Lilia da Rocha Bastos

Professora Hebe Goldfeld

Professora Thereza Penna Firme

Professora Lúcia Monteiro Fernandes

Professora Lydinéa Gasman

Agradeço por haver
colegas-amigos
profissionais conscientes
a quem se pode
promover a **j u í z e s**

Professora **Ariete da Rocha Duarte**
Professora **Cléa Rocha da Cunha**
Professor **Francisco da Silva Salvino**
Professora **Isis Miqueline Ferraz**
Professora **Márcia Rodrigues Camargo**
Professora **Maria Clara da Silva Cascaes**
Professora **Maria Tereza da Silva Cascaes**
Professora **Sueli de Albuquerque Fontes**
Professora **Vânia Fonseca Maia**
Professor **Vânio Marcos Lenzi**

Professora **Jandyra Chavarry Correa e Castro**

Agradeço por haver
tão colaboradora amiga
que bem soube
traduzir
sua consideração
na versão de um
a b s t r a c t

Professora **Artemis Nogueira Castro**

Agradeço por haver
uma Diretora de Escola
que dê o apoio
que o trabalho do PIC
merece e precisa
Professora **Marlene Clemente**

Agradeço por haver **pessoas**
que nos atendem como funcionários
amigos e competentes:
Ignéz, Rosângela, Maria Isabel,
Almira, Nádia e Alexandre
da Secretaria do Mestrado.

Cecília, Otacílio, Neli e Dalila
da Biblioteca.

Soninha, Airton e Dadá
da Reprografia.

Marisa, que datilografou com arte
tantas laudas...

A todos um abraço carinhoso
que os envolva num agradecimento
sincero.

ACORDAR OU... DAR A COR (?)

- acordar

como faz o **sol** com a aurora
toda manhã

- dar a cor

como faz o **sol** com os objetos
do nosso olhar

... a primeira claridade

desperta o dia (!)

... a luminosidade intensa

revela as cores (!)

- e tudo é **natural**

imanente...

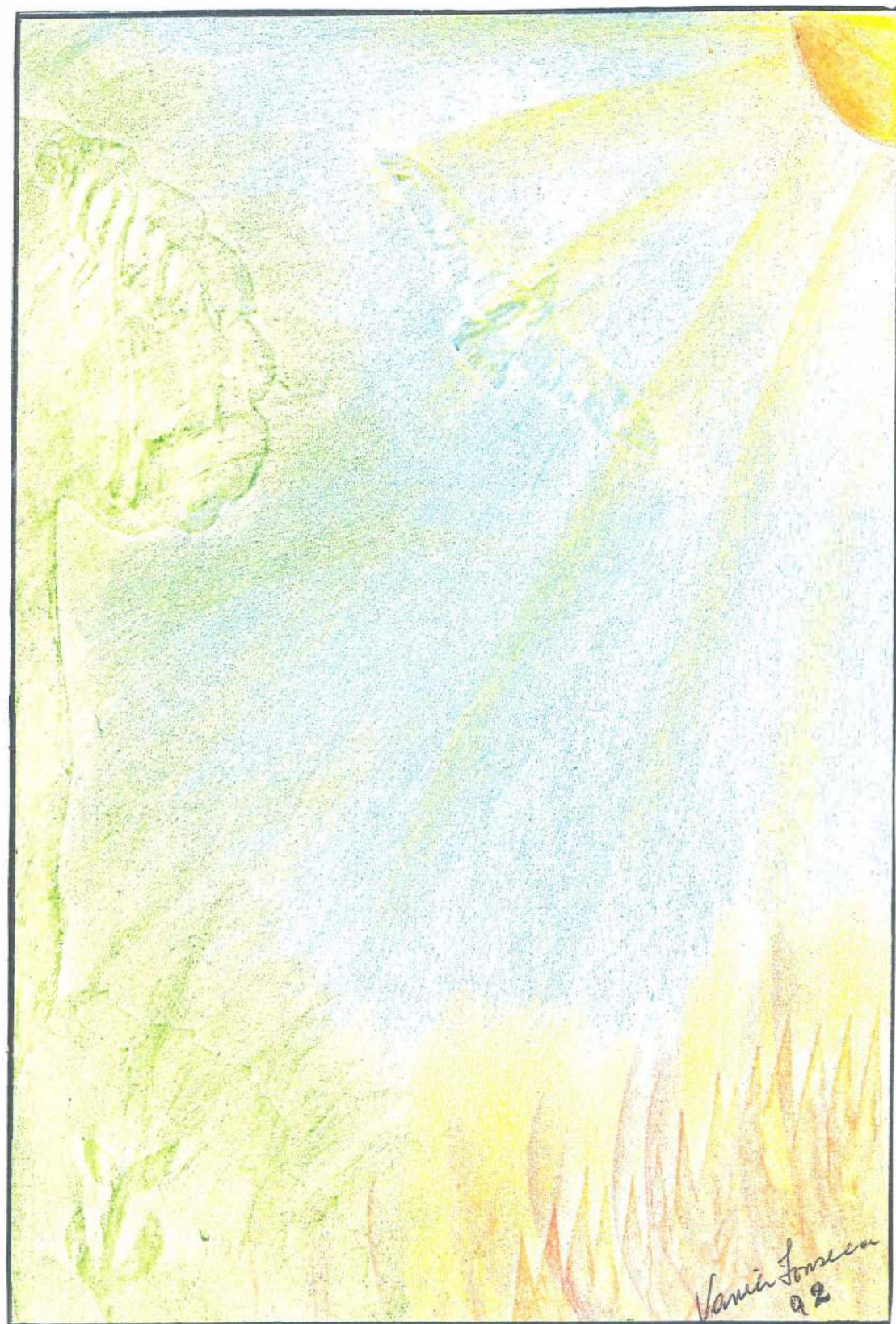
acordar

e

dar a cor

- eis a **p r o f i s s ã o**

do m e s t r e s o l...



QUANDO SOU EDUCADOR...

Sou educador
quando **pretendo** mais que o "ensinar"
porque me lembro que meus atos
valem mais que minhas palavras ...

Sou educador
quando me **conscientizo** de que
- para educar a criança -
preciso
constantemente
me re-educar como adulto...

Sou educador
quando **pratico** as idêias
que "fazem a minha cabeça"
(senão, sou apenas bacharel...)

Sou educador
sobre tudo
quando **semeio** à minha volta
o que há de **melhor**
em mim
para obter uma **saíra** da melhor **qualidade** ...

Í N D I C E

Página

| | |
|---|-----|
| LISTA DE ANEXOS | xii |
| Capítulo | |
| I. O PROBLEMA | 1 |
| Introdução | |
| Objetivo | |
| Justificativa | |
| Metodologia | |
| II. PENSO E EXISTO: CONTINGÊNCIAS DA EXISTÊNCIA HUMANA | 10 |
| O Filósofo, o Educador e o Compromisso com a Verdade | |
| O Homem Pensa: uma Questão Filosófica | |
| O Humanismo: um Desafio para os Humanos | |
| Existencialismo: o Ser em Liberdade | |
| Alunos ou... Filósofos? | |
| III. AUTO-CONHECIMENTO: O MERGULHO NECESSÁRIO | 58 |
| Corações e Mentes: os abrigos da emoção | |
| Rogers & seus Princípios | |
| IV. A SALA DE AULA: UM ESPAÇO PERFEITO PARA O CONVÍVIO HUMANO-PEDAGÓGICO | 73 |
| Educação: um Desafio Humano Pedagógico | |
| Professor & Aluno: <i>os imprescindíveis</i> parceiros na elaboração do grande texto ... | |
| V. LÍNGUA PORTUGUESA: UM PRETEXTO PARA O EXERCÍCIO DO SER EM LIBERDADE | 146 |
| Língua Portuguesa: tão inculta quanto bela... | |
| Linguística: um Conhecimento Essencial ao Professor de Língua Portuguesa | |
| Vôo Livre: Caminhos do Coração... Caminhos da Liberdade ... | |
| CONCLUSÕES | 188 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 193 |
| ANEXOS | 197 |

LISTA DE ANEXOS

| Anexo | Página |
|---|--------|
| 1. Documento Oficial do PIC | 197 |
| 2. Material Didático: uma amostra | 204 |
| 3. Com a Palavra, o Aluno | 208 |
| 4. DEPOIMENTO | 259 |

SUMÁRIO

O presente estudo se refere à importância — especificamente, para o aluno — da busca do autoconhecimento, para a conquista da auto-realização.

Trata-se da apresentação de um trabalho realizado no campo da Língua Portuguesa, com alunos adolescentes de 5ª a 8ª série de cinco escolas públicas municipais.

A fundamentação teórica subjacente ao trabalho, alvo do estudo, envolve pressupostos filosófico-educacionais inspirados no humanismo-existencialismo, bem como pressupostos psicodidáticos que, essencialmente, remetem ao ensino centrado no aluno — concepção de Carl Rogers.

O estudo revela, através da palavra dos sujeitos envolvidos como, efetivamente, a Língua Portuguesa se torna um pretexto para o exercício do ser em liberdade, evidenciando-se como "deficiência de forma" não implica, necessariamente, "deficiência de conteúdo" - o aluno, em condições favoráveis de aprendizagem, com liberdade, consegue pensar e redigir com coerência, com lógica.

ABSTRACT

This study concerns the importance of the students autoknowledge for the sake of self-achievement.

It deals with the presentation of a teaching experience which was developed in five high junior schools in Rio de Janeiro County with teenagers students.

Theoretical support is based not only on philosophical & educational concepts which come from Humanism/Existencialism, but also on psycho-didactical pressupositions which lead to the student centered teaching, according to Carl Rogers learning theory.

The analysis of the subjects' opinions - the teenagers students - reveals the way on how the working skill in Portuguese Language becomes a good and pleasant self exercise - when the students have freedom to create. It also shows us that not always "a pattern failure" means "a content failure". In truth, as the students are led to learn in liberty they will be able to think and write with coherence and criativity.

"De todos os males que afligem o homem, o mais angustiante é a consciência da perfectibilidade".

(NELLY ALEOTTI MAIA)

RECEITA LIVRE

No quadrado dos teus dias
traça círculos abertos.

Na rotina do teu desenho
inventa matizes diversos.

E, se não cabe no quadro,
violenta as molduras
espraia-te nas paredes,

fura tetos, quebra telhas,

veste asas, voa alto

e vai completar-te no espaço.

(BALINA BELLO LIMA)

"É difícil atingir o autoco-
nhecimento. Dá medo, causa
ansiedade. Entretanto, é
através desta introversão
que conhecemos nossas limi-
tações e aprendemos, dentro
do possível, a superá-las:
é sofrido, mas vale a pena".

(MÁRCIA MAGALHÃES GOMES)

CAPÍTULO 1

O PROBLEMA

Introdução

O homem. A vida. O mundo.

Estar no mundo...

Viver a vida ...

Ser homem...

Ser livre...

Desde os primórdios, o homem se vê compelido a lidar com o problema de sua existência: nasce livre e vive "condenado a ser livre" (Sartre, s.d.), sente-se, muitas vezes, desamparado "jogado-no-mundo" (Heidegger, in Padovani & Castagnola, 1978) e "está-no-mundo-para-a-morte" (Jaspers, 1973).

Precisa se auto-conhecer, para se auto-realizar... precisa decidir de seu futuro, sempre: sofre a angústia da escolha consciente.

Dotado de sensibilidade e inteligência, nem sempre conhece todo o seu potencial — eis aqui um "problema" crônico dos nossos alunos, da nossa escola: o aluno aprende de tudo (?), menos a se conhecer... (Rogers, 1978)

O presente estudo pretende tratar do problema do aluno, enquanto **ser em liberdade**, na busca do **auto-conhecimento**, para a conquista da **auto-realização**.

Objetivo

O objetivo deste estudo é apresentar uma experiência com alunos de 5ª a 8ª séries, em que o trabalho com a língua portuguesa se torna um pretexto para o exercício do ser em liberdade, na busca do auto-conhecimento para a conquista da auto-realização — uma análise à luz do Existencialismo.

A clientela-alvo pertence a escolas da rede pública municipal do Rio de Janeiro.

Justificativa

Educação em crise... ensino de Língua Portuguesa, por extensão, em crise... baixo rendimento escolar, como queixa generalizada... por onde começar? Começar pela nossa sala de aula, pelas nossas turmas. O que há muito constatamos é o aluno se sentir impotente, incapaz de vencer as dificuldades que lhe são apresentadas na sala de aula. Deve até parecer-lhe que o professor está ali para ajudar a complicar a sua vida (!), em certos momentos... Pois, diante de tal realidade, sempre procuramos pautar a nossa conduta por uma "relação de ajuda" intuitiva, que se tem aperfeiçoado — cremos — após um convívio maior com as idéias de Rogers, pois acreditamos que um ensino realizador (tanto para o aluno como para o professor) precisa levar em conta a importância do professor, mas também a importância do aluno — por sinal, motivo precípuo de uma atividade de ensino. Tem sido dentro destes princípios que temos realizado o nosso trabalho com os alunos, procurando levá-los à conscientização de suas reais capacidades, num processo de conhecer — se

melhor, de auto-iniciativa nas atividades de aula. E, dados os resultados alcançados, nestes últimos doze anos, resolvemos aprofundar o estudo desse trabalho.

A proposta do PIC, como fora concebida, contou naturalmente com a influência do fazer pedagógico, da postura docente de cada professor nela envolvido. De nossa parte, ao nos engajarmos, em 1980, nesse trabalho, não encontramos muitos obstáculos para transformar uma proposta, exclusivamente teórica em prática - atividades - pelo fato de já termos, em muito, uma linha de trabalho como a que vinha preconizar o PIC. Apenas, tornava-se então possível operacionalizar melhor e mais várias estratégias de aprendizagem, visto que as condições de trabalho favoráveis - que faziam falta no núcleo comum - eram agora oferecidas para as aulas do PIC, como, por exemplo, sala-ambiente e número menor de alunos, cerca de 20/meia turma (Segue, como Anexo 1, o Documento Oficial do PIC).

Concebemos, então a dinâmica das aulas, partindo do texto - fornecido ao aluno ou por ele escolhido - e chegando ao texto - produzido pelo aluno, tendo como grande colaborador um clima amistoso, criado especialmente para tornar aquele um convívio humano-pedagógico, um acontecimento gratificante para os alunos e a professora. E passou a ser assim cada aula/atividade:

1. contato com textos variados, inseridos na realidade afetiva e social do aluno;
2. leitura, interpretação, reflexão e debate do(s) texto(s);
3. manuseio de material didático, especialmente cria

do pela professora para provocar a auto-reflexão sobre os textos lidos e no momento do debate, com vistas ao desenvolvimento do espírito crítico;

4. produção livre de trabalhos originais e variados, cuja base, cuja matéria-prima seja **a palavra**;

5. auto-avaliação: discursivamente, ao final de cada aula/atividade, o aluno se auto-avalia, conscientizando-se de suas dificuldades e progressos (e, por extensão, avalia a aula).

Cumpre ressaltar que, nas primeiras cinco ou seis aulas, a proposição de atividade parte da professora, bem como também a abordagem de alguma noção importante para o bom desempenho do aluno nesta ou naquela atividade proposta. Daí em diante, está franqueada ao aluno a liberdade de escolha e de execução dos trabalhos - é o momento em que ele começa, timidamente, a experimentar o caminhar com seus próprios pés e escolher os seus próprios caminhos. Ali, na sala-ambiente, está o professor facilitador, à sua disposição, bem como um variado material didático (Anexo 2) com que vai-se familiarizando, a cada aula e aprendendo a utilizá-lo, como fonte de consulta ou de inspiração para os **seus** trabalhos. A orientação não-diretiva predomina, então, e os resultados são, em geral, surpreendentes, principalmente, para o aluno, que não está acostumado a experimentar tanta liberdade e... responsabilidade (!) E, assim, vai-se conscientizando de quanto é capaz de realizar, vai conhecendo melhor a si próprio e formando, subjetivamente, o seu auto-conceito. Conhecendo-se mais, ousa mais, lança-se mais confiante aos trabalhos e a consequência natural é (predo

minantemente) uma aprendizagem bem sucedida. Estes são os frutos que temos colhido e que nos encorajam (como já afirmamos) a realizar o presente estudo para, inclusive, conhecer melhor este acontecimento humano-pedagógico que tão bem reúne corações e mentes: o PIC ...

Em tempo: regemos turmas (6 grupos) do PIC e turmas de Língua Portuguesa (núcleo comum) - também nestas realizamos aulas de PIC que se integram às atividades previstas para a abordagem dos conteúdos programáticos (convencionais/estabelecidos) previstos para as demais turmas da escola.

Concebido, inicialmente, para os Centros Interescolares, lá o aluno se inscrevia para o PIC (se desejasse) e várias disciplinas de Formação Especial. Nas Unidades Escolares, o aluno era/é encaminhado para o PIC, combinando-se dia de trabalho do professor e a disponibilidade de horário da turma. Mesmo assim, procura-se atender à motivação do aluno: PIC ou Artes Industriais, PIC ou Técnicas Agrícolas.

Metodologia. Este estudo é fruto da observação, em profundidade, de um trabalho, em língua portuguesa, realizado com crianças de 5ª a 8ª séries de cinco escolas (incluindo um CIEP) da rede pública municipal - onde a pesquisadora atuou como professora regente de turma.

Os dados colhidos para este estudo o foram, antes do mesmo ser concebido: são trabalhos e auto-avaliações de alunos recolhidos ao longo destes últimos doze anos; estavam guardados para algum aproveitamento futuro - que acabou vindo.

Os sujeitos envolvidos (clientela-alvo) são alunos de

classes populares, dos subúrbios de Rocha Miranda e Santa Cruz. E, sendo a pesquisadora/autora do estudo a própria professora desses alunos, conseqüentemente integra esse conjunto de "sujeitos" envolvidos.

A instrumentação se constituiu nos trabalhos e auto-avaliações dos alunos - material já existente.

De um conjunto de cerca de dez mil trabalhos, foram retirados mil, aleatoriamente. E cada conjunto de cem unidades foi entregue a um juiz - dentre um conjunto de dez.

A escolha desses juízes se pautou pelos seguintes critérios:

- ser professor reconhecido pela autora como comprometido com a Educação (engajamento profissional);
- ter experiência como professor regente de turma: preferência para os com mais de vinte anos de magistério, predominante - mente na rede pública.

Foram então, considerados cinco professores de língua portuguesa e outros cinco professores não de língua portuguesa - estes últimos, assim se especificam: professor de matemática, professor de história, animador cultural, psicólogo e diretor. E nove dos dez juízes têm mais de vinte anos de magistério.

Das cem avaliações recebidas, deveriam escolher, no máximo, cinco - as que lhes parecessem mais significativas - e fazer um comentário crítico inspirando-se na sua prática/vivên - cia, como educador.

Foi também solicitado aos juízes que cada um desse, ao fim da análise das avaliações, um conceito seu sobre EDUCAÇÃO - e que, ao final, também se auto-avaliassem.

E assim foi feito.

As avaliações aos juizes apresentadas são fruto de um trabalho realizado com os alunos, a partir de um projeto lançado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em 1977 (Revista Estudos e Pesquisas, 1980).

O projeto se chamava **Plano Intensivo de Comunicação - PIC** e posteriormente passou a Pedagogia do Confronto no Ensino de Língua Portuguesa - foi-se extinguindo a partir de 1986 e hoje só existe em duas escolas - preservado aí, graças - em muito - ao empenho da autora deste estudo.

Dentro, então, de uma perspectiva qualitativa-fenomenológica (Britto, 1986), o estudo procurará descrever, analisar e interpretar os dados sobre o referido trabalho, a partir da pessoal forma de interpretação dos pensamentos, sentimentos e ações de todos os sujeitos envolvidos, inclusive da autora do estudo.

Segue, como Anexo 1, o Documento Oficial contendo a fundamentação teórica do PIC.

Apresentamos, a seguir, um exemplar da carta que enviamos a cada professor-juiz.

Nota: Por uma intenção de realce, preferimos grafar com hífen a maioria das palavras iniciadas por "auto", inclusive as do tipo "auto-conceito".

Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1992

Prezado Colega

Solicito a sua colaboração no sentido de avaliar e interpretar um conjunto de 100 trabalhos (avaliações e auto-avaliações) de alunos meus.

Desse conjunto você deve escolher, no máximo, 5 — os que lhe pareçam mais significativas, a critério seu.

Só a título de esclarecimento: se puderem representar **aspectos** diferentes, tanto melhor para o nosso estudo.

Redigidos os pareceres, elabore, inspirando-se no conjunto de avaliações, um conceito sobre **EDUCAÇÃO**, nos seguintes termos:

EDUCAÇÃO:

uma questão de ...

Apresente tudo em manuscrito; não assine nada.

Ao final, auto-avalie-se também.

Agradeço-lhe a urgência que puder dispensar ao trabalho.

Com um abraço,

Sueli Costa

ALUCINAÇÃO
(Belchior)

Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais.

Nem em tinta pro meu rosto ou oba-oba ou
melodia

Para acompanhar bocejos, sonhos matinais
Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Nem nessas coisas do Oriente
Romances astrais
A minha alucinação é suportar o dia-a-dia
E meu delírio é a experiência com coisas reais

Um preto/um pobre/um estudante/uma mulher
sozinha/
Blue jeans e motocicletas/pessoas cinzas
normais/
Garotas dentro da noite/revólver; "cheira
cachorro"
Os humilhados do parque com os seus jornais/
Carneiros/mesa/trabalho/meu corpo que cai
do oitavo andar/
A solidão das pessoas nessas capitais/
A violência da noite/o movimento do tráfego/
Um rapaz delicado e alegre que canta e
requebra/ [É demais?]
Cravos/espinhas no rosto/rock/hot dog/play it
[cool, baby]

Doze jovens coloridos...
Dois policiais cumprindo o seu duro dever
E defendendo o seu, amor. É nossa vida
Cumprindo o seu duro dever e detendendo o
seu, amor
Eh, nossa vida

Mas eu não estou interessado em nenhuma
teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Longe o profeta do terror que a laranja
mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas, me interessa mais.

CAPÍTULO II

PENSO E EXISTO: CONTINGÊNCIAS DA EXISTÊNCIA HUMANA

*"Conviver com o sonho e a realidade
é a eterna contingência dos humanos -
habitantes de um universo em contras -
tes que nos convida a participar como
artífices do equilíbrio para a conquis
ta do belo.*

Sueli Costa

Este capítulo destina-se à abordagem dos aspectos fi
losóficos em que se fundamenta o estudo. Compõe-se de seis
seções: a primeira apresenta o capítulo e as demais se identii
ficam pelos seguintes títulos:

- O Filósofo, o Educador e o
Compromisso com a Verdade
- O Homem Pensa: uma Questão Filosófica
- O Humanismo: um Desafio para os Humanos
- Existencialismo: o Ser em Liberdade
- Alunos ou ... Filósofos?

O Filósofo, o Educador e o Compromisso
com a Verdade

O homem, distinguido excepcionalmente com a capacidade de raciocinar, desta muito se tem valido para tentar entender o mundo à sua volta, o seu mundo e a si mesmo. E Aristóteles assim registrava esta obstinação humana:

Com efeito, foi pela admiração, que os homens começaram a filosofar, tanto no princípio como agora; perplexos, inicialmente, diante das dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito dos maiores fenômenos, como os da Lua, do Sol e das estrelas, assim como sobre a gênese do Universo. (Giles, 1979)

É realmente impressionante quão indecifrável é o Universo em que se encontra o homem: há mais de dois mil anos (para nos referirmos apenas a Aristóteles) este privilegiado ser da criação já era flagrado às voltas com mistérios que desvendou ainda tão parcialmente... Parece mesmo que este ser que nos diz respeito prima, essencialmente, por possuir uma natureza paradoxal: ao mesmo tempo que se manifesta limitado em seus atos de descoberta, revela-se potencialmente ilimitado na sua motivação para descobrir... O ensaio-e-erro configura-se-lhe, assim, como uma contingência perene, inevitável e, até, recursiva. A propósito, lembremo-nos do mitológico (e desastroso) voo de Ícaro, mas também do utópico (e vitorioso) voo de Gagarin... do ambicioso (e desastroso) voo da nave Challenger, mas também do inusitado (e vitorioso) voo da nave Atlantis...

Assim é ele: imperfeito, sim, mas também ousado, corajoso, talentoso, sonhador, realizador... imprevisível! O Homem.

E há tanto ainda a descobrir, a realizar, que este mesmo homem, na dimensão de filósofo, especialmente, tem no seu passado um acervo de conquistas que parecem peças de uma sinfonia inacabada: a Filosofia. O pensamento filosófico é marcado por descobertas rudimentares, descobertas arrojadas, mas sobretudo descobertas sujeitas a possíveis reformulações.

Por isto mesmo, é dever do filósofo (e, certamente, de todo pensador, de todo pesquisador, de todo educador crítico) "estar em contato constante com todos os fatos e todas as experiências, firme em nunca renunciar a seu radicalismo, à procura dos pressupostos e fundamentos da realidade" (Giles, 1979). O compromisso primordial do filósofo não é, pois, com a infalibilidade - não foi distinguido com este dom - mas, com promisso com a Verdade.

De nossa parte, queremos co-participar deste compromisso, ao apresentarmos este estudo: seja ele o retrato de uma experiência real, concreta, com alunos reais, concretos... a Verdade desses alunos, a Verdade dessa professora.

E queremos ainda reafirmar que o educador crítico tam bém muito se assemelha ao filósofo, quanto à sua convicção so bre as suas descobertas: em verdade, naquele momento,

está convencido do valor absoluto de suas posições. (...) Seu pensamento sofre as influências das épocas e das filosofias anteriores. Traz em si alguma coisa de efêmero, que o tempo vai levar. (Vancourt, 1964)

É exatamente assim que nos sentimos em relação às des cobertas feitas, durante o trabalho realizado com os alunos: estamos conscientes de que as nossas opções, os caminhos esco lhidos, tudo está, em princípio, sujeito a avaliações diferenen

tes, futuramente. Tudo está mesmo sujeito à possibilidade, à contingência do "efêmero, que o tempo vai levar..." Mas, antes, como agora, sempre o que nos move é a verdadeira convicção do efetivo valor das nossas posições - fruto do nosso engajamento profissional, humano, existencial mesmo.

Verdadeira convicção: eis um ponto-chave para se acreditar na possibilidade de sucesso de uma idéia...

Reflitamos neste exemplo da filosofia:

"...Husserl (...) esboçou um quadro pessimista da filosofia moderna, de seus conflitos internos, de sua dispersão e de sua ineficácia (...) entretanto, os críticos não se desencorajam diante das deficiências que descobrem (...) esperam, ao menos, fazer melhor que seus predecessores..." (Vancourt, 1964)

Educador, é preciso fazer do fracasso o ponto fênix do renascer...

Este estudo associa-se ao nosso trabalho em turma, numa verdadeira "operação fênix" — rejeitamos a morte da auto-realização do nosso aluno, rejeitamos a morte da auto-realização do professor (!)

E aqui estamos, expondo o nosso descobrimento, o nosso conhecimento... apenas chamando a atenção para o fato de que

"...o conhecimento se realiza em múltiplos sujeitos, que têm (cada um) sua visão diferente e parcial das coisas. Em linguagem leibniziana, diríamos que cada mônada reflete o universo à sua maneira." (Vancourt, 1964)

Por outro lado, como "não há ponto de vista univer-sal" (James, in Vancourt, 1964), desejamos que cada olhar dirigido a este estudo reserve-se, pois, o pleno direito a uma visão particular. Passemos, então, ao desdobramento do estudo...

O Homem Pensa: Uma Questão Filosófica...

E eis que em meio ao universo da criação, um ser foi, pois, contemplado com o superior dom da intelectualidade: o homem pensa (!)

Isto é problema ou solução?

Para o pensador "profissional" - o filósofo - pensar, isto é, filosofar "é ter consciência de que tal atividade exige a busca criativa de soluções, como também a busca criativa de problemas" (Giles, 1979).

Os enigmas que se apresentam ao homem são desafios à sua inteligência, reclamam soluções... Mas, a cada enigma, sucede outro, disfarçado em peças soltas de um quebra-cabeça que só os sensores de um bom radar (o filósofo) podem identificar: está em jogo a percepção intelectual... habilidade só possível ao homem.

E tudo parece mesmo constituir-se num inteligente e constante exercício da atenção:

O eu, o mundo e o outro - é isto o que vemos, mas que, no entanto, precisamos aprender a ver. É este eu, este outro, que a Filosofia procura levar à compreensão e à expressão. É com essa finalidade que o filósofo interroga o mundo e a visão do mundo, seguro de que podemos ver as próprias coisas, desde que abramos os olhos. (Giles, 1979)

Sim: "precisamos aprender a ver" - nós: os filósofos, os educadores... O educador crítico, consciente, engajado, certamente, tem compromissos de filósofo: o pensar a educação, assim como o filosofar,

não se restringe a um colóquio exclusivo e privativo do filósofo com a verdade, numa atitude de quem sobrevoa o universo e a história, como se o filósofo não se encontrasse enraizado na condição humana, que por si mesma é problemática. (Giles, 1979)

Também assim enredado pela sua condição humana, sente-se o educador; e, por conseguinte, não lhe é lícito - como não é ao filósofo - "construir um homem artificial; cumpre-lhe descrever um homem verdadeiro" (Cassirer, 1977).

Parece-nos não haver mais lugar para o filósofo (nem para o educador) isolar-se na torre de marfim, numa atitude contemplativa, de mera constatação dos problemas, ou de impulsiva contestação da realidade, apenas... cremos que o mundo pede mais; certamente, sempre pediu. O próprio Marx, num misto de crítica e exortação, sinalizava: os filósofos

não devem contentar-se em contemplar o mundo: eles devem estudá-lo para transformá-lo. Um humanismo puramente teórico pode tornar-se ópio dos intelectuais e traição do homem, sobretudo dos homens que ainda não conseguiram desfrutar da **condição humana**. (Nogare, 1985)

E, dentro do princípio maior que deve reger a Filosofia - o compromisso primordial com a Verdade - o que pode, mais verdadeiramente, inspirar as suas investigações, que a própria realidade da existência humana?

Pois, "a filosofia contemporânea tem - como a poesia - sede de realidade vivida, original e originária, concreta, individual" (Vancourt, 1964). E, dentro de tudo o que se compõe como realidade, está o protagonista, o ator, a figura máxima - o ser humano. Há quantos e quantos anos, este se pesquisa, se auto-analisa e tão pouco se conhece... E o que a Filosofia pode fazer por ele?

Parece ser universalmente admitido que a meta mais elevada da indagação filosófica é o conhecimento de si próprio. (...) O conhecimento de si mesmo é a primeira pré-condição da auto-realização. (Cassirer, 1977)

Auto-realização: estamos chegando ao ponto chave, ao fim-princípio que nos mobilizou o tempo todo no trabalho com os alunos - propiciar-lhes o sentimento real da auto-realização, via conhecimento de si mesmos. Todo o nosso esforço foi sempre no sentido de um convívio **humano-pedagógico**, cientes de que, mais que uma crença utópica, os frutos colhidos, diariamente e por tantos anos, reafirmavam a nossa convicção de que

uma doutrina e, sobretudo, uma determinada situação histórica podem ser qualificadas de **humanistas**, só na medida em que, reconhecendo o homem como um ser, de longe superior a todos os outros seres, nele vêem o objetivo e a meta de todas as atividades e de todas as instituições, no sentido de possibilitar-lhe a realização mais plena e perfeita possível de sua **humanidade e personalidade**, isto é, de sua **liberdade**. (Nogare, 1985)

Um desafio!

Pensar o homem... reconhecê-lo como humano... passar da reflexão à ação... é uma tarefa de ser humano para ser humano, que merece o nome de humanismo. Como diz Furter (1979):

O humanismo é uma tarefa, no sentido muito concreto em que devemos criar condições para que qualquer homem possa participar deste movimento. (...) A educação será humanista quando os educadores assumirem suas responsabilidades concretas, para que a prática educativa corresponda a este imperativo.

E, quando também poderão "assumir suas responsabilidades concretas" os educadores? Por que não as assumem? Questões a examinar... (num próximo estudo, certamente).

Parece estarmos assistindo a um jogo desumano: homem versus homem... Mas, o homem pensa... filosofa...

E os filósofos, o que propõem?

Um humanismo para salvar o homem do homem... como reitera Furter (1979): "O humanismo é a resposta que damos ao

mundo, que é inumano, a um universo que ignora o homem".

Em outras palavras, ousaríamos dizer: urge retirar utopias do mundo do sonho e convertê-las em fatos do mundo real...

Afinal, o homem pensa, o educador pensa... e o educando pensa...

Por tudo isto, e muito mais, acreditamos que, humanisticamente, podemos colaborar para que o homem se encontre como pessoa, como ser humano .. e que comece a fazê-lo já, dentro de uma sala de aula, por exemplo.

Pode parecer utopia, mas nós acreditamos na utopia... como "visão do que pode e deve ser alcançado, de modo a tornar o homem mais feliz, mais racional e mais humano do que tem sido". (Brameld, 1971)

O homem pensa... pensa, descobre e propõe, mas, não raro, muitos não conseguem acompanhar os passos dos pioneiros de uma idéia e, assim, têm sempre um "rótulo" preparado para designar "qualquer construção da imaginação que ultrapassa o aqui e agora, no sentido de fins culturais realizáveis". (Brameld, 1971)

O rótulo?

UTOPIA.

E o homem pensa... filosofa e fica perplexo. E, nesse momento, deve aperceber-se de que

filosofar não significa ficar perplexo por aquilo que não devia provocar perplexidade, nem cultivar a perplexidade por si só, pior ainda, fingir perplexidade. A perplexidade é apenas o início, e não o fim de um pensamento que se quer sério. (Giles, 1979)

Assim é que, em geral, o que nos foge à expectativa, nos faz também ficar perplexos. E, muitas vezes, em lugar de tentarmos desvendar o "mistério" - o diferente - que se nos apresenta, reagimos das mais diversas formas, principalmente estranhamos, rejeitamos, condenamos e... arranjamos logo aquele "rótulo" tão à mão: UTOPIA.

Pode causar-nos perplexidade "qualquer visão do mundo relativa a atitudes, práticas, idéias e instituições que fundamentam uma concepção de cultura considerada **diferente** da predominante". (Brameld, 1971) Utopia!

No entanto, essa concepção "diferente da predominante" deve se constituir apenas no "início" de um novo problema a investigar **seriamente** - não basta a perplexidade que gera o preconceito, a rejeição, a classificação "a priori" como utopia, com uma conotação negativa.

Consideramos que conseguimos realizar algo de utópico, dada a realidade desanimadora, desestimulante - para alunos e professores - que, principalmente, nestes dez últimos anos, vem-se agravando e se impondo com uma tônica de irreversibilidade que nos assusta. (Cunha & Góes , 1991)

Que educador ainda não o sentiu, não o percebeu?

Pelas auto-avaliações dos alunos, recolhidas nestes últimos dez anos do nosso trabalho, cremos poder (na seção específica) demonstrar quanto de utopia existe em conseguir - a despeito de tanto desencanto e inércia, como forças contrárias à prática educativa - tornar o nosso aluno **mais feliz, mais ra**cional, **mais humano**; propiciar que ele próprio experimente ul

trapassar o seu aqui e agora, ousando e arriscando, com empenho e responsabilidade, desenvolver um trabalho cuja concepção havia de ser - claro - uma concepção "diferente da concepção predominante".

Aliás, alguém já disse "Viver é arriscar-se". E não é?

Arriscamos: fomos semeando, analisando os frutos e aumentando a área plantada...

Permitir, não: **propiciar** que o humano brote, desabroche, em cada ser-aluno, deve certamente contribuir para um mundo mais humano - mesmo que a nossa sementeira seja pequena, do tamanho de uma sala de aula...

O homem pensa... pensa e realiza!

É assim que vemos a concreta contribuição que um pensar humanista pode e deve dar à causa da educação.

É preciso que, de uma vez por todas, pregue o humanismo quem o pratica: os oradores do discurso vazio já encheram todas as medidas (!)

Urge re-estabelecer uma ética humanista antropocêntrica - de fato - onde o homem seja realmente "a medida de todas as coisas". "A posição humanista é de que nada há de superior ou mais digno do que a existência humana." (Fromm, 1960)

E é especificamente ao Humanismo que dedicaremos a seção seguinte. Passemos a ela.

Humanismo: um desafio para os humanos. Queremos, de antemão, retomar os conceitos Brameldianos de utopia (enfocados na seção anterior), enquanto concepção "diferente da pre dominante", "construção da imaginação que ultrapassa o aqui e agora", por sentirmos uma íntima afinidade com essas idéias.

Acreditamos, até por vivência própria, que no mundo dos sonhos proliferam utopias que vão ganhando consistência até que se tornam realidades...

A realidade educacional das nossas salas de aula - inserida, cremos, no contexto maior de uma humanidade desumana e desumanizadora - torna-se, cada vez mais, a nosso juízo, um desafio a transformar a simples aula num convívio humano-pedagógico, produtivo, frutífero. Estamos ali igualados, pela humanidade do nosso ser, professor e aluno: suscitar atitudes humanas um ao outro deve se constituir numa reciprocidade, cujo passo inicial precisa ser dado pelo professor - o profissional a quem cabe, até por dever de ofício, compreender empticamente a sua clientela.

Isto é sem dúvida um exercício mais fácil para uns, e mais difícil para outros.

Às vezes é até facilitado pelo "toque" que a turma dá ao professor: há turmas amistosas que, às vezes, dão o primeiro passo para "quebrar o gelo" trazido, encarnado, por um determinado professor. Feliz aquele que percebe "a deixa" e aceita o convite e se melhora como professor, porque se melhora como ser humano.

Por tudo isto, identificamo-nos muito com Pierre Furter, quando coloca:

O humanismo é uma certa maneira de viver a nossa condição humana. Supõe, portanto, de um lado que se acredite no homem e que não se duvide das suas possibilidades. De um outro lado o humanismo nada tem que ver com um vago otimismo, porque deve ter plena e clara consciência das condições que devem existir para que esta exigência se concretize. (Furter, 1979)

Antes de concretizar os seus ideais, o homem sonha, começa a desejar... (Utopia!)

Afinal como diz a canção popular: "Sonhar não custa nada, ou... quase nada" (Que o diga Galileu Galilei!).

Mas, se bem nos recordamos,
 descobrir terras além-mar
 já foi utopia...
 voar como os pássaros
 já foi utopia...
 pousar e caminhar na Lua
 já foi utopia...

mas...

os grandes navegadores do sonho, talentosamente, corajosamente, transformaram o sonho em realidade.

A verdade é que, neste nosso humano mundo, nem sempre os seres humanos merecem compreensão dos seus "congenêres"...

Parece mesmo que até os sonhadores criativos sempre sofreram, por conta da miopia dos realistas ou céticos - aqueles que se orgulham de terem "os pés no chão"... Pois saibam estes que os sonhadores criativos constituem, por assim dizer, uma categoria especial de humanos: é do seu "delírio" produtivo, do seu potencial imaginário, que surgiram e continuam surgindo grandes invenções, grandes transformações na humanidade... O telefone celular é uma realidade que começou com o sonho de Grahah Bell... O muro de Berlim foi derrubado (!) pelo

sonho de liberdade dos alemães... Portanto, ao que nos parece, quem não merece crédito são os (desprezíveis, diria Nietzsche) "filósofos do impossível"... pois os que, acreditando na utopia, voam do pensamento à ação, merecem muito respeito e - por que não dizer - o reconhecimento de que acompanhá-los não é para qualquer humano comum... basta lembrar Da Vinci (!)

Urge, pois, que cada ser humano seja despertado para a sua vocação, ou natureza, ou essência ou... mas que se consiga "renovar a face da Terra", fazendo com que o homem tenha um mundo melhor, para que o mundo tenha um homem melhor...

Com esta inspiração e determinação, temos conduzido o nosso trabalho pedagógico (humano-pedagógico), acreditando ser até um dever profissional propiciar aos alunos, como propõe Nogare, "a realização mais plena e possível de sua humanidade e personalidade", fazendo com que o melhor de cada um aflore e se manifeste como um caráter dominante. E, assim, como este humanista pressupõe, certamente, um dia

teremos um homem completamente novo, que talvez se distancie dos atuais como o atual se distancia dos primitivos. Há ainda muitas riquezas e potencialidades a descobrir no homem. (Nogare, 1985)

Com efeito, guardadas as devidas proporções, é esta também a nossa expectativa e o nosso objetivo maior, quando, a cada ano, iniciamos o nosso trabalho com os alunos. Ter "um homem completamente novo" um dia, porque hoje ele está iniciando (ou aprofundando) o seu auto-conhecimento, descobrindo "riquezas e potencialidades" que permaneciam incógnitas pelo próprio.

Sem dúvida, o educador que faz opção por esta filosoo

fia de trabalho não pode deixar de considerar Sócrates como um grande mentor. Afinal,

Sócrates transmitiu, antes de tudo, o preceito do oráculo de Delfos: 'Conhece-te a ti mesmo', pelo qual pôde ser considerado o iniciador do humanismo ocidental - de que o 'Conhece-te a ti mesmo' se constituía sempre numa pilastra fundamental. (Nogare, 1985)

E, em sua trajetória, o humanismo ocidental passou por Sócrates, Platão, Aristóteles e chegou ao ano zero: nasceu Jesus Cristo... Deus feito homem ou mais um filósofo? O respeito à liberdade de pensamento e de religiosidade permite lidar bem com qualquer das duas respostas.

Os fatos que marcaram a sua passagem na Terra foram registrados nos Evangelhos e

os Evangelhos são a única história da Antigüidade em que pobres e humildes - não como massa, mas como indivíduos, com seu nome e sobrenome - tornam-se protagonistas, ao lado do personagem principal (...) tempos em que os pobres, os escravos, as crianças não valiam nada. Pela primeira vez, na História, todas essas criaturas começaram a ser consideradas e tratadas como pessoas. (Nogare, 1985)

O discurso do Mestre - como era chamado - fazia a multidão pensar, examinar a sua existência, o seu compromisso com o próximo, **escolher** se atirava ou não a primeira pedra na prostituta, **escolher** entre os bens materiais e o amor aos pobres e a Deus, como no caso do jovem rico - que pensou muito e **escolheu** a riqueza...

Devia incomodar os poderosos, quando recomendava que se desse a César o que era de César, bem como que quem tivesse duas túnicas desse uma a quem não tinha nenhuma.

Assim Cristo colocou as bases de uma civilização e sociedade verdadeiramente humanas. (...) É só pelo amor que se realiza a justiça: dar a cada um o que é seu.
(Nogare, 1985)

Uma nova ética estava sendo proposta, não imposta:

escolher - decisão interior do homem.

O Cristianismo traz a conscientização de que à liberdade corresponde o senso de responsabilidade: "Tudo o que fizerdes a um dos meus irmãos mais humildes, a mim o tereis feito". (J. Cristo)

Portanto, como bem pondera Nogare (1985): "Se o Cristianismo não conseguiu ainda formar uma sociedade humana, não é porque o preceito falhou, mas porque falhou a observância do preceito".

Plenamente, de acordo.

O verdadeiro sintetizador do Cristianismo, dentro do pensamento filosófico, é Tomás de Aquino. (...) Para ele, o distintivo fundamental da pessoa é ser racional, intelectual. Onde não há luz de inteligência, não há dignidade de pessoa. O animal não é pessoa e, tanto menos, a planta e a pedra. (Nogare, 1985)

Contudo, o homem no Cristianismo tem uma dimensão, uma dignidade, que lhe é emprestada pelo seu Criador. É uma personalidade delegada, transmitida.

Mas, o tempo passaria... idéias se sucederiam, século após século... e o homem, já no século XV, experienciava momentos de auto-convencimento de que ele não é só aquilo que se vê, mas tudo quanto puder experimentar, descobrir, ousar ... (Nogare, 1985). É tempo de Renascença!

E o homem - aquele ser dependente do Criador - descobre-se em sua dignidade de ser "a única criatura liberta de natureza determinante (...) projeto de si mesmo" - palavras de Pico della Mirandola. (in Nogare, 1985)

Sente-se **criador** também!

É um Humanismo que diviniza o homem, um antropocen

trismo exacerbado.

A Renascença é uma poderosa afirmação (...) de humanismo e de imanentismo, o que é manifestado pelo seu individualismo, (...) pelo seu ardente interesse pelo mundo a conquistar, dominar, gozar com meios humanos; pelo seu naturalismo que diviniza o homem material.

(Padovani & Castagnola, 1978)

A Renascença provia, então, o homem de uma força, cujo potencial total era impossível, à época, aquilatar.

Assim,

o início do Humanismo e da Renascença é rico de todos os germes que se desenvolverão no sucessivo período moderno, imanentista, em que se poderá claramente conhecer a árvore pelos frutos. (Padovani & Castagnola, 1978)

E os frutos foram variados: dentre os bons, podemos destacar a positiva influência para a cultura ocidental e a auto-afirmação do homem, até certo ponto. Em contrapartida, houve frutos tardios que viriam a se revelar maduros (e perigosos), bem mais tarde:

aos poucos, o homem se exaltou tanto, que se convenceu de ser ele criador de Deus e não o contrário; (...) Foi outra revolução copernicana, iniciada por Feuerbach, continuada e revigorada por Marx e Nietzsche e propalada hoje como a última palavra da ciência. (Nogueira, 1985)

Essa auto-mitificação do homem acabou por lhe trazer consequências desastrosas, pelo excesso com que se verificou. A propósito, detenhamo-nos um pouco, examinando alguns pontos aludidos no parágrafo anterior.

A Ciência: estranho fascínio exerce a Ciência sobre o espírito humano. Desafiadora, estimulante, fonte inesgotável de surpresas - perigosa - já inspirou autores como Aldous Huxley que, em seu "Admirável Mundo Novo", alerta ficcionalmente sobre o poder das ousadas e manipuláveis descobertas ci

entíficas. Por sinal, falta bem pouco das profecias de Huxley a se tornar realidade escancarada, nos dias atuais...

Nietzsche: teriam suas idéias ajudado a construir o muro de Berlim, um dos primeiros, radicais e inescrupulosos passos para transformar a Alemanha num "viveiro" de super-homens? Quantos "fracos" foram dizimados...

Então, repetimo-nos estas indagações de Pascal:

Que quimera é, portanto o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio? Juiz de todas as coisas, imbecil verme, depositário da Verdade (...) glória e repulsa do universo. (in del Valle, 1975)

- Eu tenho a força!

- Grande Nietzsche!

Como poderias ter sido maior...

E, quanto a Marx, parece que "o sonho acabou" (!) - ou a deturpação acabou com o sonho...

O marxismo na prática - pelo menos até agora - se comportou **desumanamente**: matanças em massa, assassinatos políticos, trabalhos forçados, campos de concentração, prisões, lavagens cerebrais, espionagem, recusas das mais elementares liberdades de consciência, expressão, movimento... (Nogare, 1985)

Que o digam os Soljenitsine, os Sakharov...

Mas, se a exacerbada auto-confiança do homem da Renascença teve, a longo prazo, efeitos colaterais negativos, também podemos separar os bons frutos que essa árvore foi capaz de produzir. É preciso saber olhar o outro lado da moeda. Analisemos...

Quanto ao insaciável desejo de tudo pesquisar, de tudo conhecer, de tudo desvendar, foi assim que se despertou e desenvolveu na Renascença "o interesse pela natureza, pela observação objetiva, pela pesquisa experimental (...) - as se-

mentes do ressurgimento das ciências experimentais modernas".
(Nogare, 1985)

No tocante ao culto das potencialidades do homem, levado às raias da loucura por Nietzsche, em algum ponto há que se concordar com sua exortação à prospecção, à auto-exploração, à auto-descoberta das potencialidades latentes no homem e que, uma vez "detonadas", podem transformar homens fracos, (desprezíveis, para Nietzsche), homens comuns, em super-homens. (Quantas vezes, alguém que se julga fraco, se subestima, se sente mesmo desprezível, não é fato?)

E, finalmente, analisando a maléfica e persistente exploração do homem pelo homem, que gera as Somálias do mundo e suas promissoras sucursais brasileiras, como negar a validade de alguns dos pressupostos de Marx, como:

o primeiro pressuposto de toda história humana é naturalmente a existência de indivíduos **humanos vivos**.
(...) para viver, é preciso, antes de tudo, comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais ...
(Marx, 1989)

Como contestar que o homem tem **necessidades materiais**?

Por outro lado, se é vital assegurar a sobrevivência da "matéria", não menos vital é garantir a sobrevivência do "espírito"... se a "matéria" se alimenta de comida, o "espírito" se nutre de liberdade: liberdade de pensamento, liberdade de escolha, liberdade de expressão... **LIBERDADE (!)**

A auto-expressão é fundamental, e o bem-estar de outros, apesar de importante, está necessariamente subordinado à relação da pessoa com **sua própria existência**. (O'Neil, 1974)

Em que pese, pois, o homem ser definido como um ser

social, a sociedade, a coletividade não vive a sua vida por ele: viver é uma tarefa individual, pessoal, intransferível...

Portanto, cada qual precisa descobrir nos viventes os temas que hão de inspirar a sua vida e viver esta vida por si mesmo: **não se vive por procuração**. O **existencialismo** salientou muito bem estas idéias que, em bora um pouco esquecidas, não passam, em suma, de verdades do senso comum. (Foulquié, 1975)

Natural: **sentir a vida** - queimando ou acariciando a pele - é uma Verdade ao alcance de todos, perceptível a qual quer pessoa comum, em pleno gozo de suas faculdades mentais... (não precisa ser filósofo!)

Até uma criança alcança "verdades do senso comum"... principalmente, se for uma daquelas da Praça da Sé, evadidas da FEBEM, certamente é capaz de saber o que significa "estar-no-mundo", "condenado a ser livre", "entre o naufrágio e a salvação" ... sem nunca ter lido Heidegger, Sartre ou Jaspers(!)

Por outro lado, quantos ricos, milionários, não cheiram "cola de sapateiro", mas recorrem às drogas, igualmente, ou ao divã do psicanalista, por estarem com **problemas existen**
ciais... (?)

O que o Existencialismo faz é registrar as contingências humanas - das quais só escapam, pois, os não humanos.

Assim, pela forma como sempre sentimos e conduzimos o nosso trabalho com os alunos, nos identificamos com o pensamento filosófico do Existencialismo - esta espécie de "Filosofia ao alcance de todos".

É, pois, chegado o momento de passarmos ao enfoque do Existencialismo. Vamos a ele.

Existencialismo: o Ser em liberdade. Dedicamos toda a seção anterior ao Humanismo, como corrente filosófica que especula o humano ser — o homem.

E, como bem registra Nogare (1985),

culturalmente, somos filhos dos gregos e o nosso humanismo é modelado pelo deles. O povo grego é um povo filósofo por excelência. É também um povo eminentemente artista. (...) A obra de arte que eles ansiaram produzir foi o homem...

O homem foi o grande centro das preocupações de Sócrates que, com a exortação "Conhece-te a ti mesmo", conscientizava os seus discípulos (e a quem mais o ouvia) sobre a importância do auto-conhecimento.

É através do auto-conhecimento que o ser humano toma consciência de si, das suas potencialidades e fragilidades, das possibilidades e limites, com que, inevitavelmente, terá de conviver ao longo de sua existência. Conhecer-se, saber que "equipamentos" pessoais possui, para que possa sobreviver às dificuldades existenciais, consciente de que, conforme A. Crippa coloca:

A existência é um dom e uma responsabilidade. Sua trajetória é descrita individualmente e, pelo seu desfecho, ninguém — senão o próprio existente — pode responder. (...) Aceitar o dom é enfrentar o risco. A insegurança radical confere grandeza ao empenho de cada homem na realização de si mesmo. (A.Crippa in del Valle, 1975)

E acrescentaríamos: e propiciar que seus alunos cheguem à realização de si mesmos confere grandeza ao professor. Levar os alunos a exercitarem o auto-conhecimento como um

trabalho de compreensão, pelo qual tentamos penetrar os segredos de nosso ser — pois nosso conhecimento empenha-nos totalmente com tudo o que somos — não é obra de especulação pura. (Vancourt, 1964)

Os segredos do nosso ser: "com efeito, a existência não é um estado, mas um ato, a própria passagem da possibilidade à realidade." (Foulquié, 1975)

Passar da possibilidade à realidade implica auto-determinação, escolha. Para J.P.Sartre, como para Jaspers e para Heidegger, só existe autenticamente aquele que "se escolhe" livremente, que se faz por si mesmo, que é sua própria obra". (Foulquié, 1975)

Nisto o homem se distingue primordialmente dos demais seres: o cão, a planta, a pedra não decidem de seu futuro - não exercitam a liberdade de escolha.

A prerrogativa do uso da liberdade define a existência humana: ser em liberdade é privilégio, é desafio, é contingência.

Bloquear esse exercício da liberdade é desrespeitar a intimidade, o direito inerente ao existente humano de — nascido em liberdade — viver em liberdade.

A propósito, a questão da liberdade (o homem é / não é livre) parece ser tão polêmica quanto antiga. O próprio Kant assim ponderava: "Considerando a cadeia inquebrantável dos a contecimentos naturais, consideramos a liberdade a ser nada me nos que uma ilusão." (Kant, in Giles, 1979)

E o próprio Sartre reconhece que

o homem é apenas uma situação, condicionado por sua classe, seu salário (...) condicionado até em seus sentimentos; até em seus pensamentos (...) mas é ele quem, livremente, dá ao proletariado um porvir de humilhação sem trégua ou de conquista e vitória, conforme ele se escolher resignado ou revolucionário. (Sartre, in Foulquié, 1975)

É, pois, da atitude interior, pessoal, do homem, face a face consigo mesmo, que Sartre cobra que seja livre: é na sua disposição para a luta que o homem se revela covarde ou herói - os seus atos são a prova exterior da sua determinação interior.

E Sartre, em "Temps modernes", esclarece

Nosso intuito é concorrer para produzir certas mudanças na Sociedade que nos cerca... Formamos ao lado dos que desejam **modificar** ao mesmo tempo a **condição social** do homem e a **concepção** que este tem de si próprio. (Sartre, in Foulquié, 1975)

Pois, neste sentido ousamos dizer - nós foramamos ao lado de Sartre: procuramos levar o aluno à auto-conscientização de que ele como indivíduo só conhecerá o alcance de suas possibilidades, subjetivamente, pela sua auto-determinação, pela sua ação, pelo que ousar ser, por si, para si e para a sociedade que o cerca.

Por tudo isto, Sartre insiste:

...a existência precede a essência (...) o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do Existencialismo. É também a isso que se chama subjetividade, e o que nos censuram sob este mesmo nome. Mas, que queremos dizer nós com isso, senão que o homem tem uma dignidade maior do que uma pedra ou uma mesa?

Sim: uma pedra ou uma mesa... não será a (quase) isto que se sente reduzido o aluno, quando o professor não reconhece nele um ser **pensante** e **livre**, ao invés de um ser (apenas) **de memória** e **prisioneiro**... de seu mestre.

E assim (de) formado, assim induzido, "coisificado", que concepção o aluno, em geral, acaba tendo de si próprio?

Em verdade é esta a nossa grande preocupação: subjacente a toda atividade realizada pelo aluno está a viabilidade

do auto-conhecimento.

É neste espaço, que a língua portuguesa se torna um (belo) pretexto para o exercício do ser em liberdade.

Mas... a liberdade tem um preço: isto confirmamos nos depoimentos dos alunos... Ao se sentirem em liberdade, diante da folha de papel em branco, podendo exercitar

a liberdade de pensamento,

a liberdade de escolha,

a liberdade de ação,

a liberdade de expressão,

os alunos experimentam, de alguma forma, uma espécie de angústia... e o que suas palavras revelam, confirma que, realmente, "a angústia se aninha constantemente no coração do homem. Se existir é escolher, existir é sofrer angústia." (Nogare, 1985)

Incrível semelhança: ali estão "condenados a serem livres... sôs e sem desculpas... responsáveis por tudo quando fizerem..."

A sala de aula propicia ao aluno conhecer-se noutra dimensão — "o plano do ser (...) o plano da subjetividade, da intimidade, daquelas experiências pessoais e indizíveis em que o homem se reencontra a si mesmo, vive sua existência autêntica, realiza suas potencialidades." (G.Marcel in Nogare, 1985)

Na seção apropriada, faremos a correlação de alguns destes pressupostos com os depoimentos dos alunos.

A propósito, lendo e analisando tais depoimentos, reflexo dos acontecimentos de sala de aula, podemos perceber durante a escolha, a concepção e execução dos trabalhos, a evidência do engajamento do aluno — dos alunos na sua quase tota

lidade — de modo que esse engajamento de cada um contribui para a **imagem** que fazemos dos alunos em geral: a melhor possível...

E, então, compreendemos e endossamos as palavras de Sartre: "Assim, sou responsável por mim e por todos, e crio uma certa **imagem** do homem que escolhi; escolhendo-me, escolho o homem." (Sartre, in Nogare, 1985)

É como dizermos: o mau profissional compromete, negativamente, a **imagem** de sua classe... como, ao contrário, o que escolhe ser bom profissional, escolhe dignificar o profissional da sua classe...

Assim, a **imagem** que eu tenho dos alunos com quem venho realizando trabalhos, nestes mais de vinte e seis anos de magistério, até hoje, é a melhor possível, no seu conjunto — o que fortalece em nós a convicção de que o professor, sabendo provocar o seu aluno, sensibilizá-lo, envolvê-lo em tarefas que o atinjam na sua **subjetividade**, **esta** é (via de regra) resposta positiva, produtiva.

Pois, como afirma Kierkegaard, existencialista pioneiro: "A subjetividade é a verdade (...) eu só conheço a verdade quando ela se torna vida em mim." (Foulquié, 1975)

E o que mais temos constatado ao longo destes anos de trabalho é que os alunos deixam patente, nos depoimentos, como uma tônica, a auto-superação das limitações, através da criação dos trabalhos, e da recriação de si mesmo... "o privilégio criador da pessoa: para esta, existir é fazer-se, ao se ultrapassar." (G.Marcel, in Foulquié, 1975)

É isto que, de um modo geral, não acontece nas aulas, em que ao aluno não é sequer permitido, quanto mais propiciado, vivenciar atos de liberdade.

Sobre essa **privação** do exercício de ser em liberdade, Louis Lavelle adverte: "a existência reside no exercício de um ato de liberdade que, quando não se produz, reduz o nosso ser ao estado de coisa." (Lavelle, in Foulquié, 1975).

Como já colocamos: coisificação do ser, confundido com uma pedra... uma mesa... ou...

Apreciamos a veemência com que Sartre insiste nesta questão-chave da doutrina que defende:

O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive, subjetivamente em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor; (...) o homem será, antes de mais, o que tiver projetado ser." (Sartre, s.d.)

Se faz uma poesia, o aluno se faz poeta... se escreve um livro, o aluno se faz escritor...

E o professor, quando ser em liberdade, o que faz...?

Dentro de uma mesma realidade educacional, encontramos as mais diversas atitudes docentes... níveis diferentes de engajamento profissional... níveis diferentes de "compromisso político" com a educação, por parte das cúpulas... mas, o que permeia igualmente a todos os envolvidos no sistema educacional é a humana existência - traço distintivo irrefutável, incontestável... afinal, não temos (ainda) nenhum robô atuando na educação, quer seja nas bases, quer seja nas cúpulas...

E ser educador é, sem dúvida, ser mais que uma pedra, mais que uma mesa... (ou não?); e, assim, no efetivo uso de suas prerrogativas existenciais, o educador decide, o educador

escolhe... (qualquer que seja o seu nível de atuação).

Com efeito, não há dos nossos atos - um sequer - que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos ser. (Sartre, s.d.)

Consideremos, pois, que todo o sistema educacional é movimentado por pessoas: antes de ser professor, pesquisador, diretor, secretário ou ministro da educação, é-se pessoa, ser humano, "existente"... e o aluno ("existente" também) está lá na frente, na ponta, de certo modo sujeito às conseqüências dos "atos de liberdade" de todas essas pessoas.

Portanto, reflitamos todos, como educadores, nestas considerações de Sartre (s.d.):

...o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é, e o de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência.

Discutível, força-nos a reflexão.

A propósito, certa vez, Sartre, participando de uma conferência-entrevista para esclarecer suas teses existencialis - tas, iniciou o seu discurso, questionando:

Acaso, no fundo, o que amedronta, na doutrina que vou tentar expor-vos, não é o fato de ela deixar uma possibilidade de **escolha** ao homem. (Sartre, s.d.)

Naturalmente, o existencialismo - tão polemizado - está aí exposto à crítica bem fundada, bem intencionada, comprometida com a busca da Verdade, como também não consegue escapar às críticas do modismo, que inconseqüentemente tanto tentam eleger, quanto destronar filosofias, ideologias, doutrinas... E, sob esta influência, há até os "filósofos amadores" que contestam uma doutrina, sem a terem estudado profundamente... falta a estes contestadores base de conhecimento, compe-

tência, para a crítica.

Inscrita nesse contexto, está uma prática político-administrativa muito em moda nesta nossa terra: o novo governo (federal, estadual ou municipal), ao assumir, trata de condenar a filosofia de educação implantada, e de impor uma outra, pondo por terra qualquer possibilidade de continuidade dos aspectos positivos do trabalho da gestão anterior. Parecem esquecer que estão lidando com pessoas, com um grande universo de "existências humanas"...

Pela nossa experiência de vida, pela nossa experiência profissional, podemos avaliar quanto a educação se constitui num problema existencial seríssimo, sempre que contribui para frustrar o projeto de vida de tantos professores, de tantos alunos... principalmente.

E, por tantas razões, cada vez mais, nos convencemos das estreitas ligações entre existencialismo e educação.

E, revisitando Foulquié (1975), convencemo-nos efetivamente da afinidade do **nosso trabalho - nossa afinidade** - com o **existencialismo**:

Com este agudo sentimento de fazer-se a si mesmo e fazer o mundo, o pensador existencialista não pode remanescer no estado de especulação desinteressada e do dilematismo: **ele vive o seu pensamento.**

E mais: quando esse **pensador** é um educador, comprometido com a **sua** causa, já incluiu a causa dos seus alunos no cerne do **seu** pessoal compromisso... que este estudo possa evidenciar este envolvimento.

A nossa intuição falou antes... a pesquisa da literatura veio, posteriormente, e só fez confirmar o nosso sentimento

sobre que espécie de filosofia inspirava os nossos passos de "existente" - professor, responsável por tantos "existentes-a lunos... neste mundo tão impessoal, tão racional...

E em Padoveni & Castagnola (1978) encontramos uma explicação que, de certo modo, justifica a nossa afinidade com o existencialismo. Com efeito, apesar das críticas, o fato é que

O existencialismo tomou uma voga tão extraordinária em nossos dias, que não é possível silenciá-lo numa história da filosofia. (...) Certamente o existencialismo moderno surge e se afirma filosoficamente como crítica ao racionalismo moderno. (Padovani & Castagnola, 1978)

Assim, trabalhando com o real - o nosso aluno de carne e osso, nada "burguês decadente", mas emergente das "clas-ses populares" - encontramos, em Gabriel Marcel, uma declara-ção que gostaríamos de subscrever:

De minha parte, eu estaria inclinado a negar a qualidade propriamente filosófica a toda obra onde não se consegue discernir isto que chamarei a mordedura do real. (Foulquié, 1975)

E "a mordedura do real" nos faz tomar uma franca posição de fazer alguma coisa por estes alunos, por esta escola, que justifique o nosso "estar-no-mundo" **vivamente**, pois como bem analisa Artur Alonso (1986): "Nunca, em seus milênios de his-tória, se viu a humanidade imune de tais surtos epidêmicos, que desfibram o indivíduo e anemiam as instituições".

E é nesse contexto de anulação, de desencanto do ser humano, que vemos professores e alunos sentindo-se "jogados no mundo" - não por serem ateus, necessariamente - mas por se conscientizarem de que "ninguém faz nada para resolver o seu pro-blema"... Realmente!

Mas será que a **minha** "existência" deve ser soluciona

da pelo outro "existente"? Reflitamos...

Enquanto o animal vem definido, o homem vem apenas bosquejado. (...) Como é um ser que vive sempre em caminho, com uma indeterminação ilimitada, nunca pode gozar da comodidade animal de se fixar e emparedar-se. Por sua consciência, por sua interioridade objetiva está permanentemente aberto ao ser. Vive em circunstância, mas não é, como o animal, um escravo do seu contorno. (del Valle, 1975)

Mas este homem que aí está - impotente, incapaz, na pele de aluno, de professor, ou... está ligado a um "dato primitivo" altamente significativo, assim sinalizado por Ortega y Gasset:

O dato primitivo não são as "coisas sem o eu", nem "o eu sem as coisas"; na encruzilhada das duas coisas está a vida, individual, concreta, que é essencialmente atividade, espontaneidade: eu sou eu e minhas circunstâncias. (in Padovani & Castagnola, 1978)

O nosso trabalho sempre (pre)sentiu que, em cada ser humano/aluno, estava a fonte de auto-realização para ele, por extensão, para o professor... era preciso, apenas, criar condições para sair da crise, para sair do marasmo da educação (Soares, 1972) que não deixa de representar perigo de contaminação para nenhum de nós ... por mais responsável, todo professor é, na sua origem, ser humano... sujeito às fragilidades da existência...

É preciso tornar a educação da sala de aula personalizada e personalizadora... inspirar-se no personalismo — filão do existencialismo — pode ser, de fato, mais um caminho que nos conscientize a todos de que é possível "furar o cerco" do chamado "sistema"... Eis a proposta do personalista Mounier:

O personalismo é uma filosofia... não é um sistema(...) sendo a existência de pessoas livres e criadoras, a sua afirmação central, introduz no centro destas estrutu-

ras um princípio de imprevisibilidade que afasta qualquer desejo de sistematização definitiva. (Nogare, 1985)

Não se confunda a proposta de Mounier com ênfase ou incentivo ao "individualismo", mas como uma determinação de afirmar o primado da **pessoa** contra qualquer tentativa de induzi-la a ser parte de uma **massa** (ou **classe**) que, **revolucionária** ou **alienada** (Nogare, 1985), continua sendo **massa** e não uma comunidade, conjunto de **pessoas**... com corpo, alma, sentimentos... (Afinal, não é **obrigatório** ser ateu, não é mesmo?)

O existencialismo assemelha-se, a nosso ver, àquela es pécie de árvore que, a despeito de uma aparência de fragilidade, mantém-se firme... seu segredo? Raízes profundas (!)

É Foulquié (1975) que nos informa:

Se obedecêssemos à ordem histórica, deveríamos abordar, de início, o existencialismo religioso, pois este é bem mais antigo: Kierkegaard, não sem razão, o faz remontar a **Sócrates**.

E März (1987) nos conduz a Pascal, lembrando que a **radicalidade** com que este brilhante cientista — cientista! — a nalisa os aspectos **existenciais** da solidão e do tédio da vida, da angústia e do desespero, **caracteriza-o** muito antes de Kierkegaard, Heidegger e Sartre, como filósofo da existência".

Pascal, homem da ciência, do racional, não esqueceu do instrumental que pode representar a intuição para a experiência introspectiva do homem reconhecido como ser mais que racional, nestas suas palavras: "O coração tem suas razões que a ra zão não conhece".

Este seu tributo à intuição, como meio de se chegar ao conhecimento (inclusive ao auto-conhecimento da dimensão meta física do homem), pode ser encontrado à disposição do grande pú

blico na corruptela - até aceitável - da versão popular de "o coração tem razões que a própria razão desconhece..."

Pascal reúne, em sua curta trajetória existencial — morreu aos 39 anos — momentos que bem ilustram as teses de Jaspers, existencialista cristão, e de Heidegger, existencialista ateu, no que estes frisam o efêmero da vida, o inevitável "ser-para-a-morte" em que se presumirá o "estar-no-mundo" de todo homem, ao cabo da existência: "Tudo o que sei é que morrerei em breve; mas o que conheço menos é a própria morte, que não saberei evitar..." (Pascal, in März, 1987)

E, com relação a Jaspers, especificamente, vemos três momentos de convergência entre os registros do filósofo com as decisões do cientista diante de questões que lhe eram vitais:

Como cientista renomado, Pascal teria todos os motivos para compartilhar o orgulho da sua época sobre a grandeza do homem. Mas, não lhe é mais possível viver esse otimismo científico e humanístico. (...) toma consciência da sua própria condição de perdido e se espanta a respeito de si mesmo: sobre sua ignorância e solidão. (...) Retira-se ao convento (...), onde afastado do mundo e sua agitação, começa a trabalhar numa apologia do cristianismo. (März, 1987)

Resumindo: relegar as conquistas e envolvimento do mundo humano/material a segundo plano (decisão difícil!), elegendo, assim, o mundo humano/espiritual-transcendental como prioridade um para uma auto-conversão realizadora.

Para Jaspers,

...desde o primeiro momento, o indivíduo humano não faz questão do mundo, e sim de si mesmo, da sua interioridade, da sua existência. (...) segundo momento: o indivíduo emerge da objetividade - existe, é consciente de si mesmo (...) o eu representa o centro do ser (...) Batemos contra o limite, sofremos uma derrota, naufragamos. (...) terceiro momento: apercebemos o encontro de nossa existência naufragante com Deus; (...) não deve

mos **crer** em Deus, mas "sentirmo-nos" em face de Deus. Viver significa existir, isto é, viver os limites, as lutas e as contradições da nossa vida. (Padovani e Castagnola, 1978)

E Giles (1979) complementa:

A consciência moral exige que a pessoa saia da passividade para ir ao encontro do "Acontecimento" que desemboque na pluralidade dos possíveis que a torne autêntica pela decisão; (...) o poder de auto-realizar-se pe-la liberdade e na liberdade vai além do constrangimento intelectual. (...) O que pode ser naufrágio pode também ser o caminho que leva à **existência**. Sem a ameaça do desespero possível, não há **liberdade**.

E foi o que Pascal tão somente fez: com risco e audácia, seguiu o que "o seu coração" mandava... foi autêntico (!) É preciso coragem para "se passar à existência autêntica", como postula Heidegger. (Padovani & Castagnola, 1978)

E quem não conhece a história daqueles três fidalgos que renunciaram aos bens materiais, à pompa e à riqueza, para seguirem sua vocação autêntica: Nóbrega, Anchieta e Francisco (de Assis) ...?

É... a existência está tão colada ao homem como as duas páginas de uma mesma folha... por isto, não vemos, sinceramente, como separar a vida, a **existência**, da filosofia **existen**
cialista: é uma convicção pessoal.

E, na seção seguinte, vamos ver como muitas das teses do existencialismo são, rudimentarmente, intuídas pelos alunos: crianças e jovens que, por certo, nunca travaram contato com tal literatura, muito além de seus níveis de escolaridade. (Aguarde-os na próxima seção).

Gostaríamos de retomar a questão da **liberdade**; mais especificamente nos dois sentidos que comporta a proposital ambigüidade da expressão: "ser em liberdade".

Tomemos, primeiramente, a forma "ser em liberdade", no sentido de existir em liberdade, viver em liberdade - ou seja, sem algo ou alguém que nos impeça de agirmos conforme nos sos mais naturais e lícitos anseios. Isto é: a liberdade de escolha, como um elementar direito do ser humano, como prevê a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos: "Todo homem tem direito à liberdade de pensamento e expressão".

Este é, pois, um dos princípios que elegemos para conduzir o nosso trabalho com os alunos: reconhecer-lhes tal direito e, então, fazer do estudo da língua portuguesa um pretexto para o exercício da liberdade. Aqui, pois, o direito de ser livre é um momento de afirmação democrática: o exercício do ser em liberdade, uma face do exercício da cidadania, importante para a formação do aluno.

A outra forma, no sentido de "ser em liberdade", refer-se às implicações que as exigências externas ao ~~homem~~ homem criam de conflito, de angústia para ele, a cada escolha que se vê obrigado a fazer e... a assumir a responsabilidade de cada ato de liberdade, situação geralmente desconfortável em que é colocado.

Naturalmente, estamos aqui nos referindo às questões existenciais complexas de que fala Sartre (não da angústia de escolher entre maçã ou sorvete, para a sobremesa...)

E, quanto a este sentido do exercício do ser em liberdade (ser, em liberdade) já o exploramos no início da seção.

Assim, o queremos alcançar com esta forma, é fazer das aulas de língua portuguesa uma oportunidade para o aluno exer

citar os deveres, as responsabilidades a que corresponde o **direito** à liberdade. Igualmente um momento de exercitar a cidadania: a democracia pressupõe liberdade com responsabilidade.

Portanto, levamos o aluno, sistematicamente, a pensar bem antes de escolher, livremente, o trabalho que deseja fazer, bem como a pensar bem o **como** fazê-lo...

A folha em branco é o eterno desafio que se repete a cada nova aula que, intencionalmente, se torna um pretexto para o exercício do ser em liberdade... em toda a sua plenitude.

E é no caminho que cada aula se transforma, que vamos acompanhando, em nossos alunos, o progresso que conquistam, em termos de auto-iniciativa, auto-liberação, auto-libertação, auto-afirmação, elevação do nível de auto-estima, de auto-confiança: de auto-conhecimento, enfim...

As atividades, intencionalmente, ecléticas (quer seja por opções variadas que o aluno tem, quando a proposta parte exclusivamente dele, quer seja pelas propostas variadas colocadas por nós), visam a propiciar o exercício da escolha — livre e responsável — para que o aluno se aperceba e se conscientize de que "...o projeto **livre** é fundamental porque ele é o meu ser". (Sartre, s.d.)

Nesse ecletismo das atividades que, basicamente partem do texto (lido) e voltam ao texto (construído pelo aluno), estão as atividades que se destinam, mais especificamente, a levar o aluno a ensaiar os seus primeiros passos na reflexão sobre o homem, o mundo, eu e o mundo: uma forma de **iniciá-lo** na arte de **filosofar**... Próxima seção: "Alunos ou... Filósofos?"

Alunos ou... Filósofos?

1. Márcio Mantovani & Wittgenstein

Aluno:

As batalhas

Às vezes, quando não tenho nada para fazer, e, quando estou sozinho, em silêncio, eu mergulho no profundo mundo que, além de mim e de Deus, é desconhecido por todos: o mundo da minha imaginação. Eu, na imaginação, vejo violentas batalhas interplanetárias, casas de guerra armadas a laser, e, por implicite de todos, essas guerras não demorarão a acontecer, porque o homem avança a passos de gigante na tecnologia.

(Márcio Mantovani - T.601)

Filósofo:

Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.
(Wittgenstein, in Giles, 1979)

2. Flávia & Sartre

Aluna:

O homem é livre, sim, mais como um prêmio, porque a liberdade é um ato de viver... sem ela, o homem não iria se sentir nem humano, porque não poderia "falar alto", quer dizer, com autoridade.

Na aula de hoje, eu estava um pouquinho inspirada, então, em aprender que cada homem (ou ser humano) não deve dar nunca o braço a torcer, porque se todos nós decidíssemos por alguma coisa de melhor para o mundo, todos nós, com certeza, viveríamos bem mais felizes.

(Flávia - T.704)

Filósofo:

O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor (...) o homem será, antes de mais, o que tiver projetado ser.

(Sartre, s.d.)

3. Carlos & Hegel

Aluno:

Tem horas que eu fico parado só pensando: (...) Quem seria eu, ou quem sou eu: E.T., ser ou um algo?

R.: eu sou um ser.

(Carlos Lacerda - T.601)

Filósofo:

O Ser é a realidade mais abstrata (...) Ser uma casa, ser azul, ser honesto - ser todas essas coisas é ser algo...

(Hegel, in Giles, 1979)

4. Silvio Sérgio & Basave del Valle

Aluno:

O homem é um ser-enigma, ninguém o conhece ...

(Silvio Sérgio - T.702)

Filósofo:

Tenho consciência da unidade da minha vida, não obstante, sou mis
tério para mim mesmo...

(del Valle, 1975)

5. Sérgio Roberto & Jaspers**Aluno:**

O homem é um ser-máquina, mas uma máquina viva (...) após um certo tempo ele não tem mais energia, e aos poucos vai se gastando, até que de repente um sono lhe surpreende... um sono o desperta para renascer...

(Sérgio Roberto - T.602)

Filósofo:

A existência é esclarecida em face da transcendência. (Jaspers)

(in Padovani & Castagnola, 1978)

6. Izabel Cristina & Heidegger**Aluna:**

Se o mundo é belo, vamos viver com bastante vontade, porque não sa
bemos quando vamos morrer e nem a hora...

(Izabel Cristina - T.701)

Filósofo:

... descobre-se que estar-no-mundo equivale a estar-no-tempo, isto é, ser-para-a-morte...

(Heidegger, in Padovani & Castagnola, 1978)

7. Denilson & Sartre

Aluno:

PIC...

liberdade de escolha... liberdade de caminhar com os seus próprios pés e descobrir os seus próprios caminhos...

(Denilson - T.802)

Filósofo:

Eu sou um homem, Júpiter, e cada homem deve descobrir o seu caminho...

(Sartre, s.d.)

8. Antônio, Ana Lúcia & Platão

Aluno:

O mundo é uma ilusão: não sabemos como surgiu... sabemos, sim, de algumas coisas porque lemos nos livros, mas nada prova o seu surgimento.

(Antônio - T.803)

Aluna:

Será que isso tudo é um sonho, que um dia eu vou acordar para a realidade e vou ver que nada disso é verdade... que é tudo da minha imaginação?

(Ana Lúcia - T.803)

Filósofo:

A dialética nos revela a profunda oposição que existe entre o sensível e a verdadeira realidade.

(Platão, in Giles, 1979)

9. Oswaldo & Nietzsche

Aluno:

O mundo é um sonho que podia ser realidade (...) uma máquina o está destruindo (...) Essa máquina, o homem, é capaz de terríveis coisas que ele nem imagina. (...) A inteligência do homem evoluiu espantosamente... capaz de grandes projetos, projetos esses que, num piscar de olhos, estão incluindo todo o mundo, todos nós.

(Oswaldo - T.801)

Filósofo:

Eu vos anuncio o super-homem. O homem é algo que deve ser superado.

(März, 1987)

A audácia desses homens nobres abriu passagem por terra e por mar, erguendo por toda parte monumentos imorredouros do bom e do mal.

(Giles, 1979)

(Nietzsche, in März & Giles)

10. Sonia & Sartre

Aluna:

Eu-no mundo, somente pensando e não expondo, *sou uma pessoa insignificante, mas se* eu pudesse dizer algo, o conselho que daria (...) seria o seguinte: por que eu e todos os homens que existem na face da terra não melhoramos o mundo...

(Sonia - T.801)

Filósofo:

Formamos ao lado dos que desejam modificar, ao mesmo tempo, a condição social do homem e a concepção que este tem de si próprio.

(Sartre, in Foulquié, 1975)

11. Sílvio Sérgio, Lúcio & Pascal

Aluno:

O homem é um ser racional, mas cobiçado pela fome e pela ignorância, é um ser cuja capacidade de pensar e de destruir as coisas é um dom...

(Sílvio Sérgio - T.702)

Aluno:

... depois que morrem muitas pessoas é que elas fazem acordo de paz ... você ainda acha que ele é um animal racional?

(Lúcio - T.701)

Filósofo:

Que quimera é, portanto, o homem? (...) Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio? Juiz de todas as coisas, imbecil verme depositário da verdade, (...) glória e repulsa do universo.

(Pascal, in del Valle, 1975)

12. Paulo Ricardo & A.S.Neil

Aluno:

Se não houver *liberdade*, não há meio de chegar ao mundo maravilhoso da fantasia, onde tudo se realiza... e esta liberdade deve ser "quase" total... (...) (nem um papel, largado do alto de um prédio, fica em liberdade total...)

(Paulo Ricardo - T.801)

Filósofo:

Não há liberdade absoluta.

Quem deixar que uma criança faça sempre a sua própria vontade, está num caminho perigoso.

(A.S.Neil, in März, 1987)

"Alunos ou... Filósofos?"

(Manuscritos dos Alunos)

② O homem é livre sim, mas como um prêmio, porque a liberdade é um ato de vir... sem ela, o homem não iria se sentir nem humano, porque não poderia "falar alto", quer dizer, com autenticidade.

Na aula de hoje, eu estava um pouquinho inspirada, então eu aprendi que cada homem (ou ser humano) não deve dar nunca o braço a torcer, porque se todos nos decidíssemos por alguma causa de melhor para o mundo, todos nós, com certeza, viríamos bem mais felizes.

Nota: O texto do aluno **Marcio Mantovani** não recebeu nenhum tipo de correção; escrevia, pontuava, com perfeição.

③ É um e esse enorme mundo. Têm horas que
eu fico parado só pensando, quem seria eu
numa enorme esfera, sem ninguém. Eu
ficaria sozinho e viveria na terra da paz
deus. Mas (e nem seria eu, ou quem sou eu:
Eu, ser ou um algo?
R. Sou um, um, ser.

④ O homem é um ser-animado,
[ninguém o conhece.]

⑤ O homem é um
ser-máquina, mas uma
máquina viva: nasce e aprende
após um certo tempo.
Ele não tem mais
energia, e os poucos vai
se gastando até que
até que de repente um
evento lhe surpreenda...
Um golpe o desperta para renascer.

52

⑥ [Se o mundo é tudo, como não viver com calma
e contentar-se porque não sabemos quando vamos morrer e
nem o porquê.]

⑦

PIC:

Liberdade de escolha...

Liberdade de caminhar

com os seus próprios pés

Descobrir os seus próprios caminhos...

Aluno: Denilson F. Batista / CIMFA/81

⑧

[O mundo é uma ilusão: não sabemos como
surtemos sabemos sim, de algumas coisas, porque
temos nos livros, mas nada prova a ser realmente!]

⑧

Espera que isto tudo
é um sonho, que um dia eu vou acordar
para realidade e ver ver que nada disso
é verdade... que é tudo da minha imaginação
(917)

⑨

infinito espaço. [O mundo é um sonho
que... podia ser realidade?] por que não?
porque (uma máquina o está destruindo)

⑨ [Essa máquina, o homem, e capaz de terríveis ~~coisas~~ coisas, coisas que nem ele imagina] está aí o fim do

⑩ — [A inteligência do ^{homem} evoluiu ^{rápido} ~~infinitamente~~, capaz de ~~grandes~~ projetos, projetos esses ~~expostos~~ que nem piscar de olhos, estão destruindo todo o mundo, todos nós.]

⑪ [Eu no mundo, somente pensando e não expondo, sou uma pessoa insignificante, mas se eu pudesse dizer algo, o conselho que daria era baseado nos três títulos anteriores, seria o seguinte:

“Porque eu e todos os homens que existim na face da terra, não melhoramos o mundo?”

⑫ [O homem é um ser racional, mas cegoado pela fome e pela ignorância, é um ser cuja capacidade de pensar e de destruir as coisas é um dom.]

⑬ [Depois que moverem muitas pessoas e que elas fiquem “acordo de paz” por que não nos damos de mover as pessoas? Não? Ainda acha que ele é um animal racional?]

⑭ [DE NÃO HOUVER LIBERDADE, NÃO HÁ MEIO DE CHEGAR AO MUNDO IDEALIZADO DAS FANTASIAS, ONDE VOCÊ REDUZ...]

“Esta liberdade deve ser “quase” total, pois não existe esta liberdade total... quem dá, Papai, baseado do alto de um prédio, fica em liberdade total,

A esta altura, faz-se necessário voltarmos à questão do professor diante da sua auto-realização profissional que só concebemos incluindo a auto-realização do seu aluno.

Para retomar esta discussão, é importante aproveitar as informações de Foulquié (1975):

Cabe ao filósofo assumir esta situação, onde a angústia o elevará à autêntica existência. É um pessimismo resultante, segundo se crê, da situação da Alemanha na época em que Heidegger elaborou a sua filosofia — os anos subseqüentes à derrota de 1918. É também após uma derrota que J.P.Sartre se filia a esta escola.

E Giles (1979) complementa:

Os dois pensadores mais representativos do existencialismo são Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.(...) Com a guerra, a mobilização e, sobretudo no campo de concentração, a solidariedade antifascista tornou-se realidade. Foi nessa situação que os existencialistas aprenderam que **só a opção e a ação nos libertam** e nos lançam no mar da liberdade concreta.

Pois bem: como está a Educação hoje, neste nosso país, testemunhamos, no dia-a-dia, que o professor já se sente num pós-guerra — tamanho caos — mesmo a guerra não tendo acabado: a batalha recomeça a cada novo dia de aula (!)

E o que fazer?

Terá que escolher... terá que, a cada dia, ratificar ou reformular a **sua** escolha...

A **escolha** é possível, num sentido, mas o que não é possível é **não escolher** (...) devo saber que, se eu não escolher, **escolho ainda**. (Sartre, s.d.)

Assim, a nossa escolha por realizar este tipo de trabalho com os alunos envolve-nos até a alma (!), exige-nos uma dedicação que não vemos nunca recompensada **materialmente**. Salário! Condições de trabalho! Dignidade profissional! Problemas existenciais do professor, agravadíssimos hoje — mais do que

nunca!

Vivemos tempos absurdos!

Como pensar nos alunos - proporcionar-lhes o melhor, a que têm direito - sem pensar em nós mesmos?

Colaborar, gratuitamente, com "o sistema": **suicídio!**

Fugir ao engajamento em um trabalho que nos realize e aos alunos: **suicídio!**

Suicídio, como o concebe Camus (Foulquié, 1975)...

Só nos resta **a revolta** (a de Camus)...

Esta nossa **revolta**, nós a materializamos, formando consciências... cada aluno é uma possibilidade de se tornar amanhã um multiplicador de nossas atitudes de coragem - coragem de fazer por exemplo greve, coragem de não fazer greve ...Às vezes, a sala de aula é a melhor trincheira, nesse momento, através da denúncia, do debate das questões-motivos de uma greve dos professores.

Lutar por garantir ao aluno o melhor espaço para "o exercício do ser em liberdade" é questão inerente também ao nosso exercício de "**ser**, em liberdade"...

Assim, quem leva a profissão a sério, quem leva a **existência** a sério, quem vive cada minuto de suas contingências, entende que o existencialismo nada tem de "contemplativo", "alienado", "individualista", "alienante"...

Palavras de seu mestre, Sartre (s.d.): "A doutrina que vos apresento é justamente a oposta ao **quietismo**, visto que ela declara: só há **realidade** na **ação**..."

De fato: foi pela **ação** que tornamos **realidade** o trabalho com os alunos... como foi pela **intuição** que o conduzimos

dentro de vários princípios do existencialismo...

Como Kierkegaard, a nossa "idéia principal era de que, em nosso tempo, com o muito saber, esquecemos o que é e xistir..." (März, 1987)

E tratamos de valorizar o existir - o nosso e o dos alunos...

Assim, este estudo possa refletir quão importante é combinar intuição, reflexão e ação.

Passemos, então à seção seguinte — a dos aspectos psi cológicos.

Notas: (1) Para melhor ilustrar todo o **referencial teórico** do estudo, providenciamos o Anexo 3: mais depoimentos dos nossos alunos - do nosso trabalho neste ano (1992).

(2) No Anexo 4, teremos o **DEPOIMENTO** da Profa **JANDYRA CHAVARRY CORREA E CASTRO**.

" V Õ O L I V R E ...

mergulho f u n d o ... (!) "

... e eis que no espaço

se vê um lírico exemplo

de respeito à liberdade

(à autonomia de vôo):

são a p e n a s gaivotas

podendo bater s u a s asas

no rumo que e l a s escolheram...

- Saberão o que querem ?

- Saberão o que escolhem ?

Bem: elas vovam e voam... bem alto !

e elas mergulham f u n d o

para buscar

o que as satisfaz ! ! !

CAPÍTULO III

AUTO - CONHECIMENTO: O MERGULHO NECESSÁRIO

" O PIC é uma porta aberta que, ao entrar, eu deixei a mochila de não poder lá fora..."

(Ivanildo, 8ª série)

Este capítulo destina-se a apresentar os fundamentos psicológicos em que se baseia o estudo.

Compõe-se de três seções: a primeira apresenta o capítulo e as seguintes se intitulam:

- Corações e Mentes: os abrigos da emoção
- Rogers & seus Princípios

Corações e Mentes: os abrigos da emoção...

Mantendo-nos sob a inspiração do pensamento humanista-existencialista, vamos, no decorrer deste estudo, frisar o nosso apreço concreto ao nosso aluno concreto: ser humano, cuja e x i s t ê n c i a se constrói e se revela, primordialmente, pela **razão**, pela **emoção** e pela **linguagem** - dons que exigem **liberdade** para que o humano se torne **ser ...**

Que, pelo uso da **razão**, o homem **pensa**, nós já examinamos, no capítulo anterior.

Neste, vamos nos deter apreciando questões de **ordem psicológica** - a **emoção** estará, subliminarmente, permeando, em muito, as situações de aprendizagem trazidas para esta apreciação (sob a forma de trabalhos ou auto-avaliações dos alunos), que envolvem — contingencialmente — os alunos e a professora, autora do estudo.

Tomemos, de antemão, a Escola como microcosmo do mundo...e o aluno como microcosmo da humanidade...Examinemos nosas responsabilidades presentes como repercutidores no futuro:

Podemos optar por **utilizar** os nossos conhecimentos crescentes para **escravizar** as **pessoas** de uma maneira **nunca** dantes **sonhada**, **despersonalizando-as** e **controlando-as** através de meios tão **minuciosamente** escolhidos que tal vez nunca se apercebam de que perderam a sua **dignidade** de **pessoas**. (Rogers, 1976)

Somos pessoas / professores

- seres dotados de uma mente

lidando com pessoas / alunos

- seres igualmente dotados de uma mente...

Isto é um perigo, sabemos (!) Outro perigo: tornarmos "máquinas de ensinar"... Não!

O professor é uma **pessoa**, não a encarnação abstrata de **uma exigência escolar** ou um canal **estéril** através do qual o saber **passa** de geração em geração. (Rogers, 1976)

O próprio professor se queixa da impessoalidade das relações humanas modernas, em geral. Mas, mesmo que inintencionalmente, acaba também tornando-se muito impessoal no convívio com os seus alunos, geralmente.

Medo de ser **pessoal**? Medo de mostrar o seu verdadei

ro eu ...? Corre o risco de, no pedestal em que se instala, ou na carapaça com que se protege, experimentar a solidão dos inatingíveis... Rogers assim analisa:

A profunda solidão individual que faz parte de tantas vidas não pode ser atenuada, a menos que o indivíduo se arrisque a assumir o seu verdadeiro eu perante os outros. Só então, consegue descobrir se é capaz de estabelecer um contato humano ou aliviar o peso de sua solidão. (Rogers, 1978)

O silêncio de um professor - constantemente circunspecto - fala muito...

E, às vezes, o mecanismo de defesa — para se proteger — é ter uma postura autoritária... É-lhe difícil conceber uma ética humanista segundo a qual

o próprio homem é que fixa as normas e a elas se sujeta, sendo ao mesmo tempo sua fonte formal o órgão regulador e seu tema. (Fromm, 1960)

Qual?

Os alunos não entendem o que é isso... "a gente dá um dedo e logo querem a mão" (!) Realmente... Mas, ao professor cabe inspirar a verdadeira autoridade — a que Fromm chama de autoridade racional e que tem sua origem na **competência**

(...) A autoridade **racional** não só permite como requer constante exame e crítica dos que a ela estão subordinados; ela é sempre temporária, e sua aceitação depende de sua atuação. (Fromm, 1960)

É nesta ética que acreditamos... até por isto, em nossa sala de trabalho, fazemos da "língua portuguesa um pretexto para o exercício do ser em liberdade"...

A propósito, gostaríamos de reportar uma passagem, de Rollo May, em que ele fala da necessidade de o homem ter onde ser livre para poder pensar... refletir...

Diz ele:

Nas montanhas de Delfos, ergue-se um santuário que durante muitos séculos desempenhou um papel muito importante na Grécia antiga. (...) Delfos é especialmente magnífico, com o longo vale estendendo-se entre as montanhas e o azul esverdeado do golfo de Corinto. O ambiente inspira reverência e faz sentir a grandeza própria de um lugar sagrado. Em Delfos os gregos iam buscar ajuda para as suas preocupações (...) [escreve o professor E.R.Dodds:] Sem Delfos, a sociedade grega dificilmente teria suportado as tensões a que estava sujeita na era arcaica. A sensação avassaladora da ignorância humana e da insegurança. (May, 1992)

Não queremos ter a pretensão de uma comparação...mas, por momentos, lembramos de como os nossos alunos se referem ao PIC, como um **espaço, um lugar, onde podem chegar e podem meditar, pensar... em liberdade...**

Às vezes, estamos longe de imaginar o que está acontecendo com o nosso aluno - de hoje - adolescente, jovem, representante de uma geração que não é a nossa...

Rollo May pode nos ajudar com suas pesquisas:

...verificamos que uma **causa primordial da ansiedade**, particularmente na **geração mais nova**, é que não existem **valores** viáveis na **cultura**, na base dos quais possa ser estabelecida uma relação com o mundo. A **ansiedade**, que é **inevitável** numa era em que os valores se encontram tão **radicalmente em transição**, é uma causa **central** de apatia; e (...) tão prolongada ansiedade tende a redundar na **falta** de sentimento e em sensação de **despersonalização**. (May, 1974)

Sentir-se **despersonalizado**... sentir-se "um zero à esquerda"... sentir-se "burro" (como disse um aluno)...

O que sou eu, para mim, para os outros...? Como me vêem?

Auto-identidade.

A **auto-identidade** ("eu" olhando para "mim") é constituída não apenas por nossa observação sobre **nós mesmos**, senão também pelo darmos conta dos outros a nos observarem, e para **nossa** reconstituição e alteração **dessas visões dos outros** a nosso respeito. (...) Assim, o

"eu" se converte num "**mim**" que está sendo erroneamente percebido **por outra pessoa**. Isto pode transformar-se num **aspecto vital** de minha **visão** de mim mesmo. (Laing, Phillipson & Lee, 1972)

Ilustraríamos esta situação com uma pequena frase da auto-avaliação de uma criança de 11 anos, após ter conseguido fazer o seu primeiro poema: "Eu descobri que valho alguma coisa..." (T.503)

Qual era a sua "auto-imagem" até então?

São estas e outras verdades interiores, invisíveis aos olhos (não ao coração) que se alcançam pela "liberdade de aprender", pregada por Rogers (1985) e, **conscientemente**, adotada por nós...

Temos a pessoal convicção de que a educação antiga poder-se-ia dividir em **antes** e **depois** de Sócrates e a educação moderna em **antes** e **depois** de Carls Rogers - os dois são, para nós, motivo de infindável admiração e fonte de saber.

Desejamos, como Rogers, contribuir com trabalho e honestidade de intenções, para construir um mundo futuro que seja digno das pessoas:

O único modo de podermos garantir esse auxílio é ajudar nossa juventude a **aprender em amplitude e profundidade** e, acima de tudo, a **aprender a maneira de aprender**. (C. Rogers, 1985)

E, para isto, é preciso que **se leia** mais Rogers, a fim de que ele seja **realmente entendido** (!)

De nossa parte, acreditamos que os nossos alunos revelam, neste estudo, algumas **evidências** do que há de positivo nas idéias de Rogers, **bem entendidas** e **bem realizadas**...

Na verdade a rejeição ao **novo** que representa Rogers talvez possa ser explicado por Jung:

O homem sente um temor profundo diante do desconhecido. Basta perguntar isso às pessoas que têm a tarefa de promover idéias novas. Se até o **adulto**, considerado como maduro, **teme o desconhecido**, por que então não deveria **hesitar** uma **criança** em dar um passo à frente, em direção ao **desconhecido**? (Jung, 1981)

É: é preciso **coragem** (!)

A palavra **coragem** tem a mesma raiz que a palavra francesa **coeur**, que significa "coração". Assim, como o **cô**ração irriga braços, pernas e cérebro, fazendo funcionar todos os outros órgãos, a **coragem** torna possíveis todas as virtudes **psicológicas**. Sem ela, os outros valores fenecem, transformando-se em **arremedo** da virtude. A **coragem** é necessária para que o homem possa **ser e vir a ser**. Para que o eu seja é preciso afirmá-lo e comprometer-se. Essa é a **diferença** entre os **seres humanos** e o resto da natureza. (May, 1992)

Os seres humanos, pois, se caracterizam, inclusive, pelo **sentimento**, pela **emoção**, pela **sensibilidade**... daí poderem "entrar" em **desespero** e também... **conseguirem** sair (!)

A **coragem** (de que falamos) não é o oposto do **desespero**. Muitas vezes, teremos de enfrentar o desespero, como tem acontecido a todas as **pessoas sensíveis**, nas últimas décadas. Por isso, **Kierkegaard** e **Nietzsche**, **Camus** e **Sartre** afirmam que a **coragem** não é a **ausência** do desespero, mas a **capacidade** de **seguir em frente**, **apesar** do desespero. (May, 1992)

Nisto consiste a coragem... "coisa" que se passa por dentro da pessoa, primeiro... De modo que ninguém vê...

Tomemos, como exemplo, a **coragem** que o aluno **precisa** ter diante de certos desafios. Constatamos isto todos os dias em nossa aula: o aluno, diante da folha de papel em branco (!)

É um momento que se renova, a cada aula... é o momento de testar a **CORAGEM** - a **coragem** de **CRIAR**... inicialmente, um trabalho comum... ao final do ano, um livro... (!) Um ato de **coragem**...

São pequenos-grandes atos de coragem que o **criar** exige e por eles revela pequenos-grandes heróis...

E... falar em **criar** é falar de Fayga Ostrower e ouvir seus bem elaborados conceitos:

Criar é, basicamente, formar.

É poder **dar forma** a algo **novo**.

Em **qualquer** que seja o campo de atividade, trata-se, nesse **novo**, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de **modo novo** e compreendidos em termos novos.

(...) As formas de **percepção** não são gratuitas, nem os relacionamentos se estabelecem ao acaso. Ainda que **tal** vez a lógica de seu desdobramento nos escape, **sentimos** **perfeitamente** que há um **nexo**. (Ostrower, 1989)

Descrito, assim... teoricamente, parece tão inalcançável... - mais um motivo para se dar valor a cada criança, a cada adolescente que diz:

Eu pensei que não era capaz, mas consegui...

ou

Eu, no PIC, tiro a minha imaginação, como se eu nascesse para criar... O PIC é, para mim, uma porta aberta que, ao entrar, eu deixei a mochila de não poder lá fora e comecei a ver as coisas que eu tanto quis, mais de perto. Eu sou muito grato ao PIC.

São estas "pequenas felicidades certas" - como diz Cecília - que efetivamente se tornam gratificação por regência de turma...

Corações e mentes: abrigos da emoção... (!)

Em verdade, resistir nesta escola que aí está, seja como aluno, seja como professor - principalmente - é um ato de **CORAGEM**...

Encerramos aqui esta seção e, a seguir, apresentaremos alguns pressupostos básicos dos estudos de **Carl Rogers** (1978) - intitulados **Princípios**. São pontos essenciais à boa realização do ensino centrado no aluno.

Rogers & seus Princípios

1.

Os seres humanos têm natural potencialidade de aprender...

ALUNO :

"Pic — PRAZER DE ESTUDAR —

PENSA, indiscutivelmente, O ALUNO sente, ao ler uma aula
Pic.

NÃO CUSTA NADA... É DE GRAÇA E VOCÊ DESCOBRE QUE É INTELI-
GENTÍSSIMO...

O PRAZER DO ALUNO, NO PIC, SE RESUME NA CAPACIDADE DE
O ALUNO DESENVOLVER A SUA PRÓPRIA INTELIÇÃO... "

2.

A aprendizagem significativa verifica-se, quando o estudante per-
cebe que a matéria a estudar se relaciona com os seus próprios ob-
jetivos.

O ALUNO AUMENTA AS SUAS RESPONSABILIDADES
QUANDO CONHECE O PIC POIS O ALUNO SE ENFREN-
TA COM O TRABALHO DO SEU GOSTO ..

COMO O SOL

O SOL TEM A RESPONSABILIDADE DE NASCER
A CADA DIA...

Nota: Todos os depoimentos, aqui manuscritos, podem ser encon-
trados datilografados no Capítulo V, pois integram a se-
ção "Vôo Livre".

3.

A aprendizagem que envolve mudanças no organismo de cada um — na percepção de si mesmo — é ameaçadora e tende a suscitar reações...

"Desenvolvemos a mente ... a capacidade de nos responsabilizarmos ... a criatividade ..."

Nossa força de vontade nos conduz a ações inclusivas. Trabalhamos um que nos ensina a trabalhar sozinho, desafiando o que está dentro das pessoas e que elas ainda não tinham percebido desenvolver."

4.

As aprendizagens que ameaçam o próprio ser são mais facilmente percebidas, quando as ameaças externas se reduzem a um mínimo ...

"DE NÃO HOUVER LIBERDADE, NÃO HÁ
NEM DE CHEGAR AO MUNDO MARAVILHOSO DA
FANTASIA, ONDE ^{PODE} SE REALIZA ..."

"ESTA LIBERDADE DEVE SER 'QUASE' TOTAL,
POIS NÃO EXISTE ESTA LIBERDADE TOTAL ... QUANDO UM
PAPEL, CARGADO DO ALTO DE UM PRÉDIO, FICA EM
LIBERDADE TOTAL, POIS ATRÁZ DA GRAVIDADE
O ATRAIÓ DO CÉU ..."

"... MAS, NO FIM, A LIBERDADE É TÃO SUFICIENTE,
QUE PODEMOS CRIAR COISAS MARAVILHOSAS,
COMO ESTE TRABALHO QUE ACABO DE FAZER !"

5.

Quando é fraca a ameaça do "eu", pode-se perceber a experiência sob formas diversas e a aprendizagem ser levada a efeito...

"O Pic é um lugar onde se fazem coisas boas... e mais: é um lugar em que, de súbito, 'pilha uma inspiração'!"

Essa inspiração espontânea origina-se de algum estímulo que se encontra no Pic. A liberdade é um dos fatores que nos leva a ter inspirações.

A liberdade tranquiliza o aluno em sua atividade criadora. Há muito mais os alunos a inspiração é um sentimento muito mais forte, pois nascem com ela e, os alunos, não sabem mais..."

Portanto... O Pic é um lugar ideal para libertarmos nossos alunos e fazer "um jeito" para suas palavras, ações, ideias, sonhos..."

6.

É por meio de atos que se adquire aprendizagem mais significativa (colocar o estudante em confronto experiencial direto com problemas práticos)...

② VENCER obstáculos:..O sucesso!

O fide com suas meritosas e
professores. esta afimob como
a "a" "Cabeço"... en, como
o. o. luno - profundo en p. zento. a
que prope-

Pomo viver o trabalho.

A MINHA ALEGRIA está no
busca de um trabalho

- A' O fide. a esto: em
vencer os obstáculos que a ligo
Portuguesa o fene...

7.

A aprendizagem é facilitada, quando o aluno participa responsavel
mente do seu processo...

①

PIC É ALEGRIA...

os trabalhos são diversos...

Minha alegria é confiante, meu
trabalho é bonito...

me permitindo liberdade,
rebelião não existe, enquanto
~~eu~~ estiver no trabalho...

pois a alegria é realizar o que
me permitem a liberdade de
e a confiança inspirada pela
minha professora...

verso realista mostra minha
alegria... nem sempre rebelião,
pois o ^{meu} serviço é feito com
alegria.

8.

A aprendizagem auto-iniciada que envolve toda a pessoa do aprendiz - seus sentimentos tanto quanto sua inteligência - é a mais durável e importante...

" No PIC, todos os Trabalhos são originais...
Tão originais, quanto a natureza...
Como uma criança, que nasce da massividade de um amor...
Na realidade do pensamento,
Surge uma inspiração,
a qual dá origem a um Trabalho ideal e de intensa originalidade.

9.

A independência, a criatividade e a auto-confiança são facilitadas, quando a auto-crítica e a auto-apreciação são básicas e a avaliação feita por outros tem importância secundária...

" O PIC ajuda aos necessitados, criando situações incríveis e soluções inimagináveis. O PIC constrói um clima de amizade (incrível) jamais criado por ninguém: ele transforma uma pessoa de uma tal maneira, que o aluno, ao assistir à aula, nunca mais se soltará dela. O PIC dá "uma chave" ao aluno, que ele não pode fugir às situações propostas pelo professor...!

O aluno que vem pela primeira vez à aula do PIC, ele se sente muito inibido... A partir da segunda aula, o aluno unifica-se, inspirado a fazer coisas, que ele não podia pensar que

tinha a priori para fazer.

O clima da aula do PIC é fabuloso: dá-nos inspiração... Sentindo-nos, como se pudessemos descobrir a solução para os problemas do mundo!

"SE O MUNDO NÃO VEM AO PIC, O PIC IRÁ AO MUNDO!"

- Este é outro sentimento está cáminha presente...

10.

A aprendizagem socialmente mais útil, no mundo moderno é a do próprio processo de aprendizagem, uma contínua abertura à experiência e à incorporação, dentro de si, do processo de mudança...

"No PIC, o Trabalho é uma das principais exigências.

Assim... necessita-se, fundamentalmente, de uma inteligência exigida para o momento certo."

COMO NOSSOS PAIS

(Belchior

Não quero lhe falar, meu grande amor
Das coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
E eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa
Por isso cuidado, meu bem, há perigo na
esquina!
Eles venceram e o sinal está fechado prá nós
Que somos jovens
Para abraçar seu irmão e beijar sua menina na
rua.
É que se faz o seu braço, o seu lábio e a sua voz
Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantado com uma nova
invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
O cheiro da nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração
Já faz tempo eu vi você na rua, cabelo ao
vento, gente jovem reunida
Na parede da memória essa lembrança é o
quadro que dói mais
Minha dor é perceber que apesar de termos
feito tudo que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como nossos pais
Nossos ídolos ainda são os mesmos e as
aparências não se enganam, não
Você diz que depois deles não apareceu mais
ninguém
Você pode até dizer que tou por fora ou então
que tou inventando
Mas é você que ama o passado e que não vê
Mas é você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem
Hoje eu sei que quem me deu a idéia de uma
nova consciência e juventude
Está em casa guardado por Deus contando vil
metal
Minha dor é perceber que apesar de termos
feito tudo o que fizemos
Nós ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais.

CAPÍTULO IV

A SALA DE AULA: UM ESPAÇO PERFEITO PARA O CONVÍVIO HUMANO-PEDAGÓGICO ...

Este capítulo destina-se ao estudo dos fundamentos da educação em que se alicerça o estudo e compõe-se de mais duas seções, além desta, que apresenta o capítulo, a saber:

- Educação: um Desafio Humano-Pedagógico
- Alunos & Professores: Juizes

Educação: um Desafio Humano-Pedagógico

Para a filosofia da educação é importante considerar:

a dimensão da **assimilação**, que arrisca transformar o educando em **instrumento** ou **sujeito passivo** do processo educativo; a dimensão **intersubjetiva**, que deve levar o educando a uma maior conscientização das exigências de sua integração na **coletividade**, e a dimensão **crítica**, que aguça a capacidade do educando para **avaliar**, nas devidas proporções, a **realidade** em que vive. (Giles, 1978)

Teoricamente, perfeito.

Na prática, na realidade,

...a escola e os velhos processos continuam a ser os únicos em uso e em abuso. O professor fala, o aluno ouve e o aproveitamento verifica-se, quando o aluno fala e faz ouvir no professor o que ele já tinha dito.
(Santos, s.d.)

Como a escola "moderna", atual, se esquece de que

Educar é alcançar a **pessoa** naquilo que lhe é mais específico, no seu **ser-humano**, isto é, na sua intelectualidade, na sua afetividade, nos seus hábitos, para levá-la à realização de um ideal. (Giles, 1983)

Esta realização pressupõe um futuro.

Preocupar-se com o futuro do educando é um dever de prudência do educador: o que lhe acontecer hoje, em questão de educação, certamente, terá consequências futuras... o educador terá sua parcela de responsabilidade, no peso e no contrapeso.

No futuro, bem breve, ou distante, como ocorrerá, por exemplo, a integração do **eu** individual no **eu** coletivo por parte do educando?

É uma questão para o educador, é uma questão para a filosofia da educação.

Reflitamos sobre estas considerações de Giles (1983):

No conjunto de problemas diante dos quais a Filosofia se situa, a educação surge como uma questão fundamental. Trata-se do processo que tem por objetivo integrar o **eu** individual no **eu** coletivo, como membro consciente e crítico. A educação condiciona todas as facetas daquilo que chamamos de **existência** propriamente humana. O homem se torna **humano** graças à educação.

Nós apenas acrescentaríamos: seja pela educação formal (a da escola) ou pela educação informal (a da vida)...

E, quer o conceba ou não, acredite ou não, o educador influi na existência do educando: ele, como ser humano, não pode fugir à sua maneira (humana) de ser, de comportar-se, de agir, diante do educando, como se fora um E.T.(!) moderno, blindado em aço ou... um homem de pedra, antigo, troglodita, em sua linguagem rude...

Qualquer disfarce o revela em sua humanidade...

E deve levar em conta que também o educando — pessoa de carne e osso — está "classificado" como humano, como

ser vivo, concreto, individual. A sua compreensão não pode ser conseguida pela aplicação de **princípios ge-**

rais, que nele não encontram **generalidade**. (Santos, s. d.)

Cada criança, cada adolescente, cada "educando" é um ser único - fazer parte de uma **turma**, de uma **massa** é apenas questão circunstancial, escolar...

Ele ali está e lhe será de fundamental importância que o educador o leve

ao **contato consigo mesmo**, ao seu **auto-conhecimento** ... à busca do único absoluto no **horizonte** da vida humana: **a autenticidade**. (Santos, s.d.)

Isto em mente, o educador partirá para a ação: uma ação que se paute pelo bom senso...

Conteúdos - sim ou não?

Equivale a perguntar: escola - sim ou não?

A escola existe **também** (e até primordialmente) para que o aluno adquira conteúdos de um programa bem elaborado. Acontece que:

A escola esqueceu a sua **missão**. Supôs que a realizava ensinando até ao **esgotamento** determinada **matéria** do seu **programa**. É, porém, muito diferente a verdadeira missão da escola que, aproximadamente, pode ser assim enunciada: criar as condições possíveis de **aprendizagem na vida**, para a **existência** e pela **existência**. (Santos, s.d.)

Não se podem esquecer os educadores de que a escola foi **criada** para tentar colaborar com a **vida** do homem: é um artifício, um recurso - deve servir **a**, não servir-se **de...**, sob pena de não servir **para** nada...

Delfim Santos explica:

A escola é um **artifício** e a **pedagogia**, necessariamente **artificiosa**, o que em si não é um mal, se os artifícios forem pensados para o cumprimento da **finalidade** que deve orientar o homem: ser autêntico. (Santos, s.d.)

Um homem autêntico: procure-se de lanterna na mão...

Estas posições aqui defendidas representam a nossa identificação com a **pedagogia existencial**, pelo que seus princíipios têm de convergente com as nossas crenças quanto à contribuição de uma educação humanista-existencialista.

Concordamos com Delfim Santos, mais uma vez e plenamente, quando afirma:

A **pedagogia existencial** não é, pois, uma **atitude nova**, nem uma nova moda - como os que nada entendem do novo pretendem afirmar - mas a fase de maturação de um **proceso secular** na busca da dimensão humana para o tratamento do homem, como ser que **aprende para se compreender**. (Santos, s.d.)

A exemplo da Filosofia, a filosofia da educação também se assemelha a uma sinfonia inacabada, como, de resto, tudo o que se refere às conquistas do homem é também inacabado, sujeito a evolução, como ele próprio está sempre por fazer ...

Assim, para compreendermos melhor as questões da educação hoje, é preciso voltar no tempo: no seu processo de evolução de "maturidade", a educação tem uma fase decisiva, importante, no século XVII, no que tange ao acesso do homem comum (não filósofo) ao mundo do conhecimento, às "Luzes" ...

Ester Buffa (1991) assim nos reporta os acontecimentos:

Quem reforçará a crença na educação como pré - condição para a participação do homem comum será o racionalismo ilustrado do século XVIII que, no dizer de Kant, representa o momento em que o homem sai da minoridade para a maioria graças à educação pelas Luzes. Nesse momento, o homem adquire a capacidade de servir-se de seu entendimento sem a direção de outros. O racionalismo ilustrado teria dado ao homem coragem - *sapere ande!* - para servir-se de seu entendimento de maneira autônoma, e, assim, ser sujeito da história.

Uma forma de libertar-se, de fugir a qualquer tipo de dominação, de opressão, para ser busca constante do homem ...

Afinal, que busca e propõe Paulo Freire, há tanto tem po? Uma pedagogia do oprimido, em prol de sua libertação...

Uma pedagogia da libertação objetiva uma educação que possibilita ao homem em desenvolvimento inserir-se no processo histórico, como **sujeito**... o inscreve na bus ca de sua afirmação. (in Kowarzik, 1988)

Esta pedagogia se dirige diretamente às classes opri midas, às classes operárias, às classes populares — ao povo, de modo geral.

E o povo é sempre levado a crer que há alguém fazen do alguma coisa por ele...

...faz parte da ideologia burguesa afirmar que a educa^{ção} é um direito de todos os homens. Ora, na realidade sabemos que isto não ocorre. (...) Em geral, o pedrei^{ro} que faz a escola, o marceneiro que faz as carteiras, mesas e lousas, são analfabetos e não têm condições de enviar seus filhos para a **escola** que foi **por eles** pro duzida. (Chauí, 1992)

E um outro dado concreto, estatisticamente comprovado é que, nestas duas últimas décadas,

...mesmo tendo aumentado a **presença** do povo brasileiro na escola, o **resultado** da escolarização tem sido absolutamente insuficiente e insatisfatório. (Cunha & Góes, 1991)

Motivo?

Causas?

Currículos defasados, professores mal formados e mal pagos, metodologias inadequadas, escolas/prédios em ruínas — tudo isso e muito mais (!) Muito mais, porque tudo isso **reu-** nido...

Educação é questão multifacetada e polêmica, inclusive quanto a **ensinar** ou **levar a aprender**...

Guido de Almeida tem uma posição franca quanto à ques
tão da formação do professor:

Considero urgente a recuperação do profissional do magistério, focalizada, principalmente, no aspecto que Mello (1982) define como "competência técnica", que poderia ser objetivada em termos do domínio do conteúdo do saber escolar e dos métodos adequados para transmitir esse conteúdo... (Almeida, 1986)

Guido se preocupa com uma questão relevantíssima para a educação: a competência técnico-profissional do professor.

Em verdade, os educadores de hoje (que não sejam mais tão jovens, cronologicamente) são fruto de um tempo em que os **mestres** tinham como **missão** fornecer **instrução** aos alunos — ministrar conteúdos. Os **mestres ensinavam**; instruíam.

Era um tempo... e, que, como todo tempo, teve seu brilho e suas zonas sombrias...

Quem não tem boas e más recordações da "aurora da sua vida" escolar...?!

O mesmo não estará acontecendo já, hoje, com os formandos de nosso tempo? E também não acontecerá, futuramente, com as crianças de hoje?

Ensinar bem ou mal ou... não conseguir ensinar (!) e fazer com que o aluno aprenda, por conta própria, "apesar do professor"... Levar o aluno (ou não) a aprender (satisfatoriamente ou não)... tudo isto são contingências da educação, em seu caráter dinâmico-temporal. Afinal, ela é fruto da ação humana, sujeita à contingência do "ensaio-e-erro" que tão bem caracteriza as ações humanas, em geral... pecado e virtude: coisas do ser humano...

A nosso ver, o que vivemos hoje é um **tempo de guerra**:

é preciso combater os males que estão acometendo de morte a educação, principalmente, em nosso país (!)

Não há mais tempo para perder...

E...

em **tempo de guerra** (!) diríamos que toda contribuição positiva (que produza algum bom resultado) é bem-vinda!

Embora, pessoalmente, tenhamos preferência por uma Didática que leve o aluno a aprender, também incluimos em nossa praxis a aula expositiva, dialogada, para que o aluno assimile melhor determinadas partes do conteúdo...

Bruner, Piaget, Ausubel, Gagné (Oliveira, 1982) estão aí para que o professor **criteriosamente** deles (e de outros) se valha para colaborar **efetivamente** com o seu aluno, na **construção do conhecimento**, através portanto de uma Didática ampla (Lima, 1985), também **construída significativamente pelo professor**: sem auto-segurança não se caminha, não se chega a lugar algum.

Ao professor que queira formular ou reformular sua prática docente, cumpre informar-se, formar-se, estudar... E, até por testemunharmos a todo momento que "**ser professor** não se aprende na escola", ousamos aqui recomendar a leitura de AMPLA DIDÁTICA da Professora Balina Bello Lima, que será, certamente, um bom livro de cabeceira para o professor, por um bom tempo ainda... (boas descobertas devem ser compartilhadas).

É importante que o professor se prepare para saber trabalhar com a sua clientela — que é, cada vez mais, oriunda de "classes populares" (dado o empobrecimento progressivo desta "minha-gente" !).

Neste sentido, concordamos, em parte, com Guido de Almeida, quando preconiza:

Já é hora de os professores se convencerem de que é necessário e indispensável **ensinar**, sobretudo para as **classes populares**, que precisam conhecer para lutar contra a discriminação social. (Almeida, 1986)

Permita-nos o autor de O PROFESSOR QUE NÃO ENSINA ponderar que o professor que leva o aluno a aprender também ensina: ensina como **se aprende a aprender...** como é a vida de uma pessoa **sem o uso de muletas** ... como é abandonar o estigma de DEFICIENTE e ascender à classe dos LIBERTOS...

Creia, Professor Guido, é possível alargar os horizontes e ousar uma Didática diferente, porque ampla...

A Ampla Didática não é escrava de métodos e técnicas de ensino; (...) Não adota sem crítica, adapta às reais situações de aprendizagem. (...) A Ampla Didática aceita o desafio de inventar uma metodologia para crianças pobres, cujo conteúdo seja o seu cotidiano, seus problemas, sua criatividade, sua vida. (Lima, 1985)

Foi, pois, um grande prazer, conhecer a AMPLA DIDÁTICA, recentemente, e constatar quanta afinidade temos com as concepções da autora sobre as questões que uma Didática abriga.

Diz a Professor-autora:

Em suma, considera-se Ampla Didática a didática pluralista, nutrida de criatividade, voltada para o porvir, rica em possibilidades e apenas limitada pelo que não dá certo, pelo que prejudica os alunos. Apenas isso é anti-didático. (Lima, 1985)

Importante: não é um discurso teórico (vazio). Sente-se, nele, que foi ditado pela prática, pela verdade de uma vivência - só esta confere convincente eloquência ao orador (!)

E este é o caso...

Assim, faremos de suas palavras uma espécie de "liame" para a próxima seção, onde nossos alunos e um grupo de dez

professores-juizes dão seus pareceres sobre o nosso trabalho realizado em sala de aula.

Esperamos que as palavras dos juizes realmente atestem que - como acreditamos -

Cada aluno precisa aprender a expressar seu mundo, expressar-se no mundo, atuar sobre ele e transformá-lo numa reconstrução positiva e permanente. (Lima, 1985)

O que é, então, este momento PIC (codinome *beija-flor*...)?

É aquele momento caro (ou inexistente/desconhecido para quem não o promove/não o vive) em que a **palavra** é o ponto de partida e de chegada para **toda** e **qualquer** atividade que viabilize um aprofundamento do conhecimento/domínio da língua portuguesa... apenas, sem que se faça uso dos tradicionais "exercícios de gramática" - tão necessários quanto sem valor, geralmente...

Só isso!

Resumindo: há que se levar o aluno a estudar/praticar exercícios de gramática normativa, há que se conhecer - sistematizados - os fatos da língua... mas não só (!)

Da **forma** como em geral os alunos **escrevem** (grafam), e a cada dia, pior (!), afirmamos com profundo conhecimento de causa - 26 anos de trabalho - que o tradicional ensino de português predominantemente **só** pela gramática - prática já cristalizada - **precisa ser aposentado!**

Prestou serviços (até relevantes, estamos aí...), mas OS TEMPOS **MUDARAM**... "A CLIENTELA" **MUDOU**...

Por que os professores não mudam?!

Uma realidade GRITANTE e não a ouvem, não a enxergam...

Por quê?

Insensibilidade do século... ?!

É "pathético" ... (rememorando "pathos"): analisados mais de mil depoimentos... com todos estes, mais de mil, **realmente construindo o conhecimento** (e reconstruindo o auto-conhecimento), o PIC vale menos que um mico-leão dourado... (eu queria que valesse igual...)

Só sobreviveu, pela **nossa luta pessoal**... Aliás, o professor também anda valendo menos que um mico — quem, afinal, ou que **"ONG"** ou **"OG"** (Organização Não-Governamental / Organização Governamental) faz campanha nacional/internacional pela **preservação do professor**? O professor, hoje, mais do que nunca, é **ignorado**, por mais relevante que seja o trabalho que ainda **consegue realizar**... (**operação fênix!**).

Talvez o professor tenha que inspirar-se naquela **canção popular** que revela a situação-limite, a angústia existencial do seu sujeito lírico, que confessa:

vou acabar ficando nu,
p'ra chamar sua atenção ...

(está ouvindo, sr. governante?!)

O magistério não é apenas **nossa profissão**, o magistério é **nossa paixão** (!)

Quem está assassinando a educação, quem está matando os professores merece ser alvo de uma CPI que culmine com o seu **IMPEACHMENT** (!)

Quantos professores já optaram pelo "suicídio" (segundo Camus), renunciando, pelo desânimo asfixiante, à **auto-realização profissional**...?! Bons professores, dedicados, lutado-

res, responsáveis... porém também de carne, osso, sentimento, estômago, aspirações... Cansaram! Agora "empurram com a barriga", fazem o estritamente "previsto pelo sistema"...

E o pior: os novos professores...chegam e dão de cara com esse "exemplo" de mestre... que triste incentivo a quem começa...

Aqui ou ali, podem até se encorajar com a resistência heróica de alguns...

E, então, perguntamos: será ainda preciso que haja mais mortos...?!

A "precisão cirúrgica" do ataque está comprovada: eficiência quase total... pois, enquanto houver "munição" nas mãos de alguns "rebeldes (os de Camus), a revolta pode até mudar o rumo da guerra... na nossa sala, já mudamos. Afinal, como diz o poeta: "Navegar é preciso..."

Gostaríamos de encerrar esta seção, convidando o leitor para a reflexão, em companhia de Bertold Brecht:

Há homens que lutam um dia
e são bons...
há outros que lutam um ano
e são melhores
há aqueles que lutam muitos anos
e são muito bons
mas
há os que lutam toda a vida
- esses são os imprescindíveis.

Professor & Aluno: os imprescindíveis parceiros na elaboração do grande texto...

"Amigo é coisa
p'ra se guardar
debaixo de sete chaves,
dentro do coração ..."

Esta seção só nos foi possível, graças ao material produzido pelos alunos — nossos maravilhosos parceiros — nestes mais de dez anos, guardados, só por afeição, inicialmente... (impressionava-nos o que as crianças diziam) e, depois, com segundas intenções... e graças, também, ao empenho de cada professor-juiz que, com admirável dedicação, recebeu e se lançou à tarefa de análise e interpretação do "pacote" que recebeu...

Não me cansarei de agradecer a **cada um** por tão decisiva e valorosa colaboração: tão importante quanto a **validação** do trabalho apresentado, foi a **revalidação** da nossa afinidade de **consciência profissional**, que um dia nos uniu e hoje nos reuniu...

Vamos aos mestres,

com carinho ...

ALUNOS & PROFESSORES: JUÍZES

1. Eu achei que a aula de hoje foi uma das melhores que até hoje teve, e que eu aprendi a juntar as palavras e transformá-las em um poema. Senti uma sensação que nunca havia sentido, e também dei de mim o máximo que podia. E aprendi que posso aproveitar melhor as palavras e a mim própria, se eu quiser. (...) Com as aulas do PIC eu me sinto bem melhor quando saio daqui.

Ana Paula, T.701

É interessante a criação mais uma vez descrita na simplicidade da fala da adolescente.

É reflexivo nas descobertas da linguagem - vida.

2. ...Eu e o PIC somos bons amigos porque eu vou lá nele, faço um monte de coisas e ele não reclama muito... Só quando eu faço uma coisa errada... Eu gosto muito do PIC porque nele eu estou desenvolvendo o meu raciocínio e estou produzindo um pouco mais... O meu livro, para mim, foi a coisa mais "legal" que eu já fiz em toda minha vida de escola... O PIC é uma sala onde eu me sinto à vontade!

Renato, T.702

Perpetua a figura da amizade
É mais o valor da descoberta
de si mesmo num clima de liberdade
de espontaneidade.

3. Para mim,

a aula de hoje foi **boa**

porque eu pude ver como o poeta escreve uma poesia.

Com as aulas do PIC, deste ano eu tenho conseguido melhorar o meu português. Agora, eu me considero uma pessoa que conhece o poeta, agora, quando alguém vier me perguntar se eu conheço algum poeta eu vou poder dizer, com orgulho, que conheço.

Eliane, T.507

é desmitificação do fazer poesia...

É fundamental que o aluno apresente no professor uma verdadeira afeição pelo objeto de suas "punições". Ele saberá avaliar extraordinariamente o conhecimento que adquiriu.

4. Ser poeta é criar certas verdades, falar sobre as coisas que nós temos no mundo, dizendo as belezas, as feiuras e outras coisas ... Poesia é um ato de tristezas, alegrias, pensamentos, sonhos e realidades.

Adriana, T.601

Que belo o conceito de poesia
desta criança!

5. A aula do PIC é um tipo de aula diferente das outras, pois o aluno pode criar, pintar, enfim, usar a sua imaginação. Em todas as aulas usamos a nossa criatividade, o nosso outro lado que os outros professores não conhecem. Nas aulas, nós nos divertimos muito, com música, e também temos oportunidade de ler os livros que são "legais". Com essas aulas estou conhecendo a gramática, as palavras. Eu acho que as aulas são boas para o aluno, pois ele tem que pensar. Enfim a aula de PIC tem dia que está super legal.

Simone, T.701

Não precisamos consultar grandes teóricos da educação.

A todo momento os alunos nos indicam os pontos neurálgicos da falência de nossa escola e instituição. Basta lhes perguntar, como bons pacientes, onde dói...

EDUCAÇÃO:

uma questão de filosofia — resgatando a pureza do termo — amor ao conhecimento.

Quando professor e aluno (entidades/individuais) compreendem que o conhecimento é uma experiência solitária num momento interior, tudo flui melhor, pois ambos estarão na condição de aprender e ensinar, sustentando suas buscas no vasto arcabouço de conhecimentos já conquistados pela humanidade. A escola será um caleidoscópio, fornecendo as mais variadas imagens, e professor apenas o mediador entre elas e o pequeno buscador, ao qual não deve ser roubado o prazer da descoberta.

6. ...O aluno que frequenta o PIC, está preparado para viver em grupos, ter a capacidade de desenhar, escrever, pintar, enfim ser um bom aluno, comunicativo com seus companheiros. O PIC é uma sala que nunca estará fechada para quem quiser aprender, para aqueles que gostam de mostrar seus valores, e para quem quiser abrir seus corações com poesias, versos, e de até mesmo para aqueles que querem descobrir os seus valores.

Rosária, T.803

A solidariedade, tão importante para um mundo melhor e mais feliz, flui nestes encontros do PIC, onde os meninos "DESCOBRIM" que são gente de verdade! E vão criando, sem medo...

7. O PIC é um trabalho muito interessante, porque leva o aluno a raciocinar e isto é muito importante, porque toda pessoa é inteligente; mas falta apenas um desenvolvimento e isto é o que está sendo feito no PIC. A sala de aula tem um clima muito descontraído e assim ajuda o aluno em várias dificuldades. A presença da professora é agradável e dá ao aluno a confiança de que ele não é incapaz de fazer coisas belas.

Elias Maciel, T.803

"TODA PESSOA É INTELIGENTE", nos diz Elias Maciel! Feliz, o aluno que pode "DESCOBRIR" sua força interior, criatividade, num ambiente sem inúteis autoritarismos e repetitivos exercícios!

8. O PIC é sobretudo um grupo de amigos que juntos constroem um novo lar. Infelizmente não assisto aula de PIC, porque não está num horário ao meu alcance, devido a minha responsabilidade fora do colégio. (...) É muito bom estar numa sala de aula onde possa ter liberdades. (...) Com um simples e lindo trabalho conseguimos extrair tudo, nos sentindo assim alegres, dispostos a "tudo", enfim dispostos a viver...

Carlos Magno, T.803

A escola torna-se ATRAENTE para o aluno! Abre-lhe um mundo novo, em que desabrocham suas potencialidades e as tristezas do duro e polare cotidiano são AMENIZADAS!

9. Auto-Avaliação. Eu achei muito interessante pois eu não havia percebido quanto as cores influenciam nos sentimentos. Eu descobri coisas que existiam dentro de mim, e eu não conhecia. Eu gostaria que tivessem mais aulas como esta, que me fazem perceber o quanto a vida é importante.

Luciane, T.703

Às vezes, alguns alunos são rotulados de apáticos, "BURRINHOS" mesmo, não!?! Com atividades criativas e respeito humano, surge o verdadeiro "EU", surpresa para muito professor que resolveu tentar o melhor!

10. (...) O ambiente é muito favorável pois o relacionamento entre o professor e o aluno é livre, quer dizer: todos podem falar, discutir o assunto, debater, enfim com isso é que chegamos a um denominador sem problemas que interfiram. (...) O PIC é, para mim, um grande resolvedor de problemas, pois, se estivermos com algum problema é só frequentarmos o PIC e veremos como é bom... A gente se distrai, ajudando a fazer os trabalhos, conversando... Enfim, nos- sa mente se esquece dos problemas...

Rosângela, T.803

Clima de LIBERDADE e CONFIANÇA mútuas: quem não gostaria de estudar assim? Eis aqui um exemplo da Tão fala da DEMOCRACIA... (EXERCITADA DESDE A INFÂNCIA!?!)

Educação: Uma questão de empatia e bom senso! Sentir a importância da "LIBERDADE PARA APRENDER", sugerida por CARL ROGERS, há tanto tempo atrás e a contribuição de outros estudiosos como M.^a Montessori, Piaget, Anísio Teixeira, Paulo Freire...

O ser humano já traz consigo grande bagagem e tudo depende do RESPEITO, DAS CONDIÇÕES DO MEIO EM QUE VIVE E DO PROFESSOR, na sala de aula! Ensinar e aprender: faces do mesmo processo educacional! MUITA PACIÊNCIA, PERSEVERANÇA e AMOR!

BASTANTE AMOR, pois "BRINCAR COM CRIANÇA, NÃO É PERDER TEMPO, É GANHÁ-LO! SE É TRISTE VER MENINOS SEM ESCOLA, MAIS TRISTE AINDA É VÊ-LOS IMÓVEIS, EM CARTEIRAS ENFILEIRADAS, PERDENDO TEMPO EM EXERCÍCIOS ESTÉREIS, SEM VALOR PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM..."

nos diz HELENA ANTIPOFF! É IMPRESCINDÍVEL ALEGRIA, CALOR HUMANO e MÃO AMIGA, como podemos captar nas ~~aulas~~ ^{atitudes} desses pequenos meninos a crescer em ~~ca~~ ^{da} ~~trabalho~~ ^{trabalho} escolar!

11. Gostei muito dessa aula, porque teve uma liberdade de expressar a minha criatividade, os meus sentimentos e a minha visão de como é o futuro (como escrevi na folha de atividades).

A desinibição para o ato de criar levando o aluno a atuar como agente modificador do contexto social.

12. A aula de hoje foi muito calma e eu, pela primeira vez na minha vida tomei uma atitude tão importante, eu sabia que o nosso prefeito não ia poder ler o meu cartaz, ou melhor meu trabalho, mas, mesmo assim, eu me sentia como se eu estivesse falando com ele!

Barbara, T.602

O aluno, coexistindo como "ser político", se valoriza em seu contexto, reage aos estímulos que o meio lhe confere e age politicamente denunciando e/ou indicando possibilidades de transformações.

13. Eu criei um texto policial pois o meu texto é sobre um policial que era muito metido e acabou muito mal. Para mim, a aula de hoje, eu aprendi que ler e escrever faz bem para nós porque hoje eu li e escrevi e desenvolvi uma estória com pedaços de textos.

Andrê, T.502

Do aluno, quando sensibilizado para o ato de ler e escrever, conscientiza-se de sua importância e descobre, também, o prazer pela leitura e escrita.

14. Hoje eu criei de uma folha branca um painel de cores sem olhar de ninguém. a professora deu uma liberdade para a gente criar o que quisesse sobre o assunto da semana passada. Foi divertido. É como brincar com as cores. Eu estava meio atrapalhada sem nenhuma imaginação depois é que ela voltou sobre minha cabeça. Ah! não posso esquecer de um tempo de descanso quando entrei na sala, ouvindo música. Não foi uma aula cansativa.

Andrêa, T.602

A liberdade de ação e expressão levando à autoconfiança e propiciando a fertilidade criativa a partir de uma folha em branco

15. Para mim a aula de hoje foi ótima. Refletimos quem somos nós na escola, quem é o Professor para nós. Enfim, tivemos a oportunidade de expressar o que pensamos a respeito deste assunto: Professor + Aluno = Amizade.

Wander, T. 801

Num ~~vôo~~ de liberação, o aluno atinge a imagem da questão: - Para que serve a escola? Quem é quem dentro dela? Que relação de aprendizagem deve existir? Torna-se claro, para ele, a partir da experiência vivenciada, que a aprendizagem se concretiza numa relação de emoção e prazer. ("Professor + aluno = Amizade.")

Educação:

uma questão de transformar (-se).

Uma educação transformadora deve-se valer de práticas libertadoras que impulsionem o aluno a um "despertar", a uma supervalorização do "eu", às vezes adormecido por práticas pedagógicas tradicionais.

O aluno passa a atuar como indivíduo capaz de transformar-se, na medida em que não é só paciente do processo educativo, mas também agente-transformador de seu contexto pessoal e social.

16. A aula de hoje foi muito legal e gostosa. Bem que a senhora falou para a gente na sala. Eu senti uma vontade de desenhar mais. Descobri uma alma nova em mim. Desenvolvi a mente em muito. Eu aprendi a apreciar as letras, os desenhos e que se pode fazer muita coisa.

Nilsa, T.601

O ambiente escolar transformado num lugar de vida mais democrático onde o temor é substituído pelo senso de responsabilidade se torna mais produtivo.

17. Hoje eu renovei o meu passado, a minha linda infância que eu tanto amei e sempre amarei por toda a VIDA. Hoje eu pensei tudo sobre o que eu fazia antigamente. Eu gostei da minha aula de hoje - porque pensei em tudo o que eu gosto de fazer e o que fiz na minha infância.

Patrícia, T.503

O importante é propiciar ao aluno um mergulho fundo na sua alma.

18. O PIC - LP é uma coisa super legal. Hoje por exemplo (para mim) eu descobri o verdadeiro sentido de amar. Obrigado, profesora.

Cláudio, T.601

Com a autonomia de estar em liberdade, o aluno começa a se conscientizar do papel que está fazendo no mundo.

19. Hoje eu não gostei muito da aula, mas bem que me aliviou, eu de sabagei, falando da minha tia e do meu avô. Esta aula é boa para desenvolver o aluno. Quando eu disse que não gosto da minha tia, não é mentira, não, veja só a minha situação: não gosto do meu avô e nem da minha tia porque eles são falsos e eu não gosto de falsidade, eles mentem, eles são metidos...

Luciana, T.601

O questionamento da vida, os conflitos humanos não são uma tomada de consciência apenas das pessoas mais velhas.

20. Eu gostei da aula de PIC porque em uma folha de papel eu escrevi o que é o amor. Eu acho que a aula de PIC foi boa porque se a gente puder mexer com as cores, dizer pra nós o que é o amor, o que é um sentimento e com uma professora muito boa, ótima e, apesar de tudo, brincalhona, a aula não vai ser divertida, vai ser maravilhosa. Quando a gente tem uma chance de ter uma aula dessas nós vamos ter que aproveitar até o último minuto...

Rosângela, T.601

O importante é possibilitar ao aluno usufruir o belo e o poético que a vida e alguns seres humanos podem oferecer a cada instante.

Educação:

uma questão de posicionar os alunos em relação ao mundo, em relação a outras pessoas e em relação a eles mesmos, transformando-os em exploradores que encontrarão um significado real para uma vida de mudanças.

21. Para mim, a aula de hoje foi ótima porque eu pude criar bastante coisa, porque eu consegui desenvolver a minha capacidade mental e porque eu aprendi que, na vida, existem tipos diferentes de pessoas.

Vera Lúcia, T. 701

A criatividade que existe em estado latente em cada aluno consegue desenvolver quando se apontam vários caminhos.

22. Para mim, a aula de hoje foi muito interessante porque eu pude botar minha ideia em prática para poder criar uma história em que eu quebrasse a cabeça.

Simone, T. 611

A criação de todo o conteúdo para a pessoa que se deixa envolver totalmente por si mesma.

23. Para mim, a aula de hoje foi bastante criativa pois pude definir uma grande história de humor. Porque eu pude criar minha própria história. E consegui desenvolver palavras inventando uma história de humor e alegria. Porque eu aprendi que, na vida, pude fazer, definir, criar do meu próprio jeito, fosse da minha criação.

Elisângela, T.802

El liberdade de escrita deixa fluir ideias e pensamentos moradores dentro de cada um de nós.

24. Para mim, a aula de hoje foi ótima porque eu pude criar um texto longo, porque eu consegui desenvolver a capacidade de criar um texto diferente dos outros e porque aprendi que, na vida, podem acontecer coisas doidas...

Simone, T.701

A ruptura com o lugar comum abre o horizonte de aluno fazendo ver a enação que é inserida na vida de forma diferente.

25. Para mim a aula de hoje foi criativa porque eu senti que sou capaz de imaginar uma coisa que quase ninguém p'ra p'ra pensar. E eu desenvolvi mais os meus pensamentos e descobri que uma bandeira é muito mais que um desenho qualquer. Eu aprendi que se uma bandeira tem um lema, ele foi feito para ser cumprido por todos, não só para as pessoas que pertencem ao país.

Patrício, T.802

① aprender não está desvinculada da realidade, por isso propicia ao aluno mudar seu enfoque diante da vida

Educação

uma questão de propiciar ao aluno uma combinação de conhecimentos adquiridos numa alternada aula com o retirado de outras situações de experiências, a postulando-se nesta procura de desenvolver o indivíduo que é a vida.

26. O que é ser Poeta? Ser poeta é se liberar para um mundo de fantasia, mas que alimenta a mente de cada ser. O poeta faz de sua poesia um momento importantíssimo para a sua vida, ele pensa, reflete e diz o que ele mais gosta e quer. Na verdade ele quer ser tão importante quanto seus poemas.

Elisângela, T.803

Podemos verificar, claramente os efeitos de um trabalho construtivista. O senso crítico, a observação, a sutileza dos detalhes, o pensamento claramente expresso, vem de mentar o fortalecimento da auto-confiança, graça de boa qualidade...

27. O que eu senti? Muita inspiração de poder fazer o meu trabalho de hoje. O que eu descobri? Descobri o quanto é bom saber escrever, como tem muita gente que não sabe escrever, e de poder ter esta aula de PIC. O que eu desenvolvi? O que falar da natureza, da vida, do amor, do mundo, que o quanto nós ficamos até mais tranquilos de ter o que dizer de bom, que nós sentimos.

Neide, T.702

Este tipo de depoimento deixa claro a concepção de educação subjacente. O trabalho de medição do professor fica evidente quando o aluno demonstra sentir prazer em escrever e, sobretudo, sentir-se capaz de fazê-lo sem medo.

28. O que eu senti? Senti-me muito prestativa em tudo aquilo que fiz. Descobri que muitas coisas que pensamos podemos criar com nossas próprias mãos... Desenvolvi uma arte e uma maneira de proteger a natureza... Eu não aprendi muita coisa, mas aprendi a amar e respeitar colegas e professores.

Edmara, T.511

Podemos observar claramente aí, uma metodologia voltada para a cooperação, integração que estimula a criatividade indo direto ao cerne da questão, que é levar o aluno a acreditar-se capaz e saber se sujeito da própria história.

29. Eu acho que a aula hoje foi boa, eu já estou entendendo mais. Eu descobri que, sem pensar, eu não sei nada. Pensando eu vou descobrir coisas muito interessantes. Eu desenvolvi a inteligência: já não sou **tão burro** como eu pensava. Eu aprendi que falar mentira sobre as outras pessoas não é bom, eles podem tentar fazer alguma coisa contra a gente. Eu não gostaria que alguém falasse mal de mim.

Marcelo, T.511

É preciso clareza de que se pretende apenas repassar conteúdo ou contribuir para a formação de pessoas capazes de enfrentar desafios. Para isso, é fundamental, e isso está aí evidente, oferecer questões que primem pela reflexão.

30. Eu senti uma liberdade de pensar e criar. Eu descobri uma estória sobre o Pantanal. Eu desenvolvi que para ver as outras espécies do Pantanal não precisa ir lá. Aprendi que não devemos matar sem ser para a alimentação e nem judiar dos bichos.

Alex, T.509

Podemos observar aí, um estímulo à imaginação, o fazer pensar, essência do trabalho educativo comprometido. Podemos perceber o prazer na "viagem" que a leitura proporciona. Cabe lembrar, que dessa forma, os alunos são estimulados a pensar e buscar soluções criando estratégias próprias.

Educação,

uma questão de filosofia, de vontade política e de compromisso, sem dispensar a competência técnica.

É preciso se ter clareza de quem, por que, para que educamos e como fazê-lo, qual metodologia dará conta desse cidadão que pretendemos formar: se um, ser crítico capaz de enfrentar desafios, tomar decisões, agir e planejar ou um mero repetidor submisso apenas para reagir e executar.

31. ...E enfim este dia chegou. Quando comecei a estudar, o meu bicho papão era a redação. E o pior ainda havia de chegar; e chegou. Em minha cabeça, pra mim, não havia capacidade de construir um livro, nem que fosse uma linha, sequer... mas, para mim, eu não conseguia fazer. Hoje, acho que como todos os dias, eu não estava com a maior inspiração para fazer este trabalho. Comecei a escrever, sem eira nem beira o meu trabalho... Mesmo conseguindo superar o meu bicho papão, tenho certeza de que não fiz um bom trabalho, poderia ser melhor. Mas, à primeira vez dá-se uma desculpa. Espero (não mais com medo), escrever uma segunda, terceira... vez, prometendo a mim mesma tentar fazer um trabalho melhor do que o de hoje.
 Érica, T.801

Rompendo os limites, enfrentando o medo, o aluno se sente com vontade de experimentar algo novo e dar continuidade a esses descobrimentos e, se auto-avalia, narrativamente.
 Fruto da liberdade de ação!

32. Eu hoje gostei da aula, porque desenvolvi uma lição que serve para todos. Descobri que gosto de criar, aprendi a lição que descobri para toda a minha vida.

Eliane, T.701

As coisas boas ficam gravadas em nossa mente por toda a vida. Há um processo natural de escolher o que queremos guardar. Experimentar algo novo que teste a sensibilidade é se sentir bem consigo mesmo. Não somos colecionadores de nossas experiências.

33. O PIC - Todos trabalhando, colocando o que tem na cabeça para o papel, trabalhos magníficos que o próprio aluno pensava que não realizaria aquilo. O clima da sala, é um exemplo de sala bem comportada, facilitando assim o desempenho dos alunos... A professora vamos dizer, minha colega, ou, talvez, aluna também. Pois no PIC, todos aprendem... E, um ajudando o outro, formamos o PIC.

Luiz Cláudio, T. 803

Desempenho é sinônimo de transmitir

O professor não é o marechal da paleteira, o aluno não é receptáculo de conhecimentos.

Educar é se fazer respeitar, sem os dogmas da distância. O professor amigo, desperta no aluno, o amigo, aprendem juntos. A criatividade de ambos flui, naturalmente.

34. Nesta aula de hoje, eu relembrei o que o PIC me deu desde a primeira aula; serviu para despertar a consciência que estava longe, tão distante que nem passava pela cabeça que um dia voltaria a ter tanta vontade de desenhar quanto tinha quando era menorzinho e eu aprendi que, na vida, lembrar faz bem.

Eduardo, T. 801

Diante da espontaneidade entre professor-aluno, numa sala de aula, as vontades remotas, as necessidades esquecidas, se afloram; rompe-se aí a barreira da distância, do que ser aprisionado...

É o resgate das potencialidades do próprio ser.

35. ... temos a satisfação de participar de um trabalho que é realmente bom. Nós realizamos atividades ótimas, trabalhos realizados medindo, e dando liberdade ao nosso raciocínio e à imaginação. Temos o diálogo livre, onde são damos realmente "asas à imaginação"... Nós os alunos, num clima desses só podemos nos sentir bem, e sentimos - nos.

Júlio Cesar, T.803

Quando a resposta vem do aluno; quando ele se sente a vontade para dialogar; quando ele é orientado e não dirigido; torna-se franco, descontraindo. Quando não tem essa satisfação todos os dias. O Rio é liberdade de escolha.

Educação:

uma questão de:

Despertar

É importante que haja sempre um encontro, que as descobertas e devaneios dos alunos se confundam com a procura e a objetividade do professor. Ambos devem ser exemplos dos mesmos anseios. A individualidade - sempre - respeitada como se fosse um novo horizonte.

Caprichos, devaneios, descobertas, cidadania, ... são a base, esses desdobramentos.

Dois frases ficaram em minha mente, e eu cresci e me reavaliei muito.

"Obrigado senhor pela aula de hoje"

"Apreendi que na vida tem-se primeiro antes de fazer".

36. Para mim, a aula de hoje foi ruim, porque não gostei e, principalmente, porque estava desanimada.

Lilian Eloã, T.506

Oportunidade de liberdade de pensamento
sem permitir que a auto-censura interfira
Sinceridade

37. A melhor coisa que eu já fiz até hoje foi participar das aulas do PIC, porque no PIC eu fiz coisas que eu pensava que era incapaz de fazer e imaginar... nele eu me sinto outra pessoa...

Sulaima, T.702

Conhecimento de si própria, de suas
dificuldades - descoberta da possibilidade
de superá-las.

38. Para mim, a aula de hoje foi ótima. Porque eu senti que as cores são muito boas. Porque eu desenvolvi um ótimo trabalho. Porque eu descobri que a arte está presente em cada instante de nossas vidas. E porque eu aprendi que a arte tem uma importância fundamental...

Maevi, T.701

Descoberta da arte no cotidiano e não como algo inacessível, de elite: a ARTE a ser desenvolvida em cada um.

39. Para mim, a aula de hoje foi boa, porque eu senti orgulho do meu país... porque eu desenvolvi mais a capacidade de criar... porque eu descobri o que é ter uma bandeira tão bonita igual à nossa. E porque eu aprendi que devemos respeitar a nossa bandeira.

Elisângela, T.701

Conhecimento da capacidade de criação,
de crítica Desenvolvimento do CÍVISMO.

40. A aula de hoje foi regular e inteligente porque aprendi a fazer poesia e porque homenageei os poetas. Com as aulas do PIC deste ano, eu tenho conseguido ser um intelectual. Agora, eu já me considero uma aluna mais inteligente e uma pessoa útil à humanidade, porque é de pessoas úteis e inteligentes que este Brasil está precisando.

Márcia. T.704

Travando conhecimento com poetas,
poesia, valoriza o intelectual. Demonstra
participar da situação do Brasil e da
necessidade de desenvolver o intelecto.

EDUCACAC É UMA QUESTÃO DE ...
se proporcionar as oportunidades para que
todas as potencialidades, que existam
dentro de cada um, sejam descobertas e
desenvolvidas com liberdade, tranquilidade
e respeito.

41. Aprendi a sentir...

Joelson, T.702

Simple e diretamente, o aluno demonstra a importância de ouvir e sentir o que realmente está realizando.

42. Eu aprendi que tudo que se vai fazer precisa que haja o amor, senão, fica monótono, sem graça. E o amor é uma coisa tão bonita que todos poderiam provar dele...

Andréa, T.702

O aluno demonstra o prazer da realização de tarefas sem imposições e sem pela dedicadas de si mesmo, pelo que realiza, e os seus encontros no TIC.

43. Para mim, a aula de hoje foi maravilhosa... Eu acho que todos acharam essa aula maravilhosa. Acho, também, que descobri que é um pouquinho de cada coisa por dentro de si...

Daniel, T.504

O aluno mostra que, nesta aula, descobre vários sentimentos até então não percebidos em si próprio.

44. Essa aula foi boa para que eu pensasse quem sou eu, como eu sou. É verdade que eu penso como fiz alguma coisa, como deverei fazer mas nunca pensei em fazer uma auto-avaliação desse modo: escrever palavras que tem a ver comigo. De hoje em diante eu vou me olhar mais desse jeito para ver como eu sou, se desse jeito eu estou bem, como devo agir futuramente, se eu estou bem assim, pensar como agir com certas pessoas.

O aluno demonstrar ter apreendido a refletir sobre suas realizações e sua própria pessoa, em relação ao mundo que o cerca.

45. Eu aprendi a me expressar melhor, a ler melhor, a interpretar os textos, tornou-se uma coisa mais clara para mim. Aprendi a conhecer melhor a vida... aprendi a dar mais valor à minha mãe... tinha palavras que eu não sabia o significado e acabei me interessando em procurar o significado delas... ler ajuda a pensar.

Elisângela, T.705

O aluno descobre a importância da leitura, que além de enriquecer seu vocabulário, o faz compreender e viver com harmonia sua própria realidade.

EDUCAÇÃO UMA QUESTÃO DE BOM SENSO!

Todas as atividades lidas devem transmitir, utilmente, o bom relacionamento entre professor e alunos, nos encontros do PIC. Todos os jovens demonstram a vontade (espontânea) de participar.

Percebe-se que, nos encontros, os alunos não só recebem informações, mas também despertam para os sentimentos e valores que realmente são importantes na formação do ser humano.

ISTO É EDUCAR!

46. Para mim, a aula de hoje foi "legal", porque eu aprendi a inventar, e porque eu também aprendi a usar a imaginação.

Mário Jorge, T.701

O ato da descoberta traz
prazer, daí a fertilidade ima-
ginária no ato de escrever.

47. Para mim, a aula de hoje foi ótima... porque eu consegui enten-
der a história e inventar uma.

Adriana Conceição, T.701

Aluno: O agente multifi-
cador enquanto participante ativo
na condução dos destinos da humani-
dade e da História - até mesmo a par-
tir de uma história, uma ficção.

48. Para mim, a aula de hoje foi boa porque finalmente eu pude escrever e pensar sozinho.

Marco Antonio, T. 507

O ato de sentir-se "se próprio" dentro de si e de suas ações liberta e cria a possibilidade de se fazer "existir", descobrindo-se, sentindo-se como algo não estranho.

49. Hoje, se passou comigo uma aula diferente, descontraída e divertida, porque eu me soltei um pouco das aulas de matemática, provas, etc., e me senti em outro lugar, parecia que eu estava voltando à minha infância e desenvolvendo desenhos com cores e palavras. Adorei!

André, T. 802

O ser vivo só se sente "vivo" quando percebe o "ser livre" em busca do seu espaço - nas palavras e ações.

50. Para mim, a aula de hoje foi muito boa, foi ótima, porque eu pude falar dos alunos e dos professores, que é uma coisa muito comum, mas que não tem união. Os alunos não respeitam mais os professores. Os professores não podem dar a matéria porque é uma bagunça... de alunos falando ao mesmo tempo. Hoje, quando entrei, quando a professora disse o assunto do trabalho, eu não tinha nenhum assunto, mas de repente "pintou". Por isso é que eu gosto do PIC.

Cláudia, T.801

*As oportunidades descon-
diadas no ato da criação propi-
ciam um "despertar" criativo.*

Educação:

*uma questão de liberdade,
desatando as amarras do precon-
ceito do isolacionismo, das ino-
portunidades que dissociam o
homem da realidade histórica
a que pertence, transformando-o
em "ser equivalente" na criação
de sua própria história.*

E ... *Juizes* também se *auto-avaliam*:

Senti o prazer de perceber seres que se transformam, buscando novos seres.

A certeza de que "a arte de ensinar", assim como o prazer quando se está "aprendendo", superam os limites da razão, transpondo as barreiras da opressão, do medo, das desigualdades, do preconceito, e se apóiam numa única e inesgotável fonte de vida - o PRAZER.

A relação de prazer transforma e faz renascer um outro "eu", em cada um de nós.

Senti que, nem tudo é explicável, mas tudo, em si, se explica.

Professora Ariete da Rocha Duarte,
Professora de Língua Portuguesa

Refletindo em cima das opiniões dos alunos, **senti** que ainda há ESPERANÇA de mudarmos os caminhos que devem ser trilhados.

Os dirigentes do ensino têm de se alertar, não podem se omitir, têm de proporcionar uma gama de atividades, de situações, para se chegar à autenticidade, à espontaneidade, à livre expressão de pensamento e, em consequência, à beleza, à perfeição, à unidade da linguagem.

Professora Cléa Rocha da Cunha
Professora/Diretora

Descobri o contato, a alegria, desses depoimentos ... transferiram para mim uma sensação de anestesia... Vi rostos, risos, olhos brilhantes; lembrei meu tempo de estudante, coloquei-me, mais uma vez, no "momento mágico" do ímpeto criativo. E isso é mais, muito mais, que uma lição de vida...

Professor Francisco da Silva Salvino
Professor/Animador Cultural

O que eu senti?

Estado de graça de professora.

É a alegria de pontificar as pequenas ou grandes descobertas, auto-conhecimento.

São os momentos mágicos que vivemos e que fazem com que ainda valham a pena todas as vicissitudes a que é submetida a Educação neste país.

São os momentos únicos em que a luz que chega ao nosso aluno num despertar, numa tomada de consciência — essa luz que dele emana — nos ilumina também.

Professora Ísis Miqueline Ferraz
Professora de Língua Portuguesa

Aprendi o quanto é imprescindível deixar o aluno voltar a imaginar e deixar fluir o seu potencial criativo.

Professora Márcia Rodrigues Camargo
Professora de Língua Portuguesa

Ao ler estes depoimentos, senti emoção ao comprovar o duro cotidiano desses meninos, começando, tão cedo, a luta pelo "PÃO NOSSO DE CADA DIA". Por que não tornar o ambiente escolar propício ao desenvolvimento de suas potencialidades? Se todos os professores trabalhassem de forma criativa, a escola seria mais ATRAENTE e PRODUTIVA!

Foi um enorme prazer poder apreciá-los e constatar a importância do AMOR, ALEGRIA e CORAGEM, para diminuir os "ESPINHOS" do dia a dia e, sobretudo, continuar a TER ESPERANÇA e "AMAR AO PRÓXIMO COMO A NÓS MESMOS"!

Professora Maria Clara da Silva Cascaes
Professora de Língua Portuguesa

Lendo e relendo as auto-avaliações dos alunos do PIC, senti saudade do tempo de sala de aula... Apesar dos tempos atuais, ainda existem profissionais dedicados ao ideal escolhido e com resultados positivos. Reforcei a idéia de que o jovem só precisa de compreensão, liberdade e respeito, para realmente se dedicar nas tarefas educacionais. Aprendi que, mesmo avaliando, es tou somente aprendendo sempre.

Professora Maria Teresa da Silva Cascaes
Professora/Psicóloga

Observando todos os trabalhos, aprendi que nós, professores, temos o dever de propiciar aos nossos alunos mais momentos de liberdade criadora, deixando que o seu coração fale mais alto do que sua própria voz e dando oportunidade a que eles soltem sua imaginação e se deixem voar sem amarras, sem medo. Dessa forma, au mentarão a capacidade de pensar, de criar e escrever. Com isso, produzirão mais e conseguirão nos proporciona r mais momentos em que teremos a sensação do dever cumprido.

Professora Sueli de Albuquerque Fontes
Professora de Língua Portuguesa

Descobri que toda pessoa é capaz de aprender — o que varia em cada uma é a "pedra-de-toque" e esse toque depende do talento e da sensibilidade do professor...

Professora Vânia Fonseca Maia
Professora de Matemática

Descobri que a arte de escrever é um ato livre, quase imperceptível, solto no ar, que de repente flui, harmoniosamente, fundindo sons, imagens, formando palavras — surgindo o texto.

Professor Vânio Marcos Lenzi
Professor de História

ALUNOS & PROFESSORES: JUÍZES

(Manuscritos dos Alunos)

①

Eu acho que a aula de hoje foi a melhor que até hoje tive, e que eu aprendi a juntar as palavras e transformá-las em um poema. Senti uma sensação que nunca havia sentido, e também dei de mim o máximo que podia.

É aprendi que posso aproveitar melhor as palavras e a minha própria, se eu quiser. Bem agora vou me despedindo para lá embora, ~~se~~ ^{até} amanhã!

Com as aulas do ~~PC~~ ^{PC} me sinto bem melhor quando saio daqui. T

Eu e o P/C

②

[... Eu e o P/C temos bons amigos porque eu falo lá e nele, faço um monte de coisas e ele não reclama muito... Só quando eu faço uma coisa errada...

Eu gosto muito do P/C porque nele eu estou desenvolvendo o meu raciocínio e estou produzindo um pouco mais... Um livro para mim, foi a coisa mais "legal" que eu já fiz em toda minha vida de escola... O P/C é uma sala onde eu me sinto à vontade.

③

Essa minha
a aula de hoje foi boa

porque eu pude ver como ~~se~~ o poeta escreve um
poema.

Com as aulas do Rio, deste ano eu tenho conseguido
melhorar o meu português.

Agora, eu me considero uma pessoa que conhece
o poeta, agora quando alguém quer me perguntar
se eu consigo algum poeta eu vou poder de dizer.

④

ser poeta é - criar coisas verdadeiras, falar sobre as coisas que
nós temos no mundo dizendo as belezas, as coisas e outras
coisas...

② Poeta é um ato de tristezas, alegrias, pensamentos,
sonhos e realidades.

⑤

A aula do Rio é um tipo aula diferente das
outras, pois o aluno pode criar, pensar, imaginar
usar a sua imaginação. Em todas as aulas
usamos a mesma metodologia, o mesmo método
mas, em que as aulas práticas não trabalham
mas alguns não nos ensinamos muito bem
trabalhar, eles também temo oportunidades de
trabalhar melhor os alunos que não sabem.
Com essas aulas estão considerando a gramática
e o português. Eu acho que as aulas não
são mais do aluno, pois ele tem uma
participação, tem a aula a ele com as suas
idéias, suas ideias e suas ideias.

⑥

O Pic é um grupo de amigos que se reúnem para ouvir, falar a mente, estar livre, para criar tudo que pretende, e mostrar o seu valor.

O aluno que frequenta o Pic, está preparado para viver em grupo, (1) ter a capacidade de ouvir, falar, escrever, pensar, em fim ser um bom aluno comunicativo com seus colegas.

O pic no Cufa é uma sala que nunca estará fechada para quem quiser aprender, para aqueles que gostam de mostrar seus valores, e para quem quiser abrir suas portas com pessoas, surdos, e ~~de~~ de ~~que~~ ali mesmo para aqueles que querem desabafar os seus valores.

Que é o PIC.

Eu sou muito grata ~~à~~ ~~de~~ professora por ~~me~~ dar uma oportunidade que nunca tive.

O pic para mim é uma sala onde as minhas tristezas se falam, e onde meu coração e minha mente se abrem.

⑦ um trabalho muito interessante, porque leva o aluno a ~~apresentar~~ ^{nacociar}, e isto é muito importante, porque toda pessoa é inteligente; mas falta apenas um ~~desenvolvimento~~ ^{desenvolvimento}, e isto é o que está sendo feito no ~~pic~~ ^{Pic}.

A sala de aula tem um clima muito descontraído e assim ajuda o aluno em várias dificuldades.

A presença da professora é agradável e da ~~ao~~ ^{confiança} aluno ~~e da~~ a ~~confiança~~ de que ele não é incapaz de fazer ~~coisas~~ ^{coisas} belas.

⑧

O Pic

O Pic é sobre todo um grupo de amigos que juntos constroem um novo lar.

Infelizmente não existo aula de pic, porque não estou num horário ameno o tempo, devido a minha responsabilidade fora do ecotério.

Mas pela minha frequência no ano que passou, vejo não só o pic, mas que esta vez mais bela.

É muito bom estar numa sala de aula onde possa ter "liberdades".

Os trabalhos do pic são ~~as~~ ^{as} mais lindas coisas, porque ~~estamos~~ ^{amamos} ~~as~~ ^{tristes, nervosas e etc.} ~~as~~ ^{tristes, nervosas e etc.} Com um simples e lindo trabalho conseguimos extrair todo, nos sentindo assim alegre; dispostos a tudo, enfim dispostos a viver...

⑨ Eu achei muito interessante pois eu não havia percebido quanto os cores influenciam os sentimentos.

Eu descobri coisas que existiam dentro de mim, e eu não conhecia.

Eu gostaria que tivessem mais aulas como esta, que me fazem perceber o quanto a vida é

importante.

⑩ O tipo de trabalho que é empregado no PIC, é um trabalho todo especial, pois é feito por grupos de pessoas, todos colaborando para ter um bom êxito. O ambiente é muito favorável pois o relacionamento entre o professor e o aluno é livre, quer dizer: todos podem falar, discutir o assunto, debater, enfim com isso é que chegamos a um denominador sem problemas que nos interfira. O PIC é muito importante → para pessoas de ambos os sexos. A → pessoa que frequenta PIC não é pessoa tímida, pois o PIC faz com que ela tire tudo que está por dentro de si, e leve para fora.

10 (CONT.)

O pic é para mim, um grande resolvidor de problemas, pois se estivermos com algum problema é só frequentar - mo o pic e veremos como é bom. A gente se distrai ajudando a fazer os trabalhos, conversando, enfim, nessa mente se esquece dos problemas.

Mas devemos frequentar o pic não só quando aparece o problema e sim sempre que estiver - mos uma oportunidade de frequentá - lo. O pic é ótimo para mim.

Vamos tentar, para que nós possamos não perder a oportunidade de frequentar o pic, porque isso é toda escola que o tem. O pic é um ótimo caminho para aqueles que querem frequentá - lo.

11

Gastei muito dessa aula, porque
 tive uma elaboração de despersão
 a minha, certamente, os meus
 sentimentos e a minha relação
 de como é o futuro (como escrevi na
 página de introdução)

12

Auto - Análise

Rio 16/9/87

A aula de hoje foi muito calma e eu,
 pela primeira vez na minha vida tomei
 uma atitude tão importante, eu sabia
 que o nosso prefeito não ia poder ler o
 meu texto ou melhor meu trabalho, mais
 mesmo assim, eu me sentia como eu esti-
 vesse falando com ele!

13

Para a aula de hoje eu escrevi
 a minha e a minha. A minha é a minha
 a minha é a minha. A minha é a minha
 a minha é a minha. A minha é a minha
 a minha é a minha. A minha é a minha
 a minha é a minha. A minha é a minha

14

Hoje eu fui de uma volta rápida em
 Paris de carro sem olhar de ninguém a
 professora deu uma lição para
 a gente sobre o que é a coisa do assunto da
 semana passada. Foi divertido e eu me
 diverti. De Com os Caros. Eu estava
 meio atrapalhado sem nenhuma imaginação
 depois que da noite eu não tinha mais
 idéia. Perdi o esquecimento de um tempo
 de discussão quando eu fui ao trabalho.
 Quando nasceu.

15

Para mim a aula de hoje foi ótima
 Refletimos quem somos nós na escola
 quem é o Professor! Para nós, refletimos,
 tivemos a oportunidade de expressar
 o que pensamos a respeito deste
 assunto: Professor + aluno = amizade

(16) A aula de hoje foi muito legal
e gostosa. ~~tem~~ que a professora falou para
a gente ~~em~~ sala.

Eu ~~tenho~~ uma vontade de ~~de~~ desenhá-
los mais.

~~De~~ ~~essa~~ ~~uma~~ ~~algua~~ ~~moça~~ ~~em~~ ~~minha~~

~~O~~ ~~essa~~ ~~a~~ ~~mente~~ ~~em~~ ~~minha~~

Eu aprendi a escrever as letras e
as palavras que ~~podem~~ fazer muito
coisa

(17) P.I.C.H.P. -> professora Sueli Costa -
Auto Análise

Dejei eu ter o meu passado a minha

linda infância que eu tanto amei

e sempre amarei por Toda VIDA,

Dejei eu ~~for~~ ^{pensei} tudo o que eu fiz antigamente

Eu gostei da minha aula de Dejei

porque pensei em tudo o que eu gostei de fazer e o

que fiz na minha infância.

18

O Pic-2P é uma coisa super legal
hoje por exemplo (para mim) eu desci
brxi o verdadeiro sentido de amar.

Obrigado

professora:

ass: Claudio Alves Freitas
Exatista

19

Dep eu não gostei muito do ca-
mas sem que me deram, eu disse
trabalho, falando da minha tia e do meu
avô.

Esta aula ~~foi muito boa~~ é legal para
 desenvolver o aluno

Quando eu disse que não gostei
 da minha tia, não é mentira não,
 eu só minha ceticidade.

20

128

Eu gostei da aula de PLE porque em uma folha de papel eu escrevi o que é o amor. Eu acho que a aula de PLE foi boa porque se a gente puder escrever com as mãos, dizer pra nós o que é o amor, o que é um sentimento e com uma professora muito boa, ótima e, apesar de tudo, brincalhona, a aula não vai ser desinteressante, vai ser maravilhosa!

Quando a gente tem uma chance de ter uma aula dessas nós vamos ter que aproveitar até o último minuto. O que eu senti hoje foi uma coisa bonita foi uma coisa que eu não tinha a oportunidade de sentir todo dia.

21

Auto avaliação

Para mim, a aula de hoje foi ótima porque eu pude com bastante calma, calma eu consegui desenvolver a minha capacidade mental e porque eu aprendi que existem diferentes tipos de pessoas.

22

Auto avaliação:

Para mim, a aula de hoje foi muito interessante porque eu pôde colocar minha ideia em prática para poder criar uma história em que eu quebrasse a cabeça.

23

129

Para mim,
a aula de hoje foi bastante
criativa, pois pude definir uma
grande história de humor.
Por que eu pude criar minha
própria história.
E consegui desenvolver palavras
inventando uma história de
humor e alegria.
Por que eu aprendi que, na vida,
pode-se fazer, definir, criar do
meu próprio jeito, fazer da minha
própria criação.

24

Para mim, a aula de hoje foi ótima
porque eu pude criar um texto longo,
porque eu consegui desenvolver a capacidade
de criar um texto diferente dos outros e
porque aprendi que na vida podemos
acontecer coisas boas...

25

Para mim a aula de hoje foi ótima.
Porque eu aprendi que não se pode de uma única
vez fazer tudo que quiser, mas sim
fazer.

E eu descobri mais os meus pontos fortes,
e descobri que a minha capacidade é muito
maior que eu mesmo acho.

Eu aprendi que se um trabalho
tem um objetivo ele foi feito para ser
cumprido por todos, não só para os
pessoas que pertencem ao país.

26) O que é Poesia?

Poesia é uma arte particular de cada pessoa, poesia é tudo que sentimos traduzido em uma simples folha, contendo em si todos um fato novo.

2) O que é Ser Poeta?

Ser poeta é se liberar para um mundo de fantasia, mas que alimenta a mente de cada ser. O poeta fez de sua poesia, um momento importantíssimo para a sua vida, ele pensa, reflete e diz o que ele mais gosta e quer. Na verdade ele quer ser tão importante quanto seus poemas.

27) O que eu senti?

meu inspiração de poder fazer o meu trabalho de hoje.

1) O que eu descobri?

Descobri que o quanto é bom viver sozinho, como que tem muita gente que não sabe viver, e de poder ter esta aula de Psic-1.

2) O que eu descobri?

O que falar da natureza, da vida, do amor, do mundo, que o quanto os nossos de mais tem que ter o que dizer de novo, e que não situações.

28

1. O que eu senti?

R: Senti-me muito
prestativa em tudo
aquilo que fiz

2. O que eu descobri?

R: Descobri que muitas
coisas que a gente pensa
podemos criar com
nossas próprias mãos3. O que ~~que~~ descobri?R: uma parte, e uma
maneira de proteger a
natureza

29

R: Eu notei que a minha lei foi
boa mas eu já não entendo
mais.

1. O que eu descobri?

R: Eu descobri que não posso
~~ver~~ pensar, eu não sou ~~grato~~ pensando
em não descobrir coisas muito
interessante

(CONT.)

(29) (CONT.)

2) O que eu descobri?

R: Eu descobri a inteligência
já não sei ter burro com
eu perante

4) O que eu aprendi para a
minha vida?

R: Eu aprendi que falar e pintar
sobre as outras pessoas não
e com eles posso tentar fazer
alguma coisa contra a gente eu
não gostaria que algum ~~faz~~
fala-se mal da minha.

(30)

1) O que eu senti?

Eu senti uma liberdade de
Pensar e criar.

2) O que eu descobri?

Eu descobri uma história
sobre o Pantanal.

3) O que eu descobri?

Eu descobri que Para ver
as outras espécies do Pantanal
não Precisa ir lá.

(31)

... É assim este dia chegou. Quando comecei a estudar, o meu velho papai era a rede e o pie ainda havia de ^{chegar} ~~de~~; e chegou, em maneira pareça, pra mim, na minha capacidade de construir um livro sequer. Meu que fosse uma linza; mas para mim, eu não conseguia fazer.

Hoje, acho que como todos os dias, eu não estou com a maior inspiração para fazer este trabalho. Conheço a escrever, pois vive num beira o meu trabalho, no desmoldar da

(32)

Eu hoje gostei da aula, por que desenvolveu uma lição que serve para todos.

Dizem que gosto de ler, aprendi a lição que dizem para toda a minha vida.

33

A aula do PIC, é uma aula que ins-
trui muito o aluno em criatividade, trabalhando
colocando o que tem na cabeça para o papel, tra-
balhos magníficos, que o próximo aluno, sonhava que
não realizaria aquilo.

O clima da sala, é um exemplo de sala bem com-
partilhada, facilitando assim o desenvolvimento dos alunos nas
atividades que dão mais criatividade, para os alunos.

A professora, vamos dizer, minha colega, ou talvez, alguém também.
Pois no PIC, todos aprendem...

É um ajudando o outro, formamos o PIC.

eu e o PIC, vamos dizer eu e a criatividade
combinamos, pois o PIC faz que eu consiga colocar
III - Para fora tudo que eu tenho na cabeça, apesar
de não desenhá-lo muito bem, acredito, que eu e o PIC
já cuidamos em unidade criar muitas coisas juntas.

34

Nesta aula de hoje, eu relembrei o que
o PIC me deu desde a primeira aula; ser-
viu para despertar a consciência que estava
longe, tão distante que nem passava pela cabeça
que um dia voltaria a ter tanta vontade de desenhar
quanto tinha quando era menorzinho e eu apren-
di que, na vida, relembrar faz bem.

35

135

nós, os alunos do pic, (programa, intensivo de comunicação) temos a satisfação de participar de um trabalho que é realmente bom. nós realizamos atividades diárias, trabalhos, realizamos meditando e dando liberdade ao nosso raciocínio e imaginação. Temos o diálogo livre onde só damos liberdade à nossa imaginação. A participação nas aulas é num clima bastante descontraído e o pôr aberto e franco entre professor e aluno.

Os professores presentes, sempre a disposição, ajudam-nos em que temas dúvidas ou não, também os professores escolhem temas para abondarmos e discutirmos.

nós, os alunos, em um clima desses só podemos nos sentir bem, e sentindo-nos.

Su e o pic

Su não sou um aluno que frequenta o pic, penso bastante o fato devido a eu mesmo admitir que, é um barato o pic. E não frequento o devido ao fato de não ter tempo, após o horário monárquico das aulas.

Mas realmente é uma restrição.
Este horário poderia mudar.

36

Para mim, a aula de hoje foi ruim, porque não gostei e, principalmente, porque estava desanimado. //

Eu e o PIC

32

A melhor coisa que eu já fiz até hoje foi participar das aulas do PIC, porque PIC eu fiz coisas que eu pensava que era incapaz de fazer e imaginar.

Eu e o PIC tivemos uma liberdade muito gostosa... Neli eu me sinto outra pessoa - ouço "outra pessoa" porque no PIC eu desenvolvo tudo que eu pensava que era incapaz de fazer." (Sulaima)

38

Para mim,

a aula de hoje foi (Xina),

porque eu senti que eu estou muito
lupa.

porque eu desenvolvi um Trabalho

porque eu desenvolvi que a arte está presente

em cada instante de nossas vidas.

e porque eu aprendi que a arte

tem uma importância fundamental

39

Para mim, a aula de hoje foi ótima --, porque eu
senti a alegria de estar aqui.

porque eu desenvolvi mais a capacidade de ouvir.

porque eu desenvolvi mais a capacidade de trabalhar em grupo.

e porque eu aprendi que a arte é uma linguagem que todos podem entender.

verdade

40

A aula de hoje foi desigual - e inteligente
 porque aprendi a fazer poesia porque
 - havia aquele de peito com os olhos no face
 desde ano, eu tenho conseguido ser uma
 - intelectual, agora, eu já me considerei uma
aluna - mas - inteligente e uma pessoa
útil a humanidade porque é de pessoas
úteis e inteligentes que este Brasil está precisando
de.

41

Auto-análise de
 Aprendi...
 ... a ~~fazer~~
 sentir.

42

(Eu aprendi que tudo que se vai
 fazer precisa de que haja o amor,
 de mais não necessita, sem amor
 (É o amor que dá tanta beleza)
 que todos poderiam provar dele.)

(43)

Porém nem a aula eu não fui maravilhoso.
 O certo que descrever tudo que eu sou,
 um pouco de cada coisa. por exemplo:
 a minha Tristiza, amor, atenção, eixo, alige-
 ras, etc.

Eu acho que toda vez a aula esta
 aula foi maravilhoso e achei. Também que
 descrever que é um pensamento de cada
 coisa por dentro de si.

A minha aula acabou também aqui.

(44)

Essa aula foi bom para que eu
 pensasse quem sou eu como eu sou.
 É verdade que eu penso como fiz alguma
 coisa como dever fazer mais nunca
 pensei em fazer uma auto avaliação
 desse modo escrever palavras que
 tem haver comigo, (de hoje em diante
 eu vou me olhar mais desse jeito para
 ver como eu sou, se desse jeito eu
 estou bem, como devo agir futuramente
 se eu estou bem assim, pensar como
 agir com certas pessoas.

(45)

Eu aprendi a me expressar melhor,
a ser melhor, a interpretar melhor,
tornou-se uma coisa mais clara
para mim. (Aprendi a conhecer melhor
a vida) pois, a história que eu li
falava de uma garoto que não
tinha pai e separado da mãe.
E a mãe não ligava para ela
com isso, aprendi a dar mais
valor à minha mãe. E aprendi
isso. Vi que se adotar não
é tão fácil como eu pensava.
O livro que li tinha 98 folhas
muito interessante, tinha palavras
que eu não sabia o significado
e acabei me interessando em
procurar o significado delas. Ah
eu já gostava de ler, mas não
lia histórias interessantes, lia, sem
romances, coisas parecidas, histórias
que li esse livro gostei a ler,
pois li ele todo e acho ser
do outro livro muito interessante.
Com tudo isso acho ter muito
lucros.

Leitura ajuda a pensar.

46

Para mim,
a causa de hoje foi - levar -
porque eu aprendi a ler e escrever
e porque eu aprendi a escrever
maneira

47

Para mim,
a causa de hoje foi levar a...
porque eu aprendi a escrever e ler a escrever

48

Para mim,
a causa de hoje foi levar a...
porque eu aprendi a escrever e ler a escrever
maneira

Para encerrar este Capítulo, gostaríamos de apresentar auto-avaliações de alunos da Sala de Leitura do 1º CIEP de 5a. a 8a. séries (1985), onde implantamos o PIC, a convite da Direção.

E o trabalho que lá realizamos -professora & alunos- caracteriza a Sala de Leitura, segundo o testemunho dos alunos, como

um lugar especial (1), importante (2) ;
onde o inusitado acontece (3) e faz do dia de aula um dia especial (4) ;

onde os momentos de reflexão, de trabalho mental(5), exercitam e provocam a originalidade dos trabalhos (6), incen tivando à arte e à composição poética (7), além de contribuir para a formação de valores e afirmação da personalidade(8).

Assim seguem, abaixo, 8 depoimentos que ilustram as referências que acabamos de fazer - referências depreendidas desses depoimentos.

C I E P

ALUNO : Nacácio da Silva M T.: 502 Idade: 12 anos .



§§§ SALA DE LEITURA §§§ PIC -PEDAGOGIA DO CONFRONTO/LP

§§§ AUTO - AVALIAÇÃO §§§

Para mim, a aula de hoje ...na sala de leitura...

...porque a sala de leitura é um lugar especial para ler, escrever, e trabalhar.
A aula de hoje foi muito boa.

C I E P

ALUNO : Flávio de Aguiar T.: Red Idade: 19 anos.



EEC SALA DE LETURA EEC PIC -PEDAGOGIA DO CON. ROITO/LP

*** AUTO - AVALIAÇÃO ***

[illegible]

C I E P

ALUNO : Guillermo de la Cruz T.: 1995 Idade: 10 anos



(13) Para mim, a aula de hoje
foi muito boa porque aprendi a diferenciar o que é uma hipótese e o que é uma conclusão.
Como estava tudo bem.

C I E P

ALUNO : Danielle Cassin / 502 Data: 12 / 11 / 03



Para mim, a aula de hoje foi...
... porque ~~foi muito boa~~ foi muito boa...
que tinhamos que observar, porque a
substancia mudou que nos distraia como nos ensinamos

C I E P

144

ALUNO : Colsona, L. T.: 508 Idade: 18 anos.

⑥ Para mim, a aula de hoje foi boa porque eu aprendi a lidar com meu cérebro, um novo passo para a aula de hoje foi muito bom para o meu CIEP.
 Mas, esta mensagem foi verdadeira, sim, ra do fumo do meu coração, e não foi uma mensagem tirada de...

C I E P

ALUNO : Barbosa, R. T.: 508 Idade: 10 anos

⑥ EEE SALA DE LEITURA EEE PIC-PEDAGOGIA DO CONFRONTO / LP
 ⑧ EEE AUTO - AVALIAÇÃO EEE

Para mim, a aula de hoje foi boa porque eu aprendi a lidar com meu cérebro, um novo passo para a aula de hoje foi muito bom para o meu CIEP.
 Mas, esta mensagem foi verdadeira, sim, ra do fumo do meu coração, e não foi uma mensagem tirada de...

C I E P

ALUNO : Barbosa, R. T.: 508 Idade: 14 anos

⑦ Para mim, a aula de hoje foi boa porque eu aprendi a lidar com meu cérebro, um novo passo para a aula de hoje foi muito bom para o meu CIEP.

na casa com barbeador e apresentar para...

C I E P

ALUNO : Vânia, J. T.: 508 Idade: 14 anos

⑧ Para mim, a aula de hoje foi boa porque eu aprendi a lidar com meu cérebro, um novo passo para a aula de hoje foi muito bom para o meu CIEP.

Passemos, então, ao próximo Capítulo.

LÍNGUA PORTUGUESA

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
Ês, a um tempo, esplendor e sepultura,
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela.

Amo-te, assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

CAPÍTULO V

LÍNGUA PORTUGUESA: UM PRETEXTO PARA O EXERCÍCIO DO SER EM LIBERDADE

*"As pessoas sem imaginação podem
ter tido as mais imprevistas aven-
turas, podem ter visitado as terras
mais estranhas. Nada lhes ficou.*

Nada lhes sobrou.

*Uma vida não basta apenas ser vi
vida:*

também precisa ser sonhada."

(Mário Quintana)

Este capítulo destina-se à apresentação dos aspectos teórico-práticos que envolvem o "ensino" & a "aprendizagem" da **Língua Portuguesa** quando se torna um pretexto para o exercício do **ser em liberdade**.

Compõe-se de quatro seções: a primeira apresenta o capítulo e as demais se identificam pelos títulos:

- Língua Portuguesa: tão inculta quanto bela...
- Lingüística: um Conhecimento Essencial ao
Professor de Língua Portuguesa
- Vôo Livre: Caminhos do Coração...
Caminhos da Liberdade...

Língua Portuguesa: tão inculta quanto bela...

Língua Portuguesa: paradoxo tão bem definido, poeticamente, criticamente, por Bilac, como "esplendor e sepultura"...

A **língua**, patrimônio **cultural** de um povo, **precisa** - e a nossa, especialmente, **merece** - ser **cultivada**, ser **preservada**.

Cremos que, com isto, todos nós concordamos...

Nas próximas duas seções, nós apresentaremos, estrategicamente, o texto do aluno datilografado/corrigido, em primeiro plano, e o seu original (manuscrito), só ao final...

Assim procedemos para que o leitor pudesse chegar direto ao **conteúdo** sem a interferência **negativa da forma** - dos "erros de Português"...

Quantas vezes, (não só no texto aluno) a aparência empana o brilho da essência... não é verdade?

Pois bem: parece-nos, pelo teor significativo das auto-avaliações, em geral, o que fica evidente é que, se o ensino ou... a aprendizagem "do Português" vai mal, o pensamento do aluno - dando-se-lhe condições! - vai razoavelmente bem, vai bem e até vai muito bem...!

Que se passa, então?

Questão conjuntural... (?)

Temos a convicção, pela nossa prática profissional, de que é mais **fácil** conseguir levar o aluno a **pensar/expressar-se**, logicamente, do que conseguir que ele chegue ao **aceitável/so**nhado domínio da forma.

Entendemos (e defendemos) que o escrever/falar bem de

ve ser **mais que um DEVER, um DIREITO** do aluno... especialmente dos alunos das "classes populares", como os nossos - das escolas municipais, em geral.

E consideramos que este **direito** deve se aplicar a toda aquisição de **conhecimento**, a todo acesso ao **saber**...

Por que os que já têm **muito** ainda precisam de **mais** e... os que têm **pouco** devem se contentar com **menos** ...?(!)

O momento de crise generalizada que atravessa o nosso país, o nosso povo, nos faz perceber o realismo das palavras de Rollo May:

A **perda da eficácia da linguagem**, por estranho que pareça, é sintoma de uma **época histórica conturbada**. Quando se estuda a **ascensão e queda** de uma era, nota-se que a linguagem é vigorosa e expressiva em determinados períodos (...) e, em outros períodos, mostra-se **débil, vaga e inexpressiva**, como quando a cultura grega se **dispersou** e quase desapareceu. (May, 1991)

Nosso país, nossa língua, assim se mostra(m).

Triste.

Mas, se o povo é uma massa numerosa, inatingível, o nosso aluno nos é próximo, está ao alcance das nossas mãos, do nosso trabalho.

Lembremo-nos:

...**diariamente**, em presença de **nossos semelhantes**, jamais defrontamos com o **homem em geral**, mas sempre com um **homem particular**, um indivíduo que freqüentemente constitui um **enigma**, um problema, cuja **solução** só pode ser encontrada **nele mesmo**. (Filloux, 1966)

Ali está o nosso aluno: com um toque podemos despertá-lo... facilitar (inclusive, em termos Rogerianos) a sua busca... que, em busca do auto-conhecimento, se revele, desvende o seu enigma... entreviste-se... comunique-se consigo mesmo, pois

a **comunicação** consigo mesmo é o **caminho** adequado que o **indivíduo** possui para se **reajustar**. (Rudio, 1987)

Reajustar-se: encontrar-se consigo mesmo, escapar à solidão do século, reconquistar o seu **eu** (self) perdido, pois

Junto com a **perda do senso do self** desapareceu a **linguagem** de comunicados profundamente **pessoais**. Este é um importante aspecto da **solidão** vivida no mundo **ocidental**. (May, 1991)

É preciso ter liberdade para **ser**, mas não para **ser só**, sozinho, "jogado-no-mundo" ...

É preciso re/descobrir - como os alunos, no PIC - que o homem é **ser com o outro** - o companheiro, segundo elemento es sencial ao diálogo da vida.

A **profunda desconfiança da linguagem** e o **empobrecimento** de nós próprios e de nossas relações, que são simultaneamente causa e resultado, generalizam-se em **nossa época**. Experimentamos o **desespero** de não poder **comunicar** a outros o que **sentimos** e o que **pensamos** - e o **desespero** ainda maior de **sermos incapazes** de distinguir o que **sentimos** e o que **somos**. (May, 1986)

Aqui talvez esteja elaborado em teoria o que o PIC - ao contrário - alcança na prática: confiança na linguagem que é meio de enriquecimento recíproco entre alunos e professor... fugindo ao clima de uma época... livre pensamento/livre comuni cação... identificando, descobrindo "o que **sentimos** e o que **so** mos"... fazendo, assim, da língua portuguesa um pretexto para o **exercício do ser em liberdade**...

Como nos coloca Hélio Pellegrino:

A **linguagem falada** e depois **escrita** constitui o chão da **LIBERDADE**. Através de seu **uso** é que os seres humanos se fundem, enquanto **sujeitos** livres, capazes de **transformar** o mundo e **inventar** novos **caminhos**. (in Rio de Janeiro, 1991)

E há um lugar perfeito - sob medida - para isto: a sa

la do PIC, onde "seres humanos se fundem, enquanto sujeitos li
vres..."

Já a emoção é um ingrediente básico: acreditamos, co-
mo Cassirer, que

a linguagem não é um fenômeno simples e uniforme. (...) precisamos, por assim dizer, distinguir os vários es-
tratos geológicos da linguagem. O primeiro e mais fun-
damental é, evidentemente, a **linguagem das emoções**. Grande parte de toda a expressão oral humana ainda per-
tence a esse estrato. (Cassirer, 1977)

O professor precisa estar atento: saber que espécie
de **ser** é o seu aluno... trabalhar com ele temas que lhe "fa-
lem ao coração", como o concebia Pascal. Afinal,

difícilmente se encontrará uma sentença - com exceção
talvez das sentenças **formais** puras da matemática - que
não tenha certo matiz **afetivo** ou **emocional**. (Cassirer,
1977)

Esse filão - afetivo ou emocional - é uma espécie de
via de acesso: por ali se começa... aonde vai chegar?

Só a imaginação, o querer e o talento decidirão...

Cassirer nos informa:

Linguagem e mito são parentes próximos. (...) São dois
brotos da mesma e única raiz. Sempre que encontramos o
homem, vemo-lo na posse do dom da linguagem sob a in-
fluência da função mito-criadora. (Cassirer, 1977)

E, como "o homem é projeto de si mesmo": cria, mitifi-
ca... transcende, com a ajuda da linguagem.

A linguagem se faz de um elemento muito forte, mágico
— a PALAVRA.

(No princípio era o Verbo e... o verbo habitou entre
nós...) Heráclito & a palavra:

...no pensamento de Heráclito, a **PALAVRA**, o **Logos**, não
é simplesmente um fenômeno antropológico. Não está con-
finada nos estreitos limites do mundo humano, pois pos-
sui verdade cósmica universal. Mas em lugar de ser um

poder mágico, é compreendida em sua função semântica e simbólica. "Não me ouças" - escreveu Heráclito - "mas ouve a **PALAVRA** e confessa que todas as coisas são uma só". (Cassirer, 1977)

A palavra não cabe dentro de um análise sintática (é uma caixa pequena demais para ela)...

A palavra é parte nobre da linguagem.

A linguagem precisa ser considerada mais como uma energeia e não como um ergon. Não é uma coisa já pronta e acabada, mas um processo contínuo - o trabalho sempre repetido do espírito humano para utilizar sons articulados na expressão do pensamento. (Cassirer, 1977)

O homem deve servir-se da linguagem, como o músico, do seu instrumento que - por sinal - quanto mais afinado, melhor soa...

Ademais... lembra-nos Wittgenstein

Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo. (in Giles, 1979)

Ao professor de língua portuguesa - por excelência - cabe, **didaticamente**, criar condições propícias para que esses limites se superem a cada encontro, a cada trabalho a dois...

É a linguagem do encontro (Buber, 1979) mediando o diálogo professor-aluno.

E Bollnow (1974) nos fala de outro encontro: o educador deve

preparar e facilitar o encontro para que o aluno, se o evento lhe sobrevier, saiba o que está acontecendo, para que não recue diante do encontro e recaia na atitude sem compromisso.

Este é o encontro do aluno com ele mesmo:

Eu descobri que valho alguma coisa. (Ana Paula, T.503)

Este é um depoimento tão importante, único mesmo, que

não nos cansamos de repeti-lo.

A aula de Língua Portuguesa já produziu algo de bom esta ano, nesta turma... "despertou uma **consciência** ainda ignorante", como define Georges Gusdorf (1978).

Quantas vezes, a inexpressão (May, 1980) do aluno advém de lhe faltarem as palavras para dizer o que sente, o que pensa: a **palavra** é, por vezes, muito **pobre** para expressar toda uma **riqueza** interior que - de súbito aparece. Ullmann (1973) nos reporta, em sua Semântica, o protesto de alguns poetas a respeito.

Sabemos **ainda** que o aluno também pode se mostrar **ca**lado, ou **não inspirado** ou com **dificuldades** para **expressar** os seus pensamentos e sentimentos por uma série de fatores ~~como~~ ignorar/bloquear a intuição do aluno, em relação à gramática, como competência que deve ser considerada (Genouvrier, 1974), tão retrógrados são os métodos e as práticas que não alcançam o aluno atual (Rodari, 1982).

Como se ignora que o aluno tem - como o mestre - competência inata para o desempenho... é capaz de **aprender** a língua (Saussure, 1969) sem que tanto precisem **ensinar-lhe** (!) "O imaginário no poder" proposto por Jacqueline Held (1980), mais as aulas de Alice Miel (1972) podem ajudar a revitalizar o ensino, de forma saudável.

A **palavra** tem um poder mágico tão grande que assume relevante papel na psicanálise - mesmo quando não é dita, ou quando é dita em lugar de outra. (Goeppert, 1980)

Esse poder mágico é grandemente responsável pelo que acontece no PIC - o "Delfos da petizada"... (Pretensão afetiva!)

Aproveitando o tom, vamos mostrar quatro peças da "última flor do Lácio":

Pedimos a atenção da Directoria Geral da Saúde Pública para a Escola Pública que funciona à Rua (...), não há a menor hygiene (...) a caixa tem mais de dous palmos de lama... (JB, 1921)

Cançado de lutar e de soffrer opprimido (...) com o corpo martyrisado... (Camões, 1871)

En gran coyta, senhor, que peyor que mort'e, vivo per bõa fé, e pollo voss'amor. (D. Denis, in Silveira, 1972)

Grammatica da Lingoa Portuguesa. (Williams, 1973)

É um espanto (!) - sejamos sinceros...

Todas estas quatro peças (de museu) são legítimas vestimentas do nosso vernáculo... é o caráter dinâmico da língua: nada mais... **português arcaico**: em **desuso**, parece feio...

É assim que o falante nativo faz: intui e grafa com os recursos de que dispõe.

Não é isto - por acaso - que fazem os nossos alunos?

E como isto nos causa má impressão (!) que, às vezes, condenamos às profundezas um texto de aluno: o preconceito em relação à forma não nos deixa chegar ao verdadeiro conteúdo...

Condenar a obra às vezes soa como condenar o artista.

Todo rigor excessivo tem sérias consequências (Foster, 1964). Os "erros" são sintomas... os "erros gravíssimos" são sintomas gravíssimos! Cumpra tratar com urgência... senão o mal só se agravará. Não basta, pois, dizer ao portador da doença que ele está muitíssimo mal e condená-lo ao confinamento... Tra-
tar, prevenir, curar é competência do doutor, o professor...

E a Linguística pode ajudá-lo. Vamos a ela?

Linguística: Um Conhecimento Essencial ao Professor de Língua Portuguesa

Convocamos, para esta seção, uma plêiade de estudiosos da linguística para que possamos situar em que contexto tensional ocorre o exercício da linguagem: as prerrogativas e cerceamentos de um **falante nativo** que se pretenda em liberdade, quanto ao uso do vernáculo.

E este personagem - falante nativo - é o nosso aluno, que vai à escola para aprender várias matérias, inclusive Língua Portuguesa...

E, em sendo a língua um instrumento de "mil e uma utilidades", através dela o homem assimila a **cultura**. Isto traz implicações que Benveniste (1968) assim analisa:

"A **cultura** é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja seu nível de civilização. Ela consiste numa multiplicidade de **noções e prescrições**, envolvendo também **proibições específicas**; o que uma cultura proíbe a caracteriza tanto quanto o que ela prescreve. O mundo animal não conhece proibição alguma."

O homem sim.

E a língua de que se serve lhe mostra isto tão bem que, se ele não lhe obedece, pelo menos nas "prescrições básicas", ela se nega a servi-lo. A liberdade para o uso de uma língua tem limites - o da gramaticalidade da frase, por exemplo, é inarredável...

Tomando-se a **cultura** como o somatório das conquistas do homem, ao longo de sua história, nela vemos, pois, inserida a língua.

E é Pagliaro (1967) que nos diz:

"A língua constitui a **imagem** mais **completa** e **genuína** da fisionomia natural e histórica dos povos (...) o **re**flexo de todas as experiências internas e externas, de todas as conquistas e de todos os contrastes, por que esse povo passou na cadeia das gerações."

E, considerando que cada povo é, em verdade, uma comunidade de seres individuais, estes seres, enquanto células vivas, refletem o grande organismo...

E, assim, Pagliaro complementa:

"(...) observamos o mesmo na fala individual: nada revela melhor a **fisionomia interior** de cada indivíduo, a sua cultura ou ignorância, o seu gosto ou tacañhez, do que a sua expressão linguística." (Pagliaro, 1967)

A **fisionomia interior** de cada indivíduo: quando se permite ao indivíduo - nosso aluno - o exercício da liberdade de expressão, como esta **fisionomia interior** se revela (!)

E é preciso, então, não perder de vista que

"Todas as solidariedades sociais e históricas que se reúnem no indivíduo encontram expressão nas formas linguísticas: a família, a cidade, a espécie de trabalho, a região ou o país, dão lugar a solidariedades expressivas de **índole particular**, que vão de algumas características idiomáticas à gíria, ao dialeto e à língua." (Pagliaro, 1967)

A tudo isto um professor de língua materna tem que estar atento, ou dificilmente entenderá o universo linguístico do seu aluno.

Precisa ainda o professor compreender que

"Toda língua comporta variações... (...) variantes que se podem chamar dialetais: variantes especiais (...), variantes de **classe social** (...), variantes de **grupos de idade** (...), variantes de sexo (...), **assim como variantes de gerações** (...), variantes de registro." (Rodrigues, 1968)

Este nosso aluno - adolescente - obviamente, não tem a nossa idade, muito menos pertence à nossa geração e... ainda

não concluiu o curso universitário (!)

Quantas variantes comporta o seu discurso...quão dis
tante está do nosso... E, da mesma forma o nosso está distante
para o aluno. Lembramo-nos disto...?

Quantos de nós não?

Bem, agora, com a ajuda de Langacker, Genouvrier & Pey
tard, Mattoso Câmara e Halliday (et alii), examinemos - de for
ma diferente - aspectos da língua portuguesa que, de algum mo
do, se tornam **obstáculos** para o exercício da **liberdade** de ex-
pressão do nosso aluno.

1. Langacker (1975):

"Uma língua é um conjunto de regras **dominado** pelo **fa-**
lante; não é nada que um falante faz. O mesmo tipo de
distinção pode ser feito entre uma sinfonia e sua exe-
cução. Não importa de que maneira seja a sinfonia exe-
cutada, ela permanece inalterada (...) A estrutura de
uma língua **não é afetada, quando seus falantes fazem er**
ros ao falar, assim como uma sinfonia não é afetada
quando não é bem executada."

O medo de fazer "erros ao falar", ao escrever, como i
nibe, no aluno, a liberdade de ser um "falante nativo".

2. Genouvrier & Peytard (1974):

"O papel da escola será **complementar e compensar** a "cul
tura verbal" recebida no ambiente familiar. (...) **La-**
menta-se com frequência que o vocabulário das crian-
ças pertença antes à **gíria** do bairro (...) do que à lín
gua de Vieira e Bernardes. O mestre deveria, então, le
var as crianças a expressar seus pensamentos e senti-
mentos, oralmente ou por escrito, numa linguagem **corre**
ta. (...) Todo **desvio** é sancionado - notado ou punido."

Como o aluno parece **culpado**(!)

Culpado de ter nascido naquela família, naquele baír
ro... de ter aquele falar...

Como expressar-se livremente se há um censor a bordo,

se há uma caneta vermelha em riste...(?)

3. J.Mattoso Câmara Jr. (1961)

"Que é, em princípio, a **correção**? (...) A correção é a obediência ao **padrão** lingüístico. (...) Cada um de nós faz um trabalho mental **espontâneo** no material lingüístico, depositado na memória, e dele tira **conclusões aberrantes**."

A própria ação mental também concorre para que a liberdade de elaboração atrapalhe a liberdade de expressão... (Ironia!)

4. J.Mattoso Câmara Jr. (1970):

"(...) Como quer que seja, a **língua escrita** ele tem de aprender **na escola**; (...) tantos estudantes psiquicamente **normais**, que falam bem, e até com exuberância e eloquência, no intercâmbio de todos os dias, são **desoladores**, quando se lhes põe um lápis ou uma caneta na mão."

Será que é porque sente-se "só e sem desculpas... condenado a ser livre..."?

Ou (também) porque está diante do seu censor, o professor?

Talvez mais porque a fala é instintiva, natural... a escrita, artificiosa, exterior...

5. J.Mattoso Câmara Jr. (1962)

"...sucede que **esse sistema** (a **língua**) é **comum** a toda uma **coletividade** (...) tende a se impor como uma **norma** a todos os indivíduos; (...) o **cerceamento da personalidade** que a norma lingüística acarreta é a dificuldade de exprimirmos com o sistema intelectual da língua o mundo emocional, que envolve, espontaneamente, todo e qualquer pensamento."

Se a **norma** é elemento **cerceador** da espontaneidade, o **professor** precisa ser **facilitador**... e, se o for nos moldes de Rogers, o registro individual irrompe espontâneo e a comunicação acontece!

6. Halliday et alii (1974):

"Quando chega a **época** em que a **sociedade** exige do indivíduo que acrescente à habilidade da **fala** a de **ler e escrever**, existe uma forte motivação para fazer isso, pois a criança geralmente **descobre** bem cedo que as **pe**soas **iletradas** são relegadas a fazer parte de um grupo desfavorecido dentro da comunidade."

Liberdade e inocência caminham juntas...

Mas só até o advento da consciência da responsabilidade sobre o futuro...

Passaremos, agora, a examinar pontos de vista de Langacker, Dubois, Sapir, Pagliaro, J. Mattoso Câmara Jr., Jakobson e Head - em que se vislumbram algumas alternativas que favorecem o exercício da liberdade de expressão do nosso aluno.

1. Langacker (1975):

"As crianças **mostram uma habilidade surpreendente** para falar qualquer língua constantemente usada ao seu redor. (...) A aquisição da língua vernácula pela criança **independe de qualquer orientação** especial. A única coisa aparentemente necessária é ficar **suficientemente exposto** à língua em questão."

Realmente: nenhuma criança - ao que nos conste - fez "curso de português" para aprender a falar... tem a competência: está livre de "lições"...o desempenho vem por acréscimo, naturalmente...

Melhorar esse desempenho: expor esse "nativo" à língua, a bons textos... tarefa para o professor.

2. Langacker (1975):

"Um exemplo mais comum de nosso respeito para com a palavra escrita é a preocupação predominante na sociedade atual, de não cometer erros de grafia. **Não há realmente** uma boa **razão pela qual uma palavra** tenha de ser escrita de uma única maneira e nos daríamos perfeitamente bem com um sistema pelo qual cada pessoa escrevesse uma palavra da maneira que lhe parecesse melhor. Era esse o **costume nos primeiros séculos** e não causava maiores dificuldades."

Era esse o **costume nos primeiros séculos e não causava maiores dificuldades.**"

Tivemos oportunidade de ver no Capítulo III como "deficiência de forma" não implica necessariamente "deficiência de conteúdo", quando os alunos se auto-avaliam com significativa expressividade, apesar dos "erros de Português"...

3. Dubois (1976):

"O lingüista diz, portanto, implicitamente, que **determinadas construções não convêm** a determinadas circunstâncias. Mas, também aqui, há passagem da **norma de prscritor** às normas das situações e dos utentes."

Nem sempre o tom erudito, culto, de uma conferência... nem sempre o tom informal de uma reunião familiar... é como um traje: é preciso saber escolher, de acordo com o evento, com o lugar... mas a liberdade de escolha está aqui defendida.

4. Sapir (1971):

"A arte é uma expressão **tão pessoal** que não nos apraz senti-la jungida a uma forma predeterminada, seja qual for. As possibilidades da expressão **individual** são infinitas, e a **linguagem**, em particular, é o mais fluído dos meios."

Assim se confirma, quando a criança se exercita nos seus madrigais... sente-se poeta: sua primeira poesia é tão **pes**soal que, até por isto, lhe flui espontaneamente.

5. Pugliaro (1967):

"Hoje **não existe já uma distância** tão profunda entre a **língua literária culta** e a **língua do uso comum**. A **lín**gua culta com todas as suas gradações, que vão da **lín**guagem dos jornais à da poesia, quase se identifica com a **língua escrita**, constituindo um aspecto da **língua co**mum, enquanto um outro aspecto é constituído pela **lín**gua falada."

Nos estilos cultos mais **soltos**, mais **livres** de hoje, encontramos uma alternativa - um recurso didático - para colo

car os alunos em contato com registros expressivos da língua portuguesa (já que a língua falada anda oferecendo tão pouco).

E o aluno vê que é possível escrever bem e com liberdade.

6. J. Mattoso Câmara Jr. (1961):

"**Nem sempre** são possíveis as prescrições gramaticais. Há muitas catalogações de supostos erros que não passam de **prescrições arbitrárias** dessa ordem. (...) Em regra, diante de uma **discordância** de uso (...) a escolha deve antes de tudo pautar-se pela **nossa preferência pessoal**, a fim de nos sentirmos bem integrados na linguagem que empregamos, livres daquela penosa impressão de quem enverga uma roupa que intimamente não lhe agrada."

Com esta licença dada pelo mestre Câmara, o professor pode sentir-se seguro em incentivar o seu aluno a pautar-se pela sua preferência lingüística pessoal - a "envergar uma roupa que lhe agrade..." (!)

Liberdade de expressão!

7. Jakobson (1974):

"A chamada função **emotiva** ou **expressiva**, centrada no **remetente**, visa a uma expressão direta da **atitude de quem fala** em relação àquilo de que está falando."

Esta é a função da linguagem que melhor serve ao aluno do PIC - pois que ele fala de algo vívido/vivido... certamente por isto os depoimentos sejam tão **expressivos**... tão livres.

8. Head (1968):

"Os **estilos refletidos** ou formais resultam do desejo que qualquer indivíduo manifesta em certos momentos de tornar o seu ato de fala o **mais adequado** possível às circunstâncias em que este se realiza; os produtos dos atos de fala mais **espontâneos** representam estilos não-refletidos ou coloquiais."

O nosso aluno escreve **muito** como fala...

Dos **depoimentos diários** (auto-avaliações) ao **livro**, escrito ao final do ano, notamos que a **liberdade** de pensamento e de expressão permite surgirem, naturalmente, estilos não-refletidos... são os primeiros passos em liberdade, num novo trabalho...

Depois há o desejo de aperfeiçoar o estilo para compor o livro... E tudo é muito bom (!)

Para concluirmos esta seção, escolhemos três passagens do mestre Celso Cunha (1975), que gostaríamos de subscrever, tal a oportunidade de seu teor.

1ª) "Língua de contrastes, sob certos aspectos excessivamente conservadora, sob outros muito evoluída; ora com progressões rápidas, ora com regressões violentas; língua de clérigos e notários, de "bons latinos", mas também língua de guerreiros e conquistadores; língua mais apta para a poesia do que para a prosa, o português apresenta **todas aquelas liberdades e indecisões** que caracterizam as línguas de base essencialmente **rural**, nas quais a força niveladora das cidades ou não se exerceu, ou veio a agir tardiamente."

Esta é a língua que tão bom comportamento quer exigir dos seus "utentes" ... mas, jocosamente, diríamos: "teu passado te condena...": é uma língua cuja ebulição contagia seus usuários de uma certa "indisciplina"...(rebeldia criativa?)

Mas...ainda que "rebelde", quando "comportada" não deixa de ter sua beleza, não é mesmo?

2ª) "Não é uma unificação, uma uniformização da língua o que sugerimos. (...) O que desejamos é que, através do ensino, se resguarde a atual **unidade superior da língua portuguesa**, os traços essenciais que ainda permitem a compreensão entre os seus usuários."

Em que pese esta justa preocupação, da qual participam, em geral, os professores de Língua Portuguesa, apenas temos que sejam cuidados insuficientes, posto que grande massa

do povo não anda tendo acesso ao ensino ...

De qualquer forma, acreditemos e invistamos no efeito multiplicador daqueles poucos que ainda podem ter contato com o ensino, freqüentar uma escola...

3a) "Ao largo do tempo, a **profecia** é verdadeira: 'Não há língua no mundo que não venha a **fragmentar-se** ou a **extinguir-se** um dia. (...) **Diferenças sempre haverá, e muitas** são até **desejáveis**. Lutemos, porém, para que elas não ultrapassem aquele **matiz ideal** preconizado por Jorge Luiz Borges - 'um matiz que seja bastante discreto para não entorpecer a **circulação total** do idioma e bastante nítido para que nele ouçamos a **pátria**."

Plenamente, de acordo, Borges!

Encerramos, aqui, esta sessão, que pretendeu situar as implicações do ensino da língua, mais no campo teórico.

E... o que se passa na prática - nossa prática - vem aí na próxima sessão...

Vamos, agora, ao "**Vôo Livre**", um texto criado por nós e pelos nossos alunos e apresentado na abertura do I **ENCONTRO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**, em 1984, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Foi um encontro promovido pela Secretaria Municipal de Educação/RJ, organizado pelos professores do PIC para os professores de Língua Portuguesa (núcleo comum) e pessoal da SME.

Vamos ao vôo ...

Pelos caminhos do coração...

Nas asas da liberdade ...

" V Õ O

L I V R E "

Profª Sueli Costa *

" Todo homem tem direito à liberdade
de pensamento e expressão. "

(D.U.D.H.)

" V Õ O

L I V R E "

caminhos do coração...

caminhos da **liberdade**...

aqui

a visão de uma **professora** e seus **alunos**
no convívio "humano-pedagógico" do PIC:

os primeiros momentos

em emoção e trabalho

em erros e acertos

e

sobretudo

em **p e r s i s t ê n c i a** ...

persistência

esse fermento responsável

pelo **c r e s c e r**

da

m a s s a (!)

- massa:

o grande desafio (!)

(... é imperioso olhar, **d e c o m p o n d o - a**,

ou então ...)

1. EMPATIA / apatia

...E tudo começa bem, entre professor e aluno, quando o professor procura instalar na sala de trabalho um clima em que o aluno se sinta amado, desejado, respeitado, na sua dupla condição de humano: **ser sensível / ser inteligente...**

Só a sinceridade possibilitará, pela confiança, **um de sabrochar frutífero do aluno.**

ALUNO:

O PIC ajuda aos necessitados, criando situações incríveis e soluções inacreditáveis.

O PIC constrói um clima de amizade (incrível) jamais criado por alguém: ele transforma a pessoa de uma tal maneira, que o aluno, ao assistir à aula, nunca mais quer se soltar dela. O PIC "dá uma chave" no aluno que ele não pode fugir às situações propostas pelo professor....!

O aluno que vem pela primeira vez a uma aula do PIC, ele se sente meio inibido... a partir da segunda aula, o aluno vai ficando inspirado a fazer coisas, que ele não podia pensar que tinha aptidão para fazer.

O clima da aula do PIC é fabuloso: dá-nos inspiração...sentimo-nos, como se pudéssemos descobrir a solução para os problemas do mundo.

Se o mundo não vem ao PIC, o PIC irá ao mundo!

- este é o meu sentimento e esta é a minha pretensão...

(APARECIDO - 8ª s., CIMFA)

CUIDADO ! FRÁGIL !

Quando olhar em volta,
verifique a embalagem:
se for **gente**,
toque com cuidado,
porque - dentro -
há um coração
frágil ... frágil...

Toda pessoa é
lindo cristal bem frágil...
quando se parte:

m u l t i p a r t e s

— restos mortais de um coração (!)

2. LIBERDADE / imposição

... E todo homem nasce **livre**: se sufocado, morre...

mata ou...

s o f r e (!)

Assim, a **e m p a t i a** - primeira - logo lembra ao **pro**
fessor que também o **aluno** gosta de **liberdade**:

liberdade de pensamento... **liberdade** de escolha...

liberdade de expressão... (!)

E... assegurar a **liberdade** é

praticar a democracia ...

ALUNO:

Se não houver **liberdade**,

não há meio de chegar ao mundo maravilhoso da **fantasia**,

onde tudo se realiza...

e esta liberdade deve ser "quase" **total**,

pois não existe esta liberdade **total**...

(nem um papel, largado do alto de um prédio, fica em liberdade total, pois a força da gravidade o atrairá ao chão ...)

... mas, no PIC, a liberdade é tão **suficiente**,

que podemos **criar** coisas maravilhosas,

como este trabalho que acabo de fazer!

(PAULO RICARDO, 8ª s., CIMFA)

" Gaivota doirada "

- Gaivota doirada,
que, aos raios do sol,
pareces rainha,
responde à pergunta
que, há muito, é minha:

" Que sábios ouviste (?)
Quem foi o teu mestre (?) "
pois

livre tu nasces

livre tu vives

... não és como o Homem

que l i v r e nasceu

mas

o que é l i b e r d a d e

há muito esqueceu (!)

3. ALEGRIA / rebeldia

... O professor

que já inspirou c o n f i a n ç a

que já assegurou l i b e r d a d e

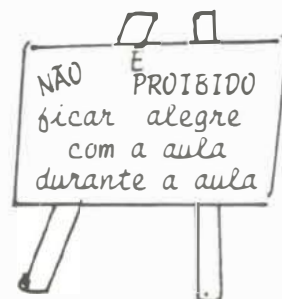
já não pode evitar um "efeito colateral":

a a l e g r i a

realçando o brilho de cada olhar(!)

A a l e g r i a "levanta o astral"... tranquiliza

e... gera motivações positivas.



ALUNO:

PIC é alegria...

os trabalhos são diversos...

minha alegria é confiante,

meu trabalho é bonito... me permitindo liberdade,

rebeldia não existe, enquanto eu estiver trabalhando...

...pois a alegria é realizar o que me permitem

a liberdade dada e a confiança inspirada pela minha professora...

Verso realista mostra minha alegria:

nem sempre rebeldia

pois o meu serviço

é feito com **alegria...**

(DIOVANI - 8ª s.CIMFA)

" A A L E G R I A : UM DOS DIREITOS HUMANOS ... "

... é

quando se oferece
que mais se ganha: a l e g r i a (!)
reconforta
reanima
reconstrói
o espírito ...(!)

Projeta-nos
no espaço ilimitado
da felicidade ...

permite que se perceba
o arco-Íris
surgindo por entre a chuva ...

a alegria:

um dos "Direitos Humanos" ... (!)

4. INSPIRAÇÃO / bloqueio

... e a reação-em-cadeia continua:

confiança
liberdade
alegria

i n s p i r a ç ã o !

O bloqueio vai-se rompendo: a auto-segurança irá propiciar a liberação do que está contido, pois o medo
o medo cedeu lugar à c o r a g e m de criar ...

ALUNO:

O PIC é um lugar onde expomos nossas idéias...
e mais: é um lugar em que, de súbito,

"pinta uma inspiração"!

Essa inspiração repentina origina-se do clima, do ambiente que se forma no PIC. A liberdade é um dos fatores que nos levam a ter inspiração.

A professora tranqüiliza o aluno com sua atitude carinhosa; há união entre alunos.

A inspiração é um sentimento muito importante, pois nascemos com ela e, às vezes, não sabemos usá-la...

Portanto...

o PIC é o lugar ideal para

libertarmos nossas idéias e

encontrarmos "um jeito" para

criar palavras, versos, poesias, livros...

(CLÁUDIO - 8ª s., CIMFA)

" INSPIRAÇÃO: o belo batendo à porta... "

... mágica brisa
que suave chega (!)

... instala-se, aninhando-se
- não para adormecer

mas para despertar o belo (!)

... afasta os "fantasmas",
traz o colorido onírico dos contos de fada
para a ponta dos dedos:

é só dispor de papel... de lápis ...

... depois, é só comemorar !!!

5. ORIGINALIDADE / cópia

... Sendo a **inspiração** um processo que permite a libe
ração do mundo interior, a **originalidade** é fenômeno decorrente,
natural...

Então, direto-da-fonte,
a m a r c a d e c a d a u m é imprimida, com fidelidade,
em cada trabalho... (para felicidade do autor!)

ALUNO:

No PIC,
todos os trabalhos são originais...
tão originais,
quanto a Natureza...
como uma criança,
que nasce da necessidade de
um amor ...

Na realidade do pensamento,
surge uma inspiração,
a qual dá idéia a um trabalho ideal
e de intensa originalidade ...

(OSVALDO, 8ª s., CIMFA)

" QUANDO EU SOU O EXPLORADOR... "

... é como um t e s o u r o

perdido no fundo do mar:

repousa inútil

até que um explorador

ousado, corajoso

resolva arriscar-se na v i a g e m ...

Eis que o tesouro ressurgue:

- E esse ouro é todo meu ?!

... e as "jóias" que eu fabrico

são obras da ourivesaria da minha i m a g i n a ç ã o...(!)

6. PRAZER / obrigação

... Ver-se no próprio trabalho (!)

... Descobrir-se capaz (!)

... Conhecer-se por-dentro (!)

... Experimentar a sensação de
usar a sua própria idéia (!)

Isto significa um p r a z e r - um raro prazer...

E... poder unir **TRABALHO & PRAZER**

... algo não muito comum (!)

ALUNO:

PIC: prazer de estudar !

Prazer, indiscutivelmente, o aluno sente,

ao ter uma aula do PIC.

Não custa nada...

é de graça e

você descobre que é inteligentíssimo...

O prazer do aluno, no PIC,

se resume na capacidade de o aluno

desenvolver a sua própria

inteligência...

(APARECIDO - 8ª s., CIMFA)

" QUE PRAZER ! "

É como o lavrador
a lavrar a terra que é sua:
que prazer (!)

É como a tecelã
a tecer o linho que é seu:
que prazer (!)

Diz o ditado:

quem corre por gosto
não cansa ... (!)

7. RESPONSABILIDADE / obediência

...E, quando se faz um trabalho por l i v r e opção, não há o caráter "obediência".

...Assim, o aluno que está e n v o l v i d o, criando o seu trabalho, só tem uma "obrigação": auto-realizar-se... agradar a si mesmo...

Ele se torna **responsável** por sua obra,

como o príncipe por sua rosa... (!)

ALUNO:

O aluno

aumenta a sua responsabilidade,

quando conhece o PIC

pois o aluno

se empenha num trabalho

do seu gosto...

como o sol:

o sol

tem a responsabilidade de

nascer a cada dia... (!)

(PAULO RICARDO, 8ª s., CIMFA)

" VIVER: escultura cobiçada... "

... vem de mim

e p'ra mim volta:

sou eu... l i v r e !

... envolvo-me,

entrego-me:

forma

conteúdo

cor

- corpo e alma (!)

Sou responsável

por este **sentir** ... por este **curtir**...

por este **fazer** ... por este **viver**... !

8. TRABALHO / estagnação

... O envolvimento substitui a a l i e n a ç ã o .

... A a ç ã o elimina a passividade.

... E ... o t r a b a l h o aparece (!)

A imaginação produz e

as mãos c o n f e c c i o n a m ...

. ferro

. obras

?

. bronze

. obras

. prata

. obras

. ouro

. obra

ALUNO:

No PIC,

o trabalho é

uma das principais exigências.

Assim...

necessita-se,

fundamentalmente,

de uma inteligência

adequada

para o momento certo.

(OSVALDO - 8ª s., CIMFA)

" O EU - sem retoques "

À imagem e semelhança

do artista

surge a obra:

as nuances

revelam as escolhas...

e as escolhas

são pessoais ...

— na obra de cada um,

o eu - sem retoques (!)

9. PROGRESSO / recessão

...Se sair do "ponto zero" foi importante,

p r o g r e d i r continuamente e aos saltos (!)

é fato inusitado, dado o atual contexto educacional...

O que fazem — juntos —

. um clima renovado / envolvente

! . uma liberdade **v i v e n c i a d a**

. um auto-conhecimento "batalhado"

sensibilidade + inteligência + ação = progresso (!)

ALUNO:

Desenvolvemos a mente...

a capacidade de nos expressarmos...

a criatividade...

Nossa força de vontade nos conduz a criar

incríveis trabalhos

em que nossas diversas idéias progridem,

despertando o que há

dentro das pessoas

e que elas ainda

não tinham

procurado desenvolver.

(LUCIENE - 8ª s., CIMFA)

" OUTROS MUNDOS - eis o desafio ... "

... percebo uma linha

... descubro o horizonte

... vou até lá !

contemplo... examino... verifico a verdade física:

o céu não toca a terra.

- Mais um fato do universo

passa para o mundo dos meus conhecimentos...

Preciso, agora, de uma astronave:

desejo conhecer o espaço sideral ...!

10. SUCESSO / fracasso

... Finalmente,

quando o **aluno sente** que **ele** superou suas dificul
dades, pois tem diante de seus olhos

o resultado positivo de sua "batalha"
esse **aluno conclui** (sem ir ao dicionário) que SUCESSO é **sinô-**
nimo de TRABALHO: o "efeito útil de uma força" ... (!)

ALUNO:

Vencer obstáculos:

o sucesso!

O PIC com suas **novidades...**

a professora está apenas como "a cabeça" ...

eu, como aluno -

propondo ou fazendo o que o PIC propõe
posso viver o trabalho...

A minha alegria

está no sucesso

do meu trabalho...

A glória está em

vencer os obstáculos que

a língua portuguesa oferece...

(DIOVANI, 8ª s., CIMFA)

" P A L A V R A: ~~se~~mente a escolher..."

Lutei, alcancei !

Era impossível crer ...!

Tem, assim, um sabor

de figura delineada,

pois reforçar-o-traço

é trabalho cotidiano:

palavra é semente,

semente a es colher

e merece ser re plantada

não pode, ali, se perder !

" NO MEIO DO CAMINHO

TINHA UMA PEDRA

TINHA UMA PEDRA
NO MEIO DO CAMINHO..."

(Carlos Drummond de Andrade)

A VIDA: UMA PEDAGOGIA DO CONFRONTO !

Rev. 26/9/84

Caro Lúcia

Foi uma grande alegria
de brincar um pouco "Vô Gine"
Que belo trabalho!
Como me orgulho de o ter
iniciado. Espero um dia ver
os resultados. Eles existem

e acontecem por força de
sua competência e dedicação.

Um grande e afetoso
abraço,
Regina Pereira

Nota: O PIC foi uma iniciativa da Professora Terezinha Saraiva, enquanto Secretária Municipal de Educação e Cultura (1979 a 1982) no Município do Rio de Janeiro, tendo contado também com o apoio de pessoas da SMEC, como Profª Berenice Picanço, Prof. Flávio Gustavo T. Filho e Profª Clair Barbosa, além de outros professores que integravam a ASE/SMEC.

" DAQUILO QUE EU SEI "

Daquilo que eu sei
nem tudo me deu clareza
nem tudo foi permitido
nem tudo me deu certeza

Daquilo que eu sei
nem tudo foi proibido
nem tudo me foi possível
nem tudo foi concebido

Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos

cheirei
toquei
provei (!)
Ah, eu usei todos os sentidos...

Só não lavei as mãos
e é por isso que eu me sinto
cada vez mais limpo
cada vez mais limpo
cada vez mais limpo ! ! !

Autores: Ivan Lins & Vitor Martins

Interpretação: Ivan Lins

(Música integrante da trilha sonora da montagem "VÔO LIVRE")
- um programa audiovisual -

CONCLUSÕES

O homem. A vida. O mundo.

Estar no mundo...

Viver a vida...

Ser homem...

Ser livre...

Eis que, de manhã, o sol apareceu: nasceu mais um al
guém... livre!

O homem tem este direito — quantas vezes, quisera
não tê-lo (!)

E o que faz deste direito?

No uso de suas **prerrogativas**, o homem usa e abusa de
ser livre...

Parece nem se lembrar de que seus atos de hoje têm
conseqüências para o amanhã — seu e... dos outros, geralmente
te.

O homem, quando se julga sábio, por vezes se enaltece,
se constrói... por vezes, se amesquinha, se destrói...

Esse homem está aí: sou eu... é você... é ele... é
ela... é o professor... é o aluno... (!)

Somos apresentados ao Tu, nosso outro eu, e não nos
reconhecemos nele... e somos absolutamente **semelhantes** (!)

Gostamos de liberdade, o seu sabor nos agrada...

mas, como é difícil dar uma bala desse saquinho para o outro...(!)

O exercício **p l e n o** da **liberdade** é conturbado: tatear é a alternativa possível, disponível...

Neste transitar por entre certezas e incertezas, o homem vai-se **conhecendo** melhor... se desejar, pode melhorar-se, descobrir que é **humano** e viver a sua vocação de **ser sensível**, **ser civilizável**... **ser companheiro** — realmente...

O encontro pressupõe dois seres: ambos em **liberdade**.

Liberdade para ... (?)

ou

Liberdade para... (?)

É só escolher...

Escolhemos a sala de aula: nosso pequeno campo...mas lá construimos um pequenino templo... não é assim o Templo de Delfos, mas... lá nos inspiramos — professora, alunos, e quem mais chegue é sempre bem-vindo.

Quantas aprendizagens:

Parece que

agora eu valho alguma coisa ... afinal,

eu deixei a **mochila de não poder** lá fora...

aprendi a caminhar com os meus próprios pés e a descobrir os meus próprios caminhos...

e quanto mais? ...

Fazer da **língua portuguesa** um **pretexto** para o exercício da **liberdade** é uma ousadia...

Afinal, onde é que fica a **G R A M Á T I C A** ?

- Que **fantasia!**

Concluimos,

finalmente,

que

é preciso

reconhecer e propiciar

o real exercício da

liberdade aos nossos

alunos,

sob pena de sermos nós os **prisoneiros** de nosso **autoritarismo...**

que **é preciso**

reconhecer o aluno como ser sensível, inteligente e, por respeito, envolvê-lo em **atividades-desafios** que lhe acrescentem algo novo, **por ele mesmo** identificado, trabalhado, conquistado...

que **é preciso**

reconhecer o perigo de, em nome de desenvolver o **es** **pírito crítico** no nosso aluno, acabemos por incutir-lhe a(s) **ideologia(s)** em que acreditamos...

que **é preciso**

não impedir

que ele conheça

e se extasie com a versão **bela** da "última flor do Lácio", sem contudo **impedi-lo** de usar a versão **inculta** que lhe é mais à mão, no cotidiano de **sua vida...**

E, se de repente alguém aprender a aprender, **buscar**

sua **auto-realização**, e se declarar **FELIZ**, vamos então **concluir** que passou no **teste de fidedignidade** a nossa filosofia, a nossa didática de

obstinadamente

fazermos

da **língua portuguesa**

um belo pretexto para o exercício do **ser em liberdade...**

Vamos deixar aqui um espaço para que você aceite um convite amigo:

quer ajudar-nos a chegar a mais algumas conclusões?

" OS 10 MANDAMENTOS DO MESTRE
DITADOS PELO BOM SENSO... "

- 1º) "Amar ao seu aluno, sobre todas as coisas..."
- 2º) "Não tomar seu santo tempo em vão...
até porque ali estamos a seu serviço e,
deste modo, o aluno é fonte para nós..."
- 3º) "Guardar que aula pode/deve ser sinônimo de domingo & festa...
afinal, a alegria até faz bem à saúde de todos..."
- 4º) "Honrar pai e mãe do aluno...
pois eles nos 'cederam' seu filho..."
- 5º) "Não matar a capacidade criadora da pessoa-aluno...
mas - antes - possibilitar que ela se desenvolva..."
- 6º) "Não pecar contra a honestidade profissional...
pois cada um de nós reflete o Magistério..."
- 7º) "Não furtar ao aluno o direito inalienável da liberdade...
afinal, também nós gostamos de ser livres..."
- 8º) "Não levantar falso testemunho quanto ao desempenho do aluno...
pois que - no futuro - a má avaliação adquire outros matizes
que extrapolam o azul e o vermelho..."
- 9º) "Não desejar a prática docente do próximo, seu colega...
mas - antes - perseverar na busca do estilo próprio
como docente..."
- 10º) "Não cobiçar as experiências alheias...
mas - antes - procurar trocar... em prol de um salutar
enriquecimento mútuo..."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Guido de. O Professor que não ensina. SP: Summus Editorial, 1986.
- Almeida, Maria Ângela Vinagre de. Utopia e Educação: o Pensamento de Theodore Brameld. Tese de Livre Docência apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, set., 1976.
- Alonso, Arthur. Reflexões Pedagógicas. SP: Loyola, 1986.
- Bastos, Lília; Paixão, L. & Fernandes, L.M. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- Benveniste, E. Problèmes de Linguistique Générale. Editions Gallimard, Paris, 1968.
- Bochenski, J.M. Diretrizes do Pensamento Filosófico. São Paulo: EPU, 1977.
- Bollnow, Otto F. Pedagogia e Filosofia da Existência - um ensaio sobre formas instáveis de educação. RJ: Vozes, 1974.
- Bonazzi, Marisa & Eco, Umberto. Mentiras que parecem Verdades. São Paulo: Summus, 1980.
- Buber, Martin. Eu e Tu. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- Buffa, Ester & Arroyo, Miguel. Educação e Cidadania. São Paulo: Cortez, 1991.
- Britto, Sulami Pereira. Psicologia da Aprendizagem centrada no Estudante. Campinas: Papirus, 1986.
- Câmara Jr., J. Mattoso. Ensaio Machadianos. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1962.
- _____. Estrutura da Língua Portuguesa. Editora Vozes, Petrópolis, 1970.
- _____. Manual de Expressão Oral e Escrita. J.Ozon, Editor, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1961.

- Camões, Luiz de. Os Lusíadas. Lisboa: Rolland & Semiond, 1871.
- Cassirer, Ernst. Antropologia Filosófica. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- Chauí, Marilena. O que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- Cunha, Celso. Língua Portuguesa e Realidade Brasileira. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 5ª ed., 1975.
- Cunha, Luiz Antonio & Góes, Moacyr. O Golpe na Educação. Rio de Janeiro: Zahar Edit., 1991.
- Del Valle, Augustin B.F. Filosofia do Homem. Fundamentos de Antropologia Metafísica. São Paulo: Convívio, 1975.
- Dubois, Charlier, F. Bases de Análise Lingüística. Livraria Almedina, Coimbra, 1976.
- Filloux, J.C. A Personalidade. São Paulo: Difel, 1966.
- Foster, Constance J. Desenvolvendo a Responsabilidade na Criança. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1964.
- Foulquié, Paul. O Existencialismo. São Paulo: Difel, 1975.
- Fromm, Erich. Análise do Homem. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1960.
- Furter, Pierre. Educação e Vida. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. Educação e Reflexão. Petrópolis: Vozes, 1982.
- Genouvrier, Emile - Peitard, Jean. Lingüística e Ensino do Português. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- Giles, Thomas Ransom. Introdução à Filosofia. São Paulo: EPU, 1979.
- Goeppert, Sebastian e Herna, C. Linguagem e Psicanálise. São Paulo, Cultrix, 1980.
- Gusdorf, Georges. Professores, para quê? Para uma pedagogia da Pedagogia. Lisboa: Moraes Editores, 1978.
- Halliday, M.A.K. et alli. As Ciências Lingüísticas e o Ensino de Línguas. Editora Vozes, Petrópolis, 1974.
- Head, Brian F. "A descrição das variedades cultas do português contemporâneo como língua padrão". In Actas do I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, Coimbra, Editora Coimbra, 1968, p.63-77.
- Held, Jacqueline. O Imaginário no Poder - as crianças e a literatura. São Paulo: Summus, 1980.

- Jakobson, Roman. Linguística e Comunicação. Editora Cultrix, São Paulo, 1974.
- Jaspers, Karl. Filosofia da Existência. Rio de Janeiro: Imago 1973.
- Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18.05.1990. pág. 3, Caderno Cidade.
- Jung, C.G. O Desenvolvimento da Personalidade. Petrópolis: Vozes, 1981.
- Kowarzik, Wolfdietrich Schmied. Pedagogia Dialética. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- Laing, R.D.; Phillipson, H. & Lee, A.R. Percepção Interpessoal: uma teoria e um método de pesquisa. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.
- Langacker, Ronald W. A Linguagem e sua Estrutura. Editora Vozes, Petrópolis, 2ª edição, 1975.
- Lima, Balina Bello. Ampla Didática; reflexões sobre o ensino brasileiro e proposta de reformulação baseada na criatividade. Niterói, UFF, 1985.
- Marx, Karl & Engels, F. A Ideologia Alemã. I - Fenerbach. São Paulo: Hucitec, 1989.
- März, Fritz. Grandes Educadores. São Paulo: EPU, 1987.
- May, Rollo. Psicologia e Dilema Humano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- _____. Poder e Inocência - uma análise das fontes da violência. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- May, Rollo. O Homem à procura de si mesmo. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. A Coragem de Criar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- Miel, Alice. Criatividade no Ensino. São Paulo: Brasa, 1972.
- Nogare, Pedro Dalle. Humanismos e Anti-Humanismos. Introdução à Antropologia Filosófica. Petrópolis: Vozes, 1983.
- Oliveira, J.B.A. & Chadwick, Clifton B. Tecnologia Educacional. Petrópolis: Vozes, 1982.
- Ostrower, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Petrópolis: Vozes, 1989.
- Padovani, Umberto & Castagnola, Luiz. História da Filosofia. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

- Pagliari, A. A vida do Sinal. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1967.
- Piletti, Claudino & Piletti, Nelson. Filosofia e História da Educação. São Paulo: Ática, 1981.
- Revista Estudos e Pesquisas - VI nº 1 julho/dezembro de 1980. RJ: Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Subsecretaria / Assessoria de Estudos e Pesquisas - V. Semestral. Estudos e Pesquisas.
- Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. Fundamentos para elaboração do currículo básico das escolas públicas do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.
- Rodari, Gianni. Gramática da Fantasia. São Paulo: Summus, 1982.
- Rodrigues, Aryon D. "Problemas relativos à descrição do Português contemporâneo como língua padrão no Brasil" in Actas do I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea. Coimbra, Editora Coimbra, 1968. p.41-55.
- Rogers, Carl. Tornar-se Pessoa. Lisboa: Martins Fontes, 1976.
- _____. Liberdade para Aprender. Lisboa: Martins Fontes, 1978.
- _____. Liberdade para aprender em nossa década. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- Rudio, Franz Victor. Orientação Não-Diretiva na Educação e no aconselhamento e na psicologia. Petrópolis: Vozes, 1987.
- Santos, Delfim. Fundamentação Existencial da Pedagogia. Lisboa: Livros Horizonte, 1940.
- Sapir, E. A Linguagem. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 2ª edição, 1971.
- Sartre, J.Paul. O Existencialismo é um Humanismo. Lisboa: Editorial Presença, s.d.
- Saussure, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1969.
- Silveira, Maria Helena. Português para o Ginásio. Petrópolis: Vozes, 1972.
- Soares, Magda. Linguagem e Escola - Uma perspectiva social. São Paulo: Atlas, 1992.
- Soares, Magda B. & Kramer, Sonia. Menga, Ludke e outros. Escola Básica. Coletânea C.B.C. São Paulo: Papyrus, 1992.
- Ullmann, Stephen. Semântica - Introdução à Ciência do Significado. Lisboa: Atlântida, 1973.
- Vancourt, R. A Estrutura da Filosofia. São Paulo: Duas Cidades, 1964.
- Williams, Edwin B. Do Latim ao Português. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

ANEXO 1
DOCUMENTO OFICIAL DO PIC

PREFEITURA
DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

Secretaria Municipal
de Educação e Cultura

Subsecretaria Municipal
de Educação e Cultura

**estudos
&
pesquisas**



Uma proposta de trabalho na área de comunicação e expressão - PIC*

*Eliane Caillaux***

*Flavio Gustavo Thamsten Filho***

1. Introdução; 2. Educação e interessoalidade; 3. A comunicação dialógica; 4. A intersubjetividade da linguagem; 5. Desenvolvimento da proposta; 6. Considerações finais.

1. Introdução

Constata-se uma situação de crise no ensino que além de pressupostos pedagógicos, remete a princípios filosófico-educacionais e teórico-práticos.

O que se pretende neste artigo não é limitar a questão a uma discussão didática quanto ao ensino da língua, mas situá-la, mesmo lacunarmente, num contexto de reflexão filosófico-educacional, uma vez que, constituindo-se a língua como objeto deste discurso, interrogam-se os valores institucionais.

2. Educação e interessoalidade

Tomando-se a educação como campo de "e-laboração", de investigações e "re-novações" metodológicas na transmissão do conhecimento, a especificidade do PIC destaca-se por um descentramento da ação pedagógica, ao se colocarem os conteúdos trazidos pelo educando em confronto dialógico com aqueles levados pelo professor, rastreador e restaurador do processo, o que conduz a uma forma de apreensão da realidade, compatível com o conceito de eficácia social.

Considerando-se a educação como um processo dialógico inter-pessoal e desalienante, uma vez que a realização individual é sempre determinada ao nível social através da interessoalidade, procura-se descentralizar a ação pedagógica de uma relação polarizada professor-aluno, a fim de não se fazer da comunicação um mero processo informacional.

A transmissão de conceitos e normas que não levam em conta a realidade contextual do aluno mas ao contrário, tentam direcioná-lo, distancia-se da colocação desse aluno como sujeito, tornando-o um objeto alienado do processo de sua construção pessoal e da construção de uma realidade onde ele se veja como ator.

* PIC — PLANO INTENSIVO DE COMUNICAÇÃO

** Da E-SUB/Assessoria de Estudos e Pesquisas.

14

3. A comunicação dialógica

É na intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado que se insere a comunicação dialógica, sendo portanto, transformadora no sentido de que é utilizada não apenas como um meio ou canal por onde se dá a veiculação de idéias mas como o espaço da própria construção do discurso e, portanto, da linguagem.

Por outro lado, ao se destacarem posições polares — emissor e receptor — no sistema comunicacional, corre-se o risco de esquecer que tais posições se superam freqüentemente na dinâmica do processo, fato que leva a uma constante retroalimentação do sistema.

Falando-se em comunicação dialógica, embora esse sintagma possa parecer uma redundância, descarta-se a falsa concepção, muitas vezes corriqueira, de que comunicar é veicular um saber que se estende daquele que é o seu portador aquele que o recebe passivamente, como um mero receptáculo de informações, sem atuar como fruidor e co-participante da construção e/ou transformação desse saber. Por isso, ao se preferir falar em comunicação dialógica, na tentativa de não se tornarem polares as posições próprias ao diálogo, pretende-se afirmar a idéia de que é no espaço mesmo da intercomunicação, no transcurso do diálogo, que se dá a construção da linguagem e do *sujeito* como categoria própria a instância de discurso em que se faz nomear.

4. A intersubjetividade da linguagem

Faz-se necessário proceder a uma breve explanação de certos conceitos-chaves para a lingüística.

Ao se tentar explicar o que é a linguagem, uma questão se impõe: como inferir uma unidade, se nela se esconde uma dualidade? Ao mesmo tempo que é prática de discurso — ato individual — é também o que torna pertinente esse exercício nos indivíduos, na medida em que só se legitima quando reconhecida a partir de um corpo formal — instituição social — que lhe é anterior.

A esse corpo formal que se constitui num conjunto de convenções necessárias adotadas por um grupo social e que permite o exercício de linguagem dá-se o nome de Língua, e a prática individual desse produto social, fala ou discurso. Evidentemente, o par Língua/Fala só se permite ler dialeticamente, vale dizer, a Língua constitui-se a partir da prática dos sujeitos falantes e, dialeticamente, tal exercício só se torna pertinente porque realiza os princípios previstos na estrutura da Língua.

Ora, se a língua é o lado social da linguagem e a fala o lado individual — disjunção a que se procede apenas para efeito didático — a linguagem é o espaço mesmo onde esses dois momentos se refundem, propiciando a emergência do sujeito como categoria própria à instância de discurso que o identifica.

Na perspectiva de Benveniste, a subjetividade é uma categoria criada pela linguagem e só nela possível, uma vez que a instância de discurso evidencia o momento em que um locutor virtual se apropria

da linguagem, tornando-se no ato em que diz eu não mais um emissor potencial, mas um locutor presentificado no atual ato de fala.

Diz o autor: "A subjetividade de que tratamos aqui é a capacidade do locutor de se propor como "sujeito" ... É ego que diz "ego". Encontramos aí o fundamento da subjetividade que se determina pelo estatuto linguístico de "pessoa". (SENVENISTE Emile. "Da subjetividade da linguagem" — IN. *Problemas de Linguística Geral*. Ed. da Universidade de São Paulo S.P. 1976. p. 286).

Na medida em que as instâncias de emprego do pronome *eu* não formam uma classe de referência, porque não há "objeto" definível como *eu* ao qual se possam referir identicamente essas instâncias, a categoria *eu* torna-se vazia fora do discurso. Mas, ao designar o locutor do atual ato de fala, essa categoria passa a ter a sua própria referência, correspondendo em cada enunciação a um ser único, aquele que se apropria do discurso e diz eu.

Nessa medida, o estatuto de pessoalidade é afirmado na instância de discurso capaz de referenciá-lo. O discurso que contendo *eu* como referente, reflete o seu próprio processo de enunciação.

A visão da linguagem como um mero instrumento de que os homens se valem para expressar o seu pensamento é simplista e reducionista, porque deixa de concebê-la naquilo que é o seu traço distintivo — o fato de que é na linguagem que o homem se constitui como sujeito.

Tomar a linguagem como instrumento é cair num raciocínio falacioso que considera o homem compreendendo-se a si mesmo e ao mundo sem a mediação da linguagem.

Pensar dessa forma e imaginar as idéias preexistindo às próprias palavras e conceber a língua como uma simples nomenclatura, um instrumento de que se serve para dar nome às idéias. Ao contrário, compreender a linguagem como uma forma de representação da realidade implica em não separar o homem da linguagem, mas concebê-lo como um ser de linguagem que só se compreende nele e por ela.

5. Desenvolvimento da proposta.

Consubstanciada no PLANO INTENSIVO DE COMUNICAÇÃO — SUBPROJETO LÍNGUA PORTUGUESA, a presente proposta estende-se aos dez Centros Interescolares, além de uma unidade escolar, do Município do Rio de Janeiro, envolvendo uma clientela prevista em 3.500 alunos de 5ª a 8ª série.

As atividades do PIC desenvolvem-se paralelamente às aulas de comunicação e expressão integrantes do núcleo comum, observando características peculiares quanto ao tratamento didático: aula com duração de sessenta a noventa minutos, máximo de vinte e cinco alunos por turma e inscrição do aluno consoante opção.

O acompanhamento técnico-pedagógico realiza-se através de reuniões e relatórios efetuados periodicamente e abrangendo todos os professores integrantes do processo, além de encontros bimestrais que visam, especificamente, promover a discussão de textos teóricos

no intuito de manter um contínuo questionamento teórico-prático.

Outro aspecto a se ressaltar está no critério de avaliação a ser adotado pelo professor, uma vez que alguns princípios devem ser atendidos a fim de se manter uma linha coerente com o trabalho proposto, na medida em que se espera do aluno a conscientização de suas experiências, colocando a sua expressividade de forma livre, pois a socialização do indivíduo relaciona-se à ampliação de sua(s) vivência(s), propiciando maior consciência de si mesmo e colocando-o numa direção construtiva do ato criador.

A criatividade leva à emergência de condições que se dão ao nível das relações propícias do ambiente, permitindo a expansão do processo de amadurecimento do educando na atualização de suas capacidades orgânicas e psíquicas.

Por relações propícias quer-se definir um contexto de espontaneidade, onde o aluno se veja compreendido e aceito nas peculiaridades de seu manejo com as idéias, formas e relações. O compreender o aluno através de seu próprio ponto de vista constitui-se numa relação empática que permitirá a sua emergência como indivíduo e ser social.

6. Considerações finais.

Outro não poderia ser o caminho pedagógico rastreado pelo PIC, senão o que pretende incentivar no educando a sua colocação como sujeito capaz de expressar criativamente as suas potencialidades, uma vez que se procura instaurar um espaço aberto a novas abordagens metodológicas vinculadas ao ensino da língua. Não pertinente seria caracterizar o PIC/LP como aula de reforço do ensino da língua, o que não só implicaria em seguir os conteúdos programáticos previstos pela escola, discrepantes em relação à proposta apresentada, mas também deslocar a autocorreção prevista nos estudos de recuperação, que se deve realizar no ensino regular, para um espaço que não tem esse propósito.

Como advertência de caráter didático-pedagógico, deve-se ressaltar que a abordagem lingüístico-semiológica é a que mais se adapta à proposta do PIC/LP, pois o ensino calcado na gramática tradicional não enfoca a língua como um sistema comunicacional, preocupando-se antes com a normatização de regras que refletem apenas o padrão culto da língua.

Bibliografia:

- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot, 1978.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo, Nacional, 1976.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 4. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. 2 ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- BLEGER, José. *Temas de psicologia (entrevista y grupos)*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1978.

- ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. 2. ed. Lisboa, Martins Fontes, 1974.
- HOCHMANN, Jacques. *Hacia una psiquiatria comunitaria*. Buenos Aires, Amorrortu, 1972.

Nota: O PIC, hoje, só existe em duas escolas públicas municipais: onde a autora do estudo trabalhou e onde ainda trabalha - muitíssimo graças ao seu pessoal empenho.

ANEXO 2

MATERIAL DIDÁTICO: uma amostra...



Lei

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS

ARTIGO I :

"Todos os homens nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos.
São dotados de razão
e consciência e devem
agir em relação uns
aos outros com espírito
de fraternidade . "

DIREITOS HUMANOS

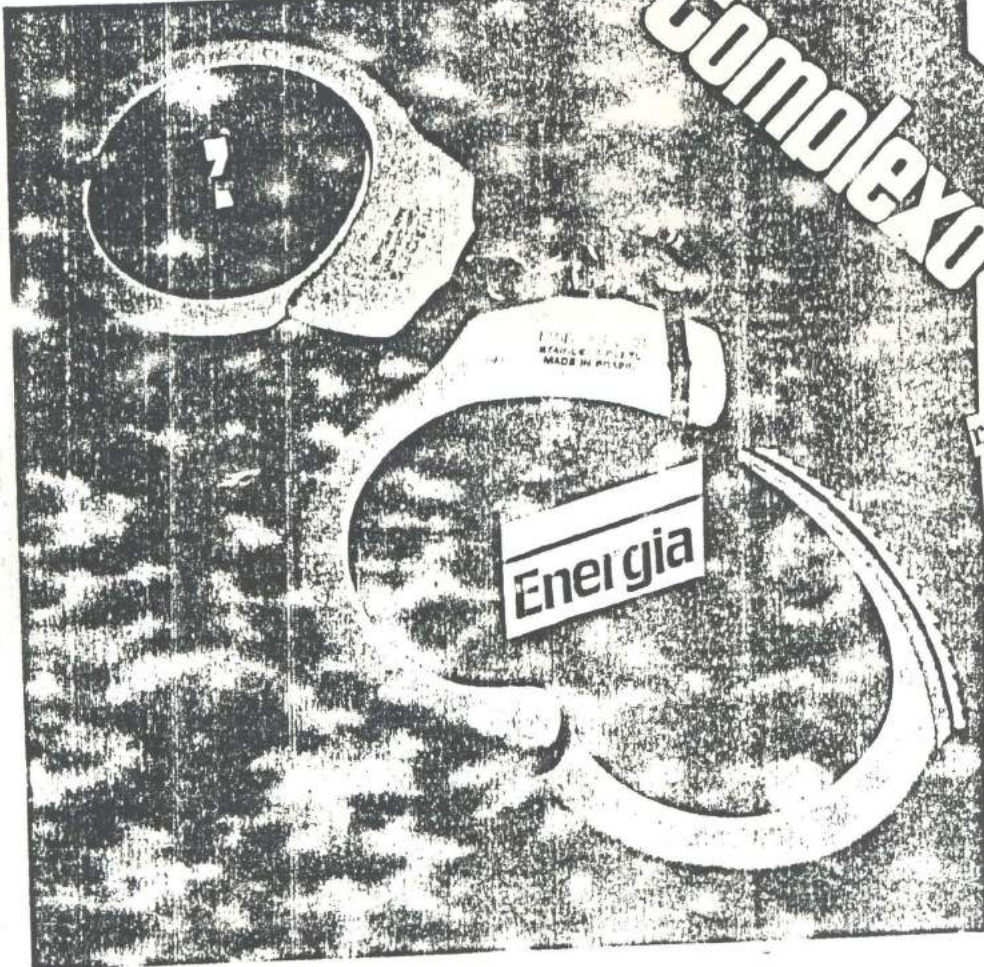
acredite



Segredo

Não

Complexo



certos

relógios

Energia

promessas

Inesgotável

vendedores

CARNÍBALACKO

ouro Legítimo



"Água mole, em pedra dura,

tanto bate até que fura..."

MEDO

" De grão em grão, a galinha enche o papo..."

Dormir & Sonhar.

PRISÃO

Quem
inventou

a
saudades

?

INVEJA

LOS TRESCHOS SE 4 AUTORES
JUNTE LAS VECES
E...

[illegible]

ANEXO 3
COM A PALAVRA, O ALUNO...

P I C o l i b r i

pássaro-pulavra

nasceu para ser l i v r e
não admite prisão ...
foi f e l i z um bom tempo,

mas,

depois, deixaram de o alimentar
(p e n s a r a m que assim morreria!)
quem podia

não o protegia,

era cúmplice

de quem o perseguia (!)

Mas,

"quem tem padrinho
não morre pagão" ...

e

houve a l g u ê m
que lutou... que o defendeu...
que o alimentou... que o preservou...

E ele não morreu!

Aí está

P I C o l i b r i

mais bonito do que nunca...
voando... voando... voando...

bem A L T O !

Quê e meu livro.

No começo foi um furor,
quando recebi a notícia
foi aquele choque!!, nunca
pensei de fazer um livro
e nem planejava ser escri-
tora, nunca gostei de
ler muito menos de escrever.
mas depois vi que não
era tão ruim assim
fazer um livro nem tão,
tão difícil, basta ter
imaginação e é bom
porque existem fantasias
que podemos colar em
um papel e fazer um livro.
E hoje me orgulho, não é
esplendido!!! mas é
meu e gosto dele mesmo
assim.

T. 503

Carla dos Santos Gomes

* Primeira auto-avaliação da aluna : 1ª aula /92.

O que eu aprendi para a minha vida?
Boas notas, muita alegria. Também
~~eu sei fazer algumas coisas. Também~~
~~consegui a nota 2 e a duração.~~

* Auto-avaliação final da aluna, após o livro -seu livro/92.

Eu e o meu livro

Quando a professora deu-
me a notícia que eu ia
fazer meu primeiro livro,
pensei comigo que não ia
fazer, porque não conseguia.
Mas depois que surgiu
idéias e mais idéias,
vi que sou capaz de
fazer coisas importantes.
E me orgulhar delas.

Ana Paula T. 503

Piscol Janeiro, 08 de agosto de 1982.

Nome: Guiliana Soares T. 804 I. 40

"Eu senti muita ansiedade em fazer o meu o meu primeiro poema da minha vida"...

"Desenvolvi uma coisa que eu não sabia fazer..."

Eu descobri que gosto de desenhar,
Eu desenvolvi muita atenção.

Eu aprendi o que é certo
e o que é errado para minha
vida. : Giselle de S. Silva T. 503 -

Fazendo coisas novas, eu aprendi muitas
coisas interessantes.

Ronaldo Alves da Silva

T. 504

Eu descobri que eu mesma consigo fazer um
poema sem a ajuda de ninguém.

Desenvolvi a minha mente e a minha criação
para a poesia. Sabrina P. Gomes
T. 501 idade: 9 anos

Língua Portuguesa - Profª Sueli Costa

"Eu descobri como fazer poemas, sobre
nomes de autores, escritores..."

"Eu descobri que nós temos a capaci-
dade de vencer qualquer baceixa..."

Cliviane Teixeira T: 501 idade: 10

"Eu aprendi que trabalhar com
poesia é chacante!" Wagner Luiz T: 501

Lendo as poesias, eu senti que todos têm que ser "legais"
... com os outros.

Aprendi que há muitas pessoas que precisam das outras.

Aluno: Vagner Dias Corrêa T: 501

"Eu descobri que a poesia que está
da nossa vida, nunca muda..." T: 501

Himno do dia T: 501

L.P. Profª Sueli Costa

"Eu descobri que um poema é a coisa
mais bela do mundo."

"Eu aprendi que o amor é tudo."

"Desenvolvi a mente para o poema."

Alunos da Poesia T: 503 Idade: 11

Língua Portuguesa

• "Eu desenvolvi o.

• meu senso de verdade,

• que eu esqueci que existia."

"Eu descobri a arte de pensar."

~~Projeto Poesia~~ T: 503

Língua Portuguesa Projeto Poesia → 01/10/12

• Eu me senti um poeta, quando eu fiz o poema.

Eu desenvolvi a mente, a minha concentração.

Daniel do Carmo T: 503

• Eu descobri que a

imaginação pode ser linda

e só errar. Denislé Soares T: 503

Eu descobri que algum dia eu posso ser um grande poeta, como Manuel Bandeira.

Eu descobri também que, às vezes, as frases têm que fazer concordância (rimar).

Daniel Hugo Vicente da Silva T: 503

Eu aprendi a trabalhar num auditório,
em mesa grande e trabalhar em grupo, a fazer
palma e não esquecer de autores.

Eu também descobri que eu sou capaz de
fazer um poema. Mônica T: 501

Eu descobri que há coisas lindas, alegres, boas e
bonitas.

Beatriz do A. e T: 501 IDADE: 11

Eu senti muita alegria, fazendo uma
poesia.

Eu descobri que eu já sei fazer uma
poesia.

Dulcem N: 26 T: 501 idade: 10

Eu aprendi que devemos

- sempre pensar e escrever.

- Copiar das outras pessoas.

- Eu medito.

- Não sou das coisas.

- Não quero.

- Quero da minha própria T: 501

Eu aprendi que eu sei fazer coisas
novas sozinho, sem a ajuda de ninguém.

Isto é muito importante.

Wagner de Almeida T: 501

Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1992
Aluno: Rline F. Sallier T. 503. Idade: 12
(D.P.) - Prof: Sueli Costa

1. O que eu senti?

Sinto de não poder me expressar,
sem ter que repetir fórmulas,
e sem entendê-las

Eu descobri, que até com coisas
mais, nos poderes, coisas boas coisas,
porque, o que importa, não é ex-
er, e sim sentir, colocar toda a
sua energia no que está exercendo

Fichelly Vicente - T. 503 - idade: 11 anos

Eu descobri a minha criatividade de
saber muitas coisas boas e algumas de
também a quando eu faço algo não
eu nunca faço de propósito de ninguém.

Robson da Costa Leite. nº 261. hps

Aluno Bruno Cesar Turma 503 Idade 12

Descobri a meu pensamento e a minha vida
por de partir o mundo.

Eu descobri que daqui a alguns tempos, a minha
mãe vai estar coberta de rapto.

Alina de Gátiva Estreia. T: 503. Nº: 41. Estado: RS. Idade: 12

Eu aprendi que as poesias também desenvol-
vem nossa mente.

A poesia é um trabalho muito bom: são os
poetas que ensinam essas coisas maravilhosas
para nós. Mariane Marques T.501.

"Eu sinto uma liberdade
tão grande de doar um poema.
Bianca de Barros T.501

"Eu aprendi que o gesto

tem que acreditar e ter força

de vontade para conseguir

alcançar um objetivo."

Mariane Marques T.501

Eu nunca tinha pensado que
eu ia escrever um livro com

o meu nome, eu mesma, que algu-
ma pessoa pegasse o meu livro
para ler. Andreia D.O. T.501

Leonardo S. de Souza Nº 12 1:503

Língua Portuguesa

Eu aprendi que se eu observar bem as coisas eu terei uma vida absolutamente correspondida a mim e também aprendi a fazer uma poesia diferente das outras que muitos poetas fazem.

Eu senti uma coisa elucidando
a minha

A minha mente, que deu para

eu escrever tudo o que eu

vi na minha

Angela Maria Lima 003

Agradeço a Deus por tudo e por
ter-me dado inteligência e capacidade
de ler e escrever um livro
de 30 folhas.

Agradeço a Deus que está por
ter aberto a minha mente, quando
ela disse que não ia mais ler
um livro, eu não queria ler.

Ass: Jacqueline Martins T. 501

Quando eu come-
cei a escrever a história
no papel branco
O que eu sentia
eu descobri que eu
era capaz de escrever
um livro, eu já
fui em frente, e aí
está ele, que é o meu
grande sonho. Gise
T. 503

Eu fiquei muito feliz
em saber que eu ia
fazer um livro. Meu co-
ração bateu forte de tanta
alegria. Fazer um li-
vro eu acho maravilhoso.
nome: Patrícia de Souza T. 501

Quando sou elhar
encontrarei esta simetria,
poreste bastante alencão,
pois esta pode acontecer
em sua vida.

Hilécia de S. Santos T. 503

Este livro é um livro que abre
a imaginação, porque quando
você lê um livro de texto e
ela fica tentando imaginar
aquilo que está escrito con-
tando com você, então este li-
vro foi feito para despertar
sua imaginação.

Então a professora Sueli Costa
por ter me ensinado um portu-
guês moderno, dinâmico e diver-
tido esta professora é realmen-
te uma professora de português.

Leonardo Carneiro da Silva.

Eu espero que você goste do

livro, preste atenção em cada
palavra. Esse livro é sobre

o meu conhecimento sobre

o nosso país, cada

zona. T. 503

Língua: Português - Sueli Costa

Prova Escrita → 01/04/99

Conteúdo - Avaliação

"Eu senti que eu poderia ser um poeta, pois passei
muito tempo em que eu escrevia (inventar)..."

Eu aprendi para a minha vida que ler e escrever é
fundamental." Dela Amorim Neto T. 501 idade: 11 anos

Rafael Soares P. turma 501 idade: 11

Língua Portuguesa

"Eu descobri que o poema é uma coisa
que toma conta do nosso coração..."

Eu descobri a minha criatividade
a minha personalidade e inteligência..."

"Eu senti uma vontade grande de pintar..."

Eu descobri que, misturando as cores, dá
outras cores que nem sabia que existiam."

Michelle S. Machado T. 501

Sei para mim um momento
de muita dor e de muita
culpa que naquele dia
eu iria escrever o meu 1º
livro. Não fiquei nervoso,
mas me esqueci, e só fiz
o meu 1º livro que conta
uma história sobre o mun-
do atual. Sei bem a sen-
sacionalidade de um pouco
deste mundo lá fora? Sei
que muito feliz por ter es-
crito este livro para de-
scrição.

9/12/1974 T.503

Eu dedico este meu 1º livro

de poesia à minha preferi-
da. Esta por ter mi-
nistrado a fazer, entender o que

é uma poesia. (Assinatura) T.503

É um livro muito
interessante porque
é um livro educati-
vo. (Assinatura) T.503

EU E O MEU LIVRO

Quando soube que ia

fazer um livro saí para

ficar muito feliz e

emocionada, e agora

que o livro já está

pronto fico conten-

tíssima, por ter o

meu nome na capa
do livro em que

eu comecei a escrever

Silvana Ferreira

T. 503

Ao receber a notícia,
de que iria escrever o

meu 1º livro, fiquei mu-
ito ansiosa

Fiquei indecisa para

escolher o tema do livro

e muito bom, agoran-

ter várias opções e po-

der escolher livremente

o que quisermos, e a Profª

Sueli B. que dá essa sen-

sacão para todos nós.

Aline Y. Salles. T. 503

Eu aprendi que amar não
é brincadeira nem ~~de~~ de
no papel. Qualque
épica. Flamini B. Lima 503

Eu descobri que as vezes matar
sauidade é bom, maravilhoso, e
conhecer um pouco da sauidade é a
coisa que eu queria...

Sheila dos S. P. T. 503 idade 11 anos

Se eu quisesse aprender alguma
coisa para minha vida eu
teria que perguntar o que eu queria
a resposta Morais Roberto T. 503

Eu descobri a
mente.

Eu sei que eu estava
fazendo uma experiência

Maria O. de Almeida Pinto T. 503

Eu descobri que sou capaz de pensar e
fazer qualquer tipo de coisa.

Eu desenvolvi a mente para que eu
possa ser também um

Eu aprendi que eu posso ser um poeta
de alta ou baixa categoria, mas sou
um poeta. Flávia Lima de Santana T. 503

Pais Ailton,

ao receber este livro,

lembra-se que todos são

livres para amar

Não tendo preconceito de

cor, de idade ou de

questão de recursos

financeiros

Faça Lima de Oliveira T.501

Agradeço - à Srta. Sueli porque
foi ela que me ensinou como
fazer poesia, e fazer um livro e
ela ficou sempre do meu lado.

Agradeço - ao meu pai porque
ele sempre está do meu lado
dando força em tudo que eu
faço.

Horacio Santiago

T.503

Agradeço a minha mãe Sueli por
por nos ensinar muitas coisas e
ajudar nos momentos difíceis

faço do o meu livro. Tatiana T.502

Eu espero que você, leitor
esse livro e, entretanto
que eu escreva e quando
terminar de ler, goste do que
eu escrevi e sua opinião

(m) meus amigos.
Juliano / T. 503

Cyrtana que não livro para um futuro,
bem discutido.

Quem que possa, porém, apudem a
falem

- Que existência!

Este livro é educativo para os muitos
pessoas podem ~~se~~ gostar e aprender
um pouco da vida

Vivian S. T. 503

É esse livro que
mim sempre usei
muito especial.
I Bora T. 503

Eu achei isso muito especial para
mim, eu acho isso muito bom porque
se eu não tivesse estudando, eu
não poderia fazer esse livro de
pessoas.

Na próxima vez, eu vou fazer
bem melhor. Ana Paula T. 501

30.000.000 - Rubrica
Sueli Costa por permito
que eu fizesse este meu
primeiro livro e a minha
mãe por me educar nesta
escola. Livro de Sueli Costa T. 501

Espero que goste deste
livro porque amo tanto
que respeito as
pessoas de antes e aos
apresentados. Mônica T. 501

Quando veri ler o livro,
diminui-se de que as pessoas,
quando se encontram nos des-
cobertas de coisas novas por
as a liberdade.
Mônica T. 501

Os olhos muito pequenos, eu

pequeno livro de Sueli Costa

Anderson Sals 501

Escrevi um livro e sim
plimente ter logo de
tudo e pensar no futuro.
eu sou um autor!
Bruno K. H. T. 501

Eu sou um aluno que tem
a capacidade de fazer um li-
vro com a ajuda de minha mãe
e da minha irmã. Livro de
um aluno de um curso de T. 501

Eu fiz o livro porque gostei um
pouco para mim mesmo mas
é nada mais porque um livro
para centenas de outras mu-
lheres de outros países
é muito bom. Mas na Comu-
nidade de Deus que não se con-
tém nada. Eu não sei se
está completa mas eu me de-
diarei a me esforçar o máxi-
mo que eu posso.
Benevolência x. 503.

Eu agradeço a Deus
por ter-me ajudado
a fazer este livro.
A a minha Sali Costa.
Kelly Cristina de Almeida A. 7.501

Dedico este livro
principalmente para
as pessoas que me ajudaram
a entrar no mundo.
Gratidão x. 504

Dedico este livro para
mim e para minha mãe. Vivian 3 7.501

"Desabrota novos caminhos na minha mente, de
pensar, criar, imaginar, me concentrar, desenvolver
de também o que é um resumo, como um filme...
Desenvolvi muito mais o poder de criar de
criar...

Aprendi que muitas vezes, a vida pode
ser um filme, mas muitas vezes, ela é ainda
e tudo isso!! Bernardo Carmo URM 503

• Eu senti inspiração.

Eu aprendi que devo ter muita
atenção e dar valor ao meu trabalho.

Aluno: Roberto r: 503

idade: 12

Língua Portuguesa

• Eu desenvolvi a minha

concentração, a minha criatividade

e a minha atenção ao detalhe.

Michelle Cristina dos Santos Resan | 1: 503

Quando eu fui fazer
 uma reunião com os
 alunos, fiquei muito
 a vontade, mas não
 pude falar com eles
 porque estavam muito
 cansados. **TERROR.**
 Também fiquei
 a falar do meu livro,
 falando com os alunos
 sobre o meu livro.
 Vanessa

Eu fiquei assustado
 quando a professora
 falou que iam fazer
 nossa primeira + lição,
 mas até que gostei, por
 que gostei de fazer poe-
 sis e expressar o que
 eu sinto. Daniel Ramalho 1503

Hoje fui ao liceu com a minha
 irmã ao mundo da leitura
 escrita.

João António

ALUNOS DO PIC / 79 SÉRIE

O medo é aquele sentimento de fragilidade e simplicidade. A minha maior phobia é o afogamento, agonizando sem poder respirar e tendo os pulmões queimando sem ar.

Depois, começar a perder os sentidos e sentir a escuridão.

Estou do outro lado, na presença do todo poderoso, esperando minha sentença, glória e descanso aí...

queimar e agonizar

~~Indicador~~

Rio de Janeiro 30/06/92

Aluna Anderson da Silva R. T 703 idade: 13 anos

PIC - L.P.

prof: Sueli Costa

Auto-avaliação

Hoje eu pude captar em mim o meu maior medo e passá-lo para o papel.

J. 12/92

Algo de garbado, e eu olhei de novo

Maria Juliana Almeida da Silva T. 101

Algo de boca - e não -

dito. Amarelo.

Algo esticando como se eu estivesse com o braço por dentro no desconhecido.

• Pode ser que eu não esteja com o mesmo nome que

Qualquer pessoa tem um ou diferente dentro de si.

• passando por algo parecido com o nome de dentro da gente. Li se suscitando.

Adriana da Silva Oliveira T. 101

eu aprendi que olhando lá não pinto as cores, eu lembro muitas coisas ruins e felizes.

Aluno: Aloni T. 101 Idade: 12 anos

Aprendi que devemos descrever nossa memória, nossa imaginação, lembrar tudo que colocamos no papel, do nosso interior.

Maria Juliana Almeida da Silva T. 101

Eu sinto, como se não tivesse no mundo, como se eu não tivesse com a minha família e amigos, como se eu não tivesse o lado bom do lado, e também como se eu não tivesse que o mundo faz. Algo muito perto, mas quando olho eu sinto que vejo a vida na vida.

É que foi muito longe quando eu estava fazendo, mas estou aqui para lembrar alguém. }

aluno: Regina N. da Silva 10.10.11

[achei ótima a aula, foi bom para
minha cabeça, só assim eu consigo
pensar na minha ~~cabeça~~ vida.

Eu resolvi fazer de amor porque eu percebi
que dentro do meu coração e resolvi fazer
pelo a minha vida

a minha experiência foi boa porque
assim eu consigo falar de mim.]

[Acho que essa aula foi boa porque
como eu estou falando de Amor e porque
eu estou triste dentro de mim, por fora estou
feliz (só na aparência), por mais por dentro
estou abaixo do chão

Eu pensando eu consigo ^{entender a} ~~entender a~~
minha vida.]

Aluno: Hugo Geraldo Alves Costa 1705 14 anos

Professora: Eli Costa: (Eu - LP).

auto avaliação

Neste trabalho foi um prazer, gostar deste trabalho
pois nunca tinha feito um desse,
descobrimos que ao fazer este trabalho
eu senti alguma coisa que nunca
tinha sentido.
aprendendo que devo fazer outros e sou ^{mais} ~~mais~~
inexperiente nesta e outras ^{aulas} ~~aulas~~, gostei pro-
funda, você está de parabéns!

amor, coisa maravilhosa, eu sinto o amor
fazendo este trabalho.

Aluno: Walema Duka S. do Bug. T. 703 Idade: 12 anos
Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

- desenvolver muito a minha imaginação
 - como me expressar quando estiver alegre, triste, quando estiver com êdio ou amando alguém.
- Apreendi a fazer rabiscos cores bonitas, a dar valor as cores.

Aluno: Denis Leandro Camillo Bezerra. T. 703 Idade: 13 anos
Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto avaliação

- Senti a sensação de segurança, aprendi
- que com as cores ajudam a revelar nossos
- sentimentos nas cores certas.

Aluno: Alexandre Albuquerque de Souza. T. 703
Idade: 13 Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-Avaliação

- Eu senti uma emoção muito grande não dá para dizer com palavras e um sentimento do fundo do coração

Aluno: Tião R. Guerra Neto T. 707 Idade: 23 anos
Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

- Eu senti alegria e tristeza, foi legal a aula, aprendi muitas coisas. Fiz bonitas pinturas.
- Obrigado D.ª Sueli por esta aula.

Aluno: Augusta Castro de Gusmão T: 704 Idade: 13 anos

Eu senti uma coisa boa, positiva, bem legal. Também descobri que há várias cores para abstrair a memória, o entendimento.

Consegui me desenvolver mais, tomar mais juízo. Desenvolvi uma obra prima.

Aprendi que na vida há várias formas para brincar, rir, se divertir e etc. Também aprendi ter mais calma, mais serenidade, mais compreensão com as pessoas, tentar entendê-las e ter mais juízo na avaliação.

Aluno: Renata Rodrigues T: 704 Idade: 13 anos

1) Foi um desabafo. Tiveste a vida de um de tristeza

2) Que se ele confiasse na minha mãe teria um desabafo, e poderia estar vivo.

3) Um sentimento de saudade muito forte.

4) Que nunca vai me envolver com nada, que magoe a minha mãe, ou que possa destruir a minha vida.

Desabafo

A minha maior tristeza, aconteceu há dois anos atrás quando o meu irmão morreu. O irmão que eu mais amava, o irmão que via cheio de alegria, cheio de vida. Que a minha mãe lutou demais pra curá-lo quando ele ia fazer dez anos. Ele morreu, um irmão que tinha tudo pra ser feliz, até chegar a adolescência com pouca frequência de lazes, até aí tudo bem. Minha mãe não ligava por ele não quem mais dava orgulho a ela. Até que ele se envolveu com drogas, virou a cabeça. Minha mãe não sabia. Até que ela descobriu um dia antes dele morrer. Minha mãe brigou muito com ele e ele não abriu a boca nem pra se desculpar. Ele não confiou nela e morreu, morreu por que estava levando a boca de fumo. Até hoje nunca achamos o seu corpo.

Aluno: Ana Cristina G. Gonçalves T. 706 Idade: 14 anos

Me senti como se estivesse
~~como~~ viajando no paraíso,
num sonho de fantasia.
Descobri que se não fosse
as cores o que seria do
mundo, seria triste talvez.
alige para alguns.

Aprendi que sem as cores
minha vida seria triste,
porque sem as cores como
representaria meus sentimentos

Aluno: Waniel Ferreira Da Silva T. 702 Idade: 13 anos

Gostei da aula e me sinto mais solto com
os sentimentos.

A experiência também me ^{mostrou} ~~mostrou~~ a
situação do ser em certas ocasiões.

Aluno: José Roberto das Silva Rocha Junior T. 701 Idade: 12 anos

Senti algo muito forte dentro de mim, emoções.

• Relembrei vários momentos de minha curta vida, quero
dizer, ainda tenho 12 anos de idade, e ainda falta muitos anos pela
frente.

• Adorei esta aula, me fez refletir meus sentimentos passados

aluno: Daniel de Jesus T. 705 Idade: 14 anos

• Hoje eu senti uma coisa maravilhosa e
consegui expressar o que sinto.

Descobri que existe coisas no mundo que pos-
são ser aproveitadas.

• Desenvolvi o melhor trabalho que já fiz até hoje, saber
como é bem viver a vida no mundo das cores.

Eu aprendi que é ^{bom} viver a vida, aproveitar
o bom de tudo que irá acontecer comigo.

• Aprendi que a vida é boa se vivida
não se destruída.

Sumo Amália Batista T. 705 2da. 14 anos

Hoje eu gostei muito da aula
muito muito gostei falando
sobre as emoções do momento
sentimentos e descobri
que a arte faz parte do
nosso mundo e do nosso ser

- A primeira na minha vida
que ~~eu~~ não podemos
fazer tudo que nós queremos
e também usamos a arte
um máximo de arte
de hoje

~~Sumo~~ Leticia Denise S. Pereira T. 705

~~Sumo~~ 14 anos ~~Sumo~~ Sumo

~~Sumo~~ (P. 20)

~~Sumo~~

[Hoje eu me senti bem dizer palavras
em papel e uma forma de papel de memórias
meus sentimentos.

Eu me sinto como se estivesse com
uma coisa.

Eu tenho que admitir que adoro a
experiência, por eu expressar meus
sentimentos e escrever o que um dia se
passa comigo.

Eu aprendi que não é só de palavras
que se vive e sim que podemos viver.

Então eu amo esta experiência.]

Aluno: Fátima Souza da Cruz
Prof.^a Sueli Costa (Pia - LP)

Auto - Avaliação

[Eu senti que a aula foi boa. Bom, os sentimentos
Amor, ódio, tristeza e alegria são sentimentos mais do
que a vida, mas os sentimentos e sentimentos são mais do que a
vida.]

- Eu descobri que os sentimentos são mais do que a vida.
- de muita importância, mais quem mais tem
- sentimentos mais a vida é mais importante.

Aluna: Lexônica Franquini Leonhardt.

Turma 106 - idade 14 anos.

Professora: Sueli Costa (Pia - LP)

Auto - avaliação:

Gostei. Sim, porque foi uma coisa diferente das
outras que faço, eu senti uma sensação
boa.

Hoje na minha aula eu aprendi al-
guma coisa a mais sobre os sentimentos.

Aluno: Simone Pereira Mendes Tello - idade 14 anos

Hoje eu me senti em muitas coisas, aprendi
que cada momento da vida tem uma cor
diferente, tem um jeito de sentir a vida.

Eu gostei muito da ^{aula} e senti que a minha
vida não é tão triste como parece.

[Senti imagens de diferentes sentimentos e
colocar sentimentos de dentro do coração.]

Descobri as cores dos sentimentos,
descobri minha mente]

Aluno: Wanderson R da Rocha T: 103 IDADE 13 anos

Rosane T: 705 Idade: 14 anos

Todos nós

somos iguais. A vida poderia ser um mar de
rosas. Por que todo mundo chora, mais não é isso
porque todo mundo chora? Eu não deveria chorar
também? Se você ver uma pessoa chorar, não se con-
sola, mais depois não faça a mesma coisa.

Aluno: Eliana Alice dos Santos Silva

T: 701 Idade: 12 anos

- Eu me sinto feliz escrevendo o que
eu sinto, como eu sou espontaneamente e
descobrir uma pessoa que tenho aqui
dentro de mim que se assemelha até eu
muita coisa para poder me escrevendo.

Aluno: Eugênio de Matos Buleiro

T: 701 Idade: 13 anos

- Eu gostei desse trabalho porque eu
pude fazer tudo espontaneamente.
Eu descobri que misturando as cores
vão cores iguais interessantes
foi a melhor aula que eu tive.

Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1992.

Aluno: Eduardo Tomaz da Silva Junior

Profª: Sueli Costa: T: 701 Idade: 12 anos

(PIC - L1)

- [Senti alegria como o meu primeiro dia de aula no
Wallis Lacerda que foram os momentos maravilhosos por me
fazer bem e alegria isso é que senti, senti as alegrias no papel
como o giz de cera.

Descrevi muitas cores misturas, cores alegres e cores tristes.

Desenvolvi cores alegres, tristes e misturas] @ Jardim da Infância

Aluno: Moisés Elias B. Melo + 101 Idade: 12 anos

Prof. Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

Para dizer a verdade eu não senti nada, pois me pareceu muito familiar. Descobri que o amor e a alegria me prevalecem em mim. Desenvolvi um sentimento mais forte que é a mistura do amor com a alegria que é mais forte que a tristeza e o ódio. Aprendi que não posso viver sem o que acabei de descobrir.

Aluno: Taliana de Lima Tº 704 Idade: 13 anos

Profª Sueli Costa > PIC-LP

Auto-avaliação

1. Eu senti uma coisa diferente que não dá para explicar, uma coisa diferente, gostosa que faz eu fugir um pouco da rotina diária.
2. Descobri que com penas e com problemas posso fazer grandes coisas e me superar.
3. Desenvolvi um ótimo trabalho bem elaborado durante a minha mente.
4. Aprendi que com um pouco de coragem vou poder me superar.

Hoje as palavras mexeram com
meus corações, eu gostei muito
da aula foi muito animada,
eu aprendi coisas que eu
nem imaginava em saber,
aprender eu adoro essa
aula, eu me sinto livre, aberta
Ana Laura Alunes Rocha T. 706 14 anos

Aluno: Elaine Conceição Sousa
Profª Sueli Costa T. 705 idade: 14 anos
Pic - LP

Auto avaliação

Eu senti uma coisa boa, uma coisa
diferente por que fala das coisas das
mentes.
descobri que as cores fazem parte da nossa
vida.
conheci um pouco os meus sentimentos.
aprendi a ser mais amável com as pes-
soas e mais educada com as pessoas
e me realicou.

Aluna Cristiane C. da Silva T. 704 Idade: 13 anos
Profª Sueli Costa - Pic - LP

Auto avaliação

- Eu sinto uma coisa que eu não sentia há
muito tempo, não sei nem explicar, não sei que
me fez lembrar de coisas que não queria.
Eu descobri que ~~se~~ devemos amar uma pessoa
sem mentiras, pois se torna um amor falso. Eu
precisei desenvolver o amor ou seja que a tristeza
nunca vença o amor. Eu aprendi a ~~conhecer~~
amar de verdade.

Aluna Rosimere Rêica Ribeiro T. 704 Idade: 13 anos
Profª Sueli Costa - Pic - LP

Auto - avaliação

Eu senti que na nossa vida há passa de tudo
principalmente a tristeza e ódio pois os que mais
aparecem, descobri que dentro disso tudo ainda
existe um sentimento muito grande e lindo que
é o amor. Eu não desenvolvi porque não entendi.
Que apesar de tudo do ódio, da tristeza e da
alegria, o amor deve reinar em meu ser.

ALUNO: Maris J. de T. 402 IDADE: 13 ANOS

Eu tive uma aula descontraída.

Não tive problema algum para desenhar
ver meu trabalho.

Estou fazendo uma aula desligo
para descontrair nossas aulas de
terça-feira.

Sai que o trabalho não foi
perfeito, mas com o tempo, vou me
aperfeiçoando. Não é por isso que estamos
aqui? Para aprender não é?

Obrigado.

Maris J. de Lento

ALUNA: Guisele Maria T. 704 Idade: 13 anos
Prof.^a Sueli Costa - P.E. - L.P.

Auto-avaliação

• Senti um alívio em poder ^{expressar} ~~atuar~~ o
que estava opresso dentro de mim a
muito tempo, pois sem oportunidade
fui guardando, esperando um momen-
to como esse.

Que pudemos parar várias vezes para
pensar nos em nos mesmos.

Que as coisas ruins nem sempre são
tão más.

Aprendi pensar mais ~~nos~~ em mim.

Aluno: Edvaldo T: 702 Idade: 13 anos
Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

- Eu me senti muito bem.
- Que as cores são muito importantes
- Eu desenvolver o meu pensamento
- Aprendi que sem as cores não era possível ter a natureza.

Aluna: Kameli Romay da Silva T: 704 Idade: 13 anos
Profª: Sueli Costa - PIC - LP

Auto avaliação

1. Sente muita tristeza depois que nós terminamos namoro e alegria depois que nós voltamos.
2. Que se nós fomos na onda dos outros nós podemos entrar pelo lado.
3. Que eu gostava muito do meu namorado e ele também mas só que eu joguei tudo pela janela for
4. Aprendi que eu tenho que fazer as coisas do jeito que eu achar melhor, não o que os outros mandam fazer.

Aluno: Fabiano S. Santos T: 106 Idade: 14 anos
Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

auto avaliação

Aprender que amar a outras pessoas e aprender a perder é muito bonito e que as pessoas devem combater a tristeza e o ódio porque são dois sentimentos ruins que só deixam as pessoas ruins baixo.

Aluno: Jefferson, M. R. de Oliveira 2:701 Idade: 12 anos
Professora: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto avaliação

- Senti uma grande satisfação de pintar na aula de hoje.
- Descobri como se fazem as misturas de cores.
- Coisas que desenvolvi foram cores que nunca vi antes.

Aluno: Edgar Brancato 5:701 Idade: 13 anos
Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto Avaliação

Eu achei que as cores representam muita coisa, como por exemplo a identificar os sentimentos, dar vida a eles.

Aluno: Kelly Cristina A. Pontes 7:703 Idade: 13 anos

Profª Sueli Costa (PIC-LP)

Auto avaliação

Eu senti uma coisa muito boa quando eu comecei a misturar as cores. Eu consegui expressar os sentimentos de alegria, amor, ódio, tristeza. Depois disso eu descobri os sentimentos das cores. Desenvolvi a arte de pintar e aprendi que as cores expressam sentimentos muito fortes.

Aluna: Daniel Cardozo Pereira idade: 13 anos
Profª Sueli Costa - PIC - LP 1.701

Auto Avaliação

Senti uma sensação de paz e felicidade
descobri que todo mundo tem a oportunidade de
ser uma criatividade.

Minha criatividade

apreci que por maior que seja a dor ela
passa.

Aluno: Eriene O. da Fonseca T: 706 idade: 14 anos
Profª Sueli Costa (PIC - LP)

Auto - avaliação

Eu senti um pouco leve
parecia que eu estava
em outro mundo.

Acho que por alguns minutos
ou segundos eu estive fora
daqui."

Aluna: Patrícia Miranda T: 705

Idade: 13 anos

Profª: Sueli Costa - PIC - LP

- ① Uma lição ao pensar
dizos difíceis.
- ② Que tudo nos aproximamos com os
acontecimentos.
- ③ Que tudo vale a pena.
- ④ A reflexão nos mostra os nossos
problemas.

Aluno: Vanice do Valle Rodrigues
Turma: 702 Idade: 12 anos

1. Mas sobre o texto me fez recordar situações ruins, boas, etc...

• Eu acho que essa aula e outras que haverá de fazer para o homem pensar.

Aluna Bruna T. 704 Idade: 13 anos

Descobri que uma pessoa não é só o lado exterior tem também o lado interior que às vezes se magoam e às vezes magoam alguém.

Projeto Sueli Costa → PK - LP

Aluno: Luana Fernandes da Faria T. 704 Idade: 13 anos

- 3. Já senti eu uma coisa diferente de que não dá para esquecer. Senti-me leve e muito diferente do que sou.
- 4. Aprendi que nessa aula nós vivemos bem com os colegas.

Aluna Raquel Alencar Barros. T. 706 Idade: 14 anos

Projeto Sueli Costa (PK - LP)

auto-avaliação

O que aconteceu nesta aula foi gostoso, é bom agente olhar para dentro de nós mesmos e ver o que está se passando, é legal lutar e representar os nossos sentimentos.

O que se passou comigo hoje eu nunca tinha sentido valeu a experiência espero que possa fazer mais vezes

Aluno: Armando G. do Silva Júnior T. 702 Idade: 43 anos
Profº: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto-avaliação

- Eu senti alegria e gostei muito porque amo um desaberto pra mim.
- Eu descobri o que realmente sentia e não era alegria, tristeza, eia e assim.
- Eu desenvolvi meus sentimentos e senti muita calma mentalmente.
- Aprendi a entender melhor os sentimentos dos outros e a vergar de ser o mesmo.

Aluno: Gláucia Maria de Souza T. 702 Idade: 43 anos

- Eu senti um pouco de tristeza porque eu não tenho muito tempo para a vida e não tenho muito tempo para a vida.

Aluno: Lino Borba de Carvalho T. 702 Idade: 43 anos
Profº: Sueli Costa (PIC-LP)

AUTO - AVALIAÇÃO

- Senti muita alegria no trabalho, descobri muitas cores diferentes, achei bom e desenvolvi várias cores, eu aprendi que a minha vida é muito importante, estas cores da alegria, do ódio, do amor e da tristeza, vários sentimentos importantes, eu gostei bastante, foi uma aula descoberta e muito alegre.

Aluno: Rodrigo de B. Rodrigues T. 701
Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto Avaliação

- Eu senti alguma coisa eu não sei explicar o que era mas eu acho que era uma emoção muito grande.
Eu descobri que eu sirvo para muita experiência, por que foi a primeira vez que fiz uma experiência e saiu ótimo.
Eu desenvolvi a minha criatividade.

Aluno: Guimaraes de Paula T. 105 IDADE: 14 anos
Profª: Sueli Costa (PIC-LP)

Auto - avaliação

- Hoje eu senti que essa aula foi boa para desenvolver o raciocínio de cada aluno.
• Descobri cada um tem um sentimento diferente e que é normal sentir o que eles sentem.
• Eu descobri que cada um tem um modo de pensar e de agir, que o mundo ficaria muito mais fácil se não fosse dividido em: maus e bons, ricos e pobres, dia e noite; já pensou se só existisse dia?

Aluna: Simone Alves Soares T.: 105

Idade: 14 anos

Professora: Sueli Costa (PIC-LP)

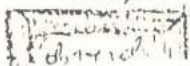
Auto Avaliação

- Senti hoje uma coisa inexplicável.
Descobri que sou capaz de fazer de tudo e só querer.

Aluno: Rodrigo F. L. F. 5 Idade: 14 - anos.

Auto Avaliação

- Eu tive uma semana relaxante.
Eu descobri que a vida só tem graça e harmonia quando.
Eu desenvolvi um trabalho mais sério.
- Eu aprendi que o mundo necessita de amor, principalmente



Aluno: Mariana B. Oliveira Guerra 9.705 Idade: 14 anos

Prof: Sueli Costa (Psc. LP)

Auto Avaliação

- Eu senti uma coisa muito bonita: amor à vida.
alegria. Também consegui sentir o lado da tristeza.
Também descobri as cores descobri que eu posso
fazer uma coisa que eu quero e não vou
Desenvolvi a mente pensando em várias coisas,
cores, pessoas e sentimentos.

ALUNO: Alex da Silva Santos # 702

IDADE: 13 ANOS.

PROF: SUELI COSTA (PIC - LP)

AUTO AVALIAÇÃO

Eu sentia o sentimento da dor.
Eu descobri que cada sentimento
possua suas cores.
Eu desenvolvi o pensamento,
afin o pensamento para formar o
texto.
Aprendi que a vida tem várias
tipos de sentimentos para cada
momento da vida.

Aluno: Gabriel Dalt ST: 701 Idade: 11 anos

Profª Sueli Costa

(PIC - LPI)

Auto Avaliação

- Eu gostei do que se passou hoje, eu tive um pouco de dificuldade, mas logo senti como fazer, eu desenvolvi experiências com giz de cera, o trabalho é bonito em geral.

Eu desenvolvi criatividade com cores bonitas.

Eu aprendi que é bom trabalhar com giz de cera, e fazer trabalhos bonitos coloridos e para a vida tudo tem que ser colorido.

Tudo foi legal.

Aluno: Bernardo Elias de Souza T: 401 Idade: 12 anos

Profª Sueli Costa

Auto Avaliação

Eu senti facilidade para fazer algumas coisas e dificuldade para fazer outras, eu me senti muito bom fazendo os trabalhos.

Eu descobri que ~~na~~ a relação com as cores é muito bom.

Eu desenvolvi trabalhos que me ajudaram a me relacionar melhor com as cores e com o material que é usado na aula.

A aula de hoje me ajudou a relacionar as cores e os sentimentos.

Aluno: Roberto Rodrigues de Oliveira Lourenço.
1: 706 idade 15 anos
Prof: Sueli Costa (pic - LP)

- Hoje eu gostei muito da aula porque tive
• muitas atividades de pintura; mas quando eu ouço
dizer em ódio, eu desconfio
• Eu também gostei da aula porque é uma aula
• diferente dos outros, com muita alegria e compreensão

Aluno: Cristiane Teixeira Gomes 1: 706 idade 15 anos
Prof: Sueli Costa (PIC - LP)

Auto-avaliação

Adorei a aula de hoje muito
interessante, por que a gente
descobrimos o que é amor, a
tristeza, o ódio e a alegria.

• Também descobrimos
o que é a vida da
pintura, por que cada cor
cada pintura tem um
sentido um sentimento
diferente cada coisa está
representando uma coisa
diferente um modo de agir
diferente.

Aluno: Simone da Silva T 103 idade 13 Ano 92
Rio de Janeiro 07 de Abril de 1912.
Profª Sueli Costa (PIC LP)

Auto - Avaliação

- 1) Eu senti uma coisa muito legal.
- 2) Eu descobri que é uma coisa muito interessante e
- 3) desinteressada, isto é uma Arte

Aluno: Leandro de Souza T 705 idade 14 anos
Profª Sueli Costa (PIC-LP)

auto Avaliação

Eu senti um bom fluído na experiência
refletir minhas ideias. E descobri
que não se deve magoar ninguém com
palavras duras e desenvolver minha
arte de pensar e aprender que para
meu bem com você mesmo e preciso
cuidar os outros.

Aluna: Elaine da Conceição Pinho T 105 idade 14 anos.
Professora Sueli Costa (PIC-LP)

auto - avaliação

- 1) Senti um novo sentimento, um ar
mais puro, quando descobri o
significado das coisas. As coisas têm
sentido, significa muito, mas muitas
pessoas não se ligam, não se importam,
sabem que as coisas existem e se ligam
está nas coisas.

Aluna: Sueli Costa da Silva I. 104 Idade 13 anos

Profª: Sueli Costa - P/C - LP

Auto-avaliação

- Eu sou uma pessoa muito feliz e
quero muito. Não tenho medo de nada.
- Gosto muito de estudar, de ler, de escrever.

Aluna: Sueli Costa da Silva I. 104 Idade 13 anos

Profª: Sueli Costa - P/C - LP

Auto-avaliação

Sinto que a vida é um dos momentos mais
bons apesar do amor. É preciso que a vida não seja
uma coisa de tristeza.

Desenvolvi a vontade e muita criatividade.

É apenas que as coisas saiam melhor do que
eu do que a própria palavra, assim como o amor.

Aluno: Maria Carvalho I. 104 Idade 13 anos

Profª: Sueli Costa - P/C - LP

Auto-avaliação

- Eu sinto que sou uma pessoa de muito amor, forte
- Sou uma pessoa que falando eu não tenho medo de falar. Descobri que para escrever eu posso ser livre. Desenvolvi a minha
- criação. Aprendi a ser criativa para tudo em minha vida.

Palavras as vezes não são

necessárias.

Sentimentos não se expressam
por palavras, sim com gestos.

TRANSVERSAL

O mundo negro
de um ex-es-
cravo.

AUTOR:

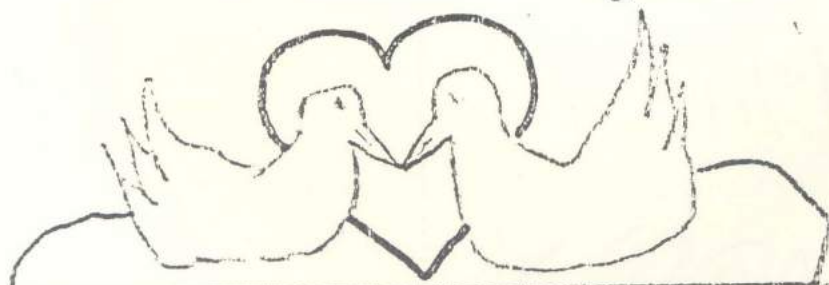
José Carlos / 81

UMA

PROVA

DE

AMOR



DO
TEMPO

81

ENTRE: Raul de lauz

de lauz e a história da Silva

92

OS
Acontecimentos
do
MUNDO



AUTORA: FLÁVIA APARECIDA
EDITORA: FANTASIA

CRÔNICAS

AUTOR: RODRIGO LUIZ FREITAS DE
EDITORA: SINISTRA SOUSA

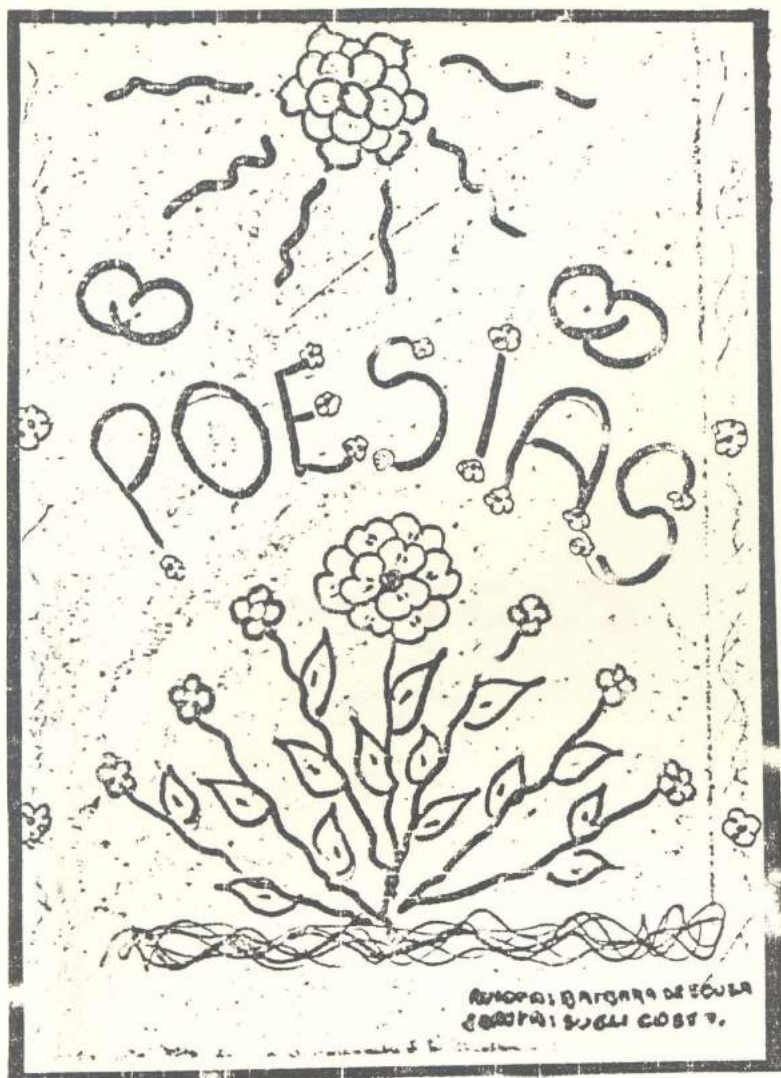
Crônica!

Da

uma

A SOMBRAÇÃO

ROMANCE



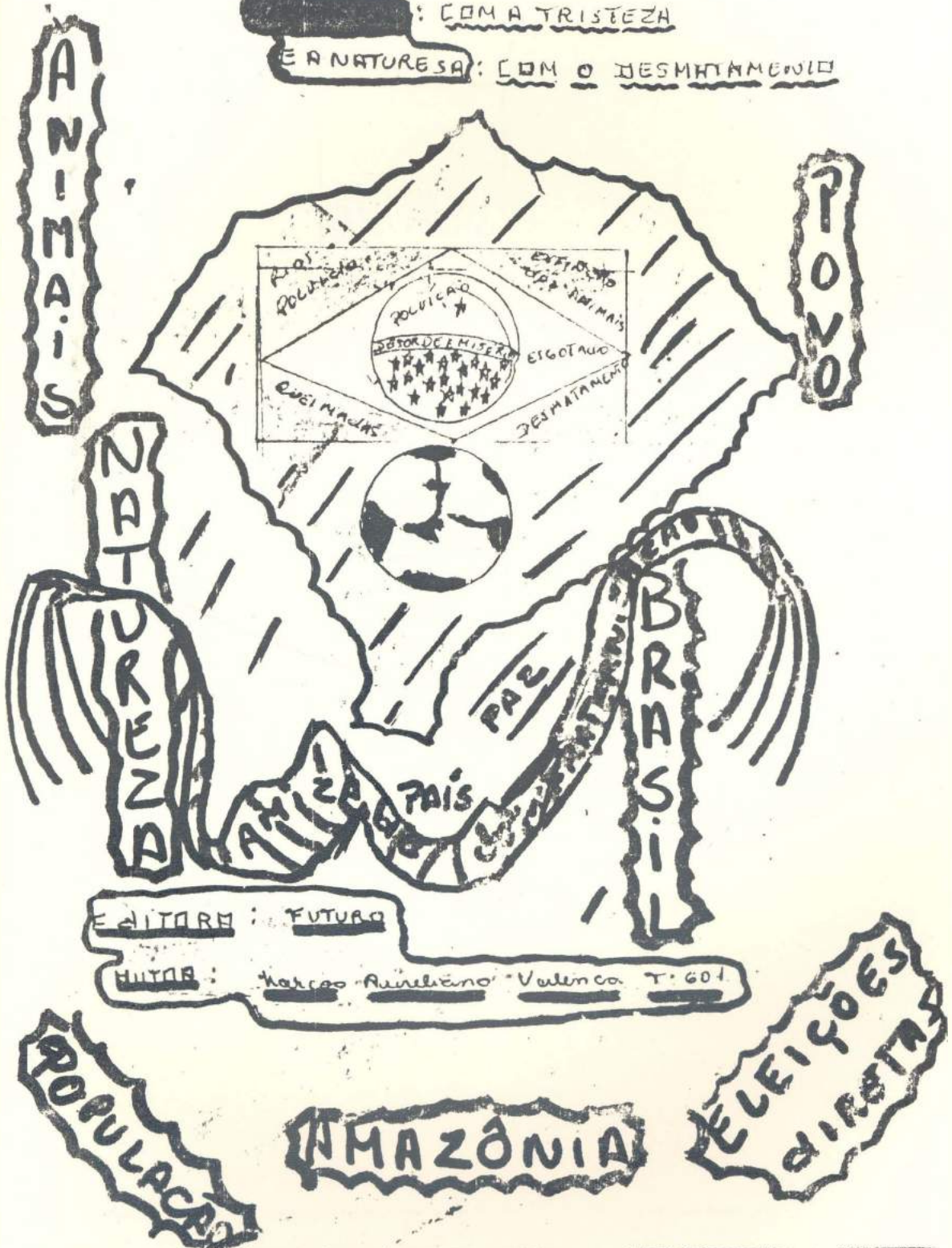
Crônicas Revoltantes



autor: *Ulcio Buente*
editora: *Comunista*

[REDACTED] : COM A TRISTEZA

DA NATUREZA : COM O DESMANTAMENTO





DOM CASHURRO III OU
A LUTA PELA FELICIDADE.

1

DRÓGAS

NAO!

1

Autor: Denson Nicola Vieira

Editora Nicolas

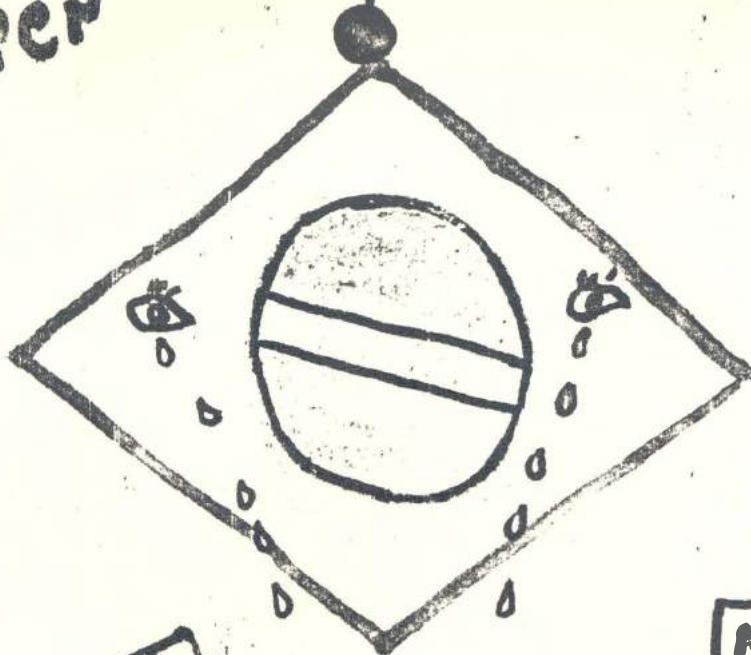
AUTORA: Simone Nolito



PCN



PTV



CORUPÇÃO

FOME

MEIO

EDITORA: MERSALAM

ANEXO 4

DEPOIMENTO

DEPOIMENTO

Os tempos evoluíram, mas a escola não acompanhou esta evolução. Deveria haver um avanço paralelo, como não houve, parece que a educação regrediu. Por isto, está esse caos.

E o pior é que ninguém sabe como resolver o caos. Ninguém consegue: as próprias pessoas que o criaram não sabem como sair dele.

É como um filho viciado: ninguém sabe como chegou ao vício, nem como tirá-lo do vício...

Alguém tem culpa, ninguém assume, nem ousa apontar os culpados.

No entanto, não foi sempre assim, pois ainda na década de 70, com a clientela do subúrbio de Acari (favela) e arredores (um pouco privilegiados sócio-economicamente) conseguíamos fazer **j u n t o s** — alunos, professores e direção — um trabalho onde todos participavam com alegria, com vontade de fazer: havia um **envolvimento** geral.

Até faltavam recursos humanos e materiais, mas ninguém se dava conta disso, porque, num clima contagiante, mágico mesmo, todos se sentiam **dispostos** a criar.

E, neste ambiente, fazia-se teatro e levava-se o aluno ao teatro, promovia-se Concurso Literário, Festival da Canção, criou-se um Coral (muito convidado para apresentações fora da escola e muito premiado), havia aulas de Ensino Religioso (com música, slides, textos para reflexões/lições de vida).

Tudo isto era interligado e irradiado pelo trabalho de

Língua Portuguesa.

Já eram utilizados pela professora (autora deste estudo) tanto para Ensino Religioso como para Língua Portuguesa, música, desenho, pintura, teatro, debates - tudo isso para o aluno chegar à escrita, que fluía e surpreendia aos alunos que julgavam nunca poder colocar algo no papel. Havia um espírito lúdico, faziam com prazer.

A isto eu classificaria como o PRÉ-PIC...

Havia em cada um de nós um Fernão Capelo Gaivota!

Assim era a Escola Municipal Monte Castelo.

E lá se vão vinte anos!

Por que "isto" tão "antigo", quanto "moderno" - PIC - não há em todas as escolas?

Por que esta maravilhosa vontade de fazer não está mais ocorrendo?

No entanto, em contato com os depoimentos destes alunos e professores-juizes, pude observar mais de perto ainda um trabalho que, de certo modo, "lá" começou e - como tenho acompanhado - continua frutificando e evoluindo (sob o codinome PIC), graças ao empenho e dedicação da professora, autora deste estudo.

Só é pena que o PIC seja uma espécie de privilégio de alguns poucos, quando deveria ser um direito de todos.

Realmente, esta professora **c o n t i n u a** sendo um Fernão Capelo Gaivota ...

Jandyrá Chavarri Correa e Castro

- PROFESSORA JANDYRA CHAVARRY CORREA E CASTRO / GEOGRAFIA.